



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN  
MESTRADO EM DESIGN**

**O design sensorial no contexto das comemorações juninas de  
Campina Grande - PB**

**ARISTÓTELES GOMES SILVA**

**RECIFE**

**2023**

ARISTÓTELES GOMES SILVA

**O design sensorial no contexto das comemorações juninas de  
Campina Grande - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Design. Área de concentração: Planejamento e Contextualização de Artefatos.

Orientador: Guilherme Ranoya Seixas Lins

**RECIFE**

**2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Aristóteles Gomes.

O design sensorial no contexto das comemorações juninas de Campina Grande - PB / Aristóteles Gomes Silva. - Recife, 2023.  
165p.

Orientador(a): Guilherme Ranoya Seixas Lins  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Design, 2023.

1. comemorações juninas. 2. memória coletiva. 3. tradições. 4. design sensorial.  
5. design emocional. I. Lins, Guilherme Ranoya Seixas . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

ARISTÓTELES GOMES SILVA

**O design sensorial no contexto das comemorações juninas de  
Campina Grande - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Design. Área de concentração: Planejamento e Contextualização de Artefatos.

Aprovada em: 13/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Guilherme Ranoya Seixas Lins (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Maria Marsicano Damazio (Examinadora Externa)  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

## RESUMO

Os festejos juninos são reconhecidos como um importante veículo de comunicação da memória coletiva. Os objetos, as imagens, os sons, os cheiros e os sabores que compõem todo o universo desta prática celebrativa, desempenham um papel fundamental nas lembranças das pessoas e no partilhamento das tradições e identidades dos grupos; transformando-se em símbolos representativos da festa. Demonstra ser um excelente campo de pesquisa para os estudos do design sensorial. Considerando que aquisição e transmissão de informação, que constitui todo nosso repertório, não se restringem apenas a percepção visual, mas uma percepção multissensorial. Sendo assim, o objetivo desta dissertação é trazer contribuições iniciais para o design sensorial no campo das comemorações; com foco na promoção de informações sensoriais significativas no contexto das festas juninas, de Campina Grande- PB. Foi fundamentado em temáticas da memória coletiva de Halbwachs (1990), no design emocional de Norman (2008), em paralelo com as contribuições de Damásio (1996), sobre a percepção sensorial. Todo percurso metodológico foi orientado através da observação participativa. Mediante a uma observação in loco, no rastreamento dos estímulos sensoriais percebidos e simultâneo a uma aplicação de questionários, em busca das memórias dos participantes sobre o festejo junino; sendo essas falas interpretadas e organizadas segundo a tese de Damazio (2005) e os estudos de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981), em busca da sensorialidade dos artefatos de comemoração.

**Palavras-Chaves:** comemorações juninas; memória coletiva; tradições; design sensorial; design emocional.

## ABSTRACT

The June festivities are recognized as an important vehicle for communicating collective memory. The objects, images, sounds, smells and flavors that make up the entire universe of this celebratory practice play a fundamental role in people's memories and in sharing the traditions and identities of groups; transforming into symbols representing the party. It proves to be an excellent field of research for studies of sensorial design. Considering that the acquisition and transmission of information, which constitutes our entire repertoire, are not restricted to just visual perception, but multisensory perception. Therefore, the objective of this dissertation is to bring initial contributions to sensorial design in the field of celebrations; focusing on promoting significant sensory information in the context of the June festivals, in Campina Grande- PB. It was based on themes of the collective memory of Halbwachs (1990), on the emotional design of Norman (2008), in parallel with the contributions of Damásio (1996), on sensory perception. The entire methodological path was guided through participatory observation. Through observation and fieldwork, tracking perceived sensory stimuli and simultaneously applying questionnaires, searching for participants' memories of the June celebration; These speeches were interpreted and organized according to Damazio's thesis (2005) and the studies of Csikszentmihalyi and Rochberg-Halton (1981), in search of the sensoriality of commemoration artifacts.

**Keywords:** June celebrations; collective memory; traditions; sensory design; emotional design.

## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....	11
1.2	PROBLEMÁTICA DA PESQUISA .....	12
1.3	OBJETIVOS .....	12
1.4	METODOLOGIA.....	13
<b>2</b>	<b>SOBRE AS COMEMORAÇÕES .....</b>	<b>16</b>
2.1	O QUE SÃO AS COMEMORAÇÕES .....	16
2.2	SOBRE AS COMEMORAÇÕES JUNINAS DE CAMPINA GRANDE - PB .....	20
2.3	A MEMÓRIA COLETIVA E AS TRADIÇÕES .....	31
2.4	OS ARTEFATOS DE COMEMORAÇÃO .....	35
2.4.1	A cultura material nas comemorações.....	35
2.4.2	Buscando os artefatos da memória junina.....	40
2.4.3	Identificando os artefatos da memória junina. ....	62
<b>3</b>	<b>DESIGN EMOCIONAL / DESIGN SENSORIAL.....</b>	<b>66</b>
3.1	DESIGN EMOCIONAL .....	66
3.2	DESIGN SENSORIAL .....	74
3.2.1	O design além do visual .....	74
3.2.2	Percepção Sensorial.....	78
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA EM CAMPO .....</b>	<b>95</b>
4.1	ETAPAS DE COLETA DE DADOS.....	96
4.1.1	Observação <i>In loco</i> e Aplicação de Questionários .....	96
4.2	OBSERVAÇÃO <i>IN LOCO</i> .....	97
4.2.1	Parque do Povo.....	99

4.2.2	Vila Sítio São João .....	120
4.3	QUESTIONÁRIOS.....	126
4.4	ORGANIZANDO E INTERPRETANDO AS MEMÓRIAS DAS FESTAS JUNINAS.....	129
4.4.1	Organização das coisas queridas.....	130
4.4.2	Organização das coisas que fazem bem lembrar.....	131
4.5	ORGANIZAÇÃO DOS ARTEFATOS COMEMORATIVOS DAS FESTAS JUNINAS .....	133
4.5.1	Organização por tipo de artefato .....	137
4.5.2	Organização por tipo de serviço oferecido .....	138
4.5.3	Organização porque lembram espaços e tempos .....	138
4.5.4	Organização porque lembram pessoas .....	141
4.5.5	Organização porque lembram a grandiosidade da festa .....	143
4.5.6	Organização por experiência.....	143
4.5.7	Organização por sentimento evocado .....	147
4.5.8	Organização por estímulo sensorial .....	152
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>155</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>161</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Permita-se imaginar participando das comemorações juninas (Figura 1). Dê uma olhada ao seu redor. Observe os estímulos visuais, a fogueira, as bandeirolas, as cenografias, as decorações, as manifestações gráficas e identifique a quantidade de cores, formas, dimensões, texturas e imagens percebidas. Agora ouça cuidadosamente a variedade de sons altos e baixos, distantes ou próximos. O som da sanfona, da zabumba e do triângulo, as músicas de forró tocando no ambiente, o arrastar de pés durante as danças no salão, as risadas e conversas de diversão, os sons dos fogos de artifícios ou a voz do seu cantor preferido. Respire fundo e comece a identificar os aromas que pairam sobre o ar. O cheiro do milho, da pamonha, da canjica, da fumaça da fogueira, do perfume exalado ao abraçar alguém querido, da cachaça no copo de pinga ou do odor de pólvora das bombinhas. Com estas observações, você exercitou três dos seus sentidos.

Figura 1- Símbolos representativos das festas de São João



Fonte: reprodução de internet/ montagem do autor

As comemorações juninas são essenciais para a construção da memória coletiva de uma comunidade. E os objetos que compõem o universo da festa, também. Sendo assim, pode se dizer que não existem comemorações sem os artefatos. Eles são totalmente relevantes para o compartilhamento das tradições e para manutenção da festa; funcionam como suporte mnemônico, onde as pessoas interagem e adquirem informação significativa. Ou seja, os artefatos das comemorações juninas são mais

do que meros bens materiais não-utilitários. Eles são considerados símbolos representativos dos festejos juninos, que conduz a população a uma experiência significativa.

Para Saito (2010), os artefatos símbolos de uma tradição encerram grandes questões nas práticas comemorativas. Além de fornecer pontos focais para manter a atenção dos participantes, esses símbolos fornecem informações que moldam nossa memória e os padrões de pensamento e sentimentos sobre um passado compartilhado. Para o autor, esses objetos são multissensoriais: eles geram significado em múltiplos registros sensoriais.

Sendo assim, as informações sensoriais que os artefatos das comemorações carregam, são repletos de significados. Esses insights percebidos evocam lembranças e nos conectam emocionalmente a eles. Dessa maneira, criamos vínculos afetivos com esses objetos mediados pelos sentidos. E as reações das sensações que sentimos, tocam nossas emoções e são relevantes para os projetos de design sensorial. Para Lupton et al. (2018) e Shedroff (2009), o design é compreender o mundo dos sentidos. Logo, o termo design sensorial é apenas uma expressão utilizada pelas disciplinas de design para promover experiências significativas, através das nossas capacidades de perceber os estímulos sensoriais.

Esse estudo foi fundamentado à luz dos pensamentos de autores das ciências sociais, sobre as comemorações e as festas juninas. E se aprofundou em temáticas da memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990), considerando a importância do entorno material desses festejos para a manutenção e transmissão das identidades coletivas. Segundo Halbwachs (1990, p.85) “o centro das tradições é a própria memória coletiva”. Sendo ela mesma um fenômeno social, construído e mantido por meio das experiências e do entorno material partilhados por um grupo social. E foi conduzida, no entendimento do campo do design emocional, através dos trabalhos do cientista cognitivo Donald Norman (2008), e da percepção sensorial do neurocientista Antônio Damásio (2004). Em relação à capacidade emocional das pessoas reagirem aos estímulos sensoriais, sabendo que nossos sentidos estão a todo momento registrando

uma imensa variedade de informações sensoriais do meio externo. Sendo esses estímulos emocionalmente competentes em desencadear uma emoção.

O objetivo desta dissertação é trazer contribuições iniciais para o design sensorial em projetos de comemorações, com foco na promoção de experiências sensoriais positivas no contexto junino de Campina Grande- PB. Os capítulos dois e três desta pesquisa, incluem toda discussão teórica. E em paralelo com o segundo capítulo, temos uma pesquisa exploratória: na finalidade de localizar em sites, redes sociais e plataformas de música da internet, depoimentos espontâneos sobre as memórias das pessoas sobre a festa junina. No quarto capítulo, consta todo percurso metodológico de observação participativa, através da observação em campo, simultâneo à aplicação de questionários. Como também, toda interpretação e organização das falas dos participantes, sobre as memórias juninas, apoiados pela tese de Damazio (2005), sobre os artefatos que fazem bem lembrar, e os estudos de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1991), sobre o significado das coisas queridas.

Sendo assim, este trabalho propõe trazer considerações para o design multissensorial. E demonstra a importância do designer entender e compreender aquilo que é percebido pelas pessoas. Considerando os sentidos essenciais para interpretação do mundo externo, como para a aquisição de conhecimento. No fenômeno das comemorações juninas, como campo de estudo desta dissertação. Observa-se uma grande promoção de estímulos sensoriais que compõem todo universo da festa. Oferecendo vários insights que poderão contribuir em futuros projetos e pesquisas de design de informação, que estejam mais envolvidos com a dimensão humana. Para Sherdroff (2009), um ótimo design deve ser consistente, claro e comunicativo. E isto se relaciona com os atributos perceptíveis que cada pessoa e contexto possui.

## 1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

As comemorações juninas de Campina Grande – PB, possuem uma função bastante significativa para sociedade. Essas práticas, além de serem consideradas uma das dimensões mais antigas da sociedade, visa a manutenção das tradições e a transmissão dos valores e sentimentos; traduzidas em diversos tipos de linguagens e suportes mnemônicos.

Ou seja, os indivíduos recorrem constantemente aos artefatos de memória, com o propósito visível de preservar as suas lembranças. Sendo através da cultura material que compõe todo universo da festa, que as pessoas evocam o sentimento de pertencimento, promovem as relações sociais, criam vínculos afetivos e fortalecem as suas identidades.

Nesse sentido, não existe comemoração junina sem as coisas. Esses objetos comemorativos são essenciais para a vitalidade do festejo. Seja através dos estímulos das imagens, dos cheiros, dos sons e dos sabores que compõem todo o universo da festa. Em outras palavras, elas proporcionam inúmeras experiências sensoriais. E essas sensações estão profundamente ligadas às pessoas, lugares, sentimentos e episódios significativos.

Sendo assim, estudar a temática das comemorações juninas, torna-se pertinente, pois não existe nenhuma pesquisa atual, dentro do campo do design de informação, que tratam esses fenômenos na perspectiva do design sensorial. Abrindo novos campos de estudos e práticas possíveis para o designer atuar. Levando em conta, que as pesquisas do design de informação têm conduzido, consideravelmente, suas questões para os aspectos visuais. Enquanto adquirimos informação mediante todos os nossos sentidos.

Logo, esta dissertação propõe se aprofundar em temáticas sensoriais, além do visual. E construir subsídios teóricos e metodológicos para o campo das comemorações através do design sensorial.

## 1.2 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

As manifestações culturais dos festejos populares e a cultura material que fazem parte do universo das festas juninas ocupam um lugar bastante expressivo na comunidade. A população recorre constantemente aos artefatos comemorativos com o propósito de evocar uma lembrança e preservar as suas identidades coletivas.

O design, desde então, demonstra ter uma capacidade de abordagem que emprega os momentos significativos das pessoas no centro de todos os esforços de um projeto. Colocando as necessidades subjetivas dos indivíduos como fator relevante na compreensão e categorização das experiências.

Sendo assim, considerando a importância das comemorações juninas para dimensão humana, destacando os artefatos comemorativos como veículos importantes para a manutenção da memória coletiva. E que o design, não é simplesmente uma atividade que compete apenas na criação de objetos e imagens, mas um processo que permite atuar como agente para promoção de experiências em todas as modalidades sensoriais.

A problemática desta pesquisa se propõe investigar as informações sensoriais percebidas na interação das pessoas com os artefatos comemorativos, implementados no contexto das festas juninas de Campina Grande – PB. Considerando a sua importância no fortalecimento das suas tradições. E prover subsídios para projetos relacionados ao campo de design de comemorações.

## 1.3 OBJETIVOS

- **Objetivo Geral**

Trazer contribuições iniciais para o design sensorial em projetos de comemorações com foco na promoção de experiências sensoriais positivas.

- **Objetivos Específicos**

Os objetivos específicos foram elaborados obedecendo as seguintes etapas: localizar, identificar, interpretar e organizar, proposta por Damazio (2005), em sua tese sobre artefatos que “fazem bem lembrar”.

1. Discutir subsídios teóricos que construa a relação entre as comemorações juninas, a memória coletiva e o design emocional/sensorial;
2. Identificar os artefatos comemorativos das festas juninas que promovem os estímulos sensoriais significativos;
3. Organizar, interpretar as lembranças das pessoas conforme a modalidade sensorial, as experiências promovidas e os sentimentos evocados.

#### 1.4 METODOLOGIA

Este projeto tem como campo de estudo os festejos juninos, realizados durante o mês de junho na cidade de Campina Grande – Paraíba. E tem como objeto de estudo, os artefatos comemorativos envolvidos durante o festejo.

A presente pesquisa será do tipo exploratória e descritiva e inspirada em características fenomenológicas. E será fundamentada na literatura pertinente dos seguintes temas: comemorações, memória coletiva, design emocional/sensorial.

Devido ao campo de estudo deste projeto possuir um ponto de partida: a observação dos fenômenos dos festejos populares, a descoberta das suas relações e generalizações, e, além disso, se inserir no campo das ciências sociais. O método de abordagem empregado para esta pesquisa, foi o indutivo (do particular para o geral); entendendo a experiência sensorial das pessoas como fenômeno vinculado à memória. E o método de procedimento será a observação participativa, partindo da importância do pesquisador se aprofundar e compreender as experiências sensoriais, as relações sociais envolvidas e os sentimentos evocados na interação das pessoas com os artefatos comemorativos. Observações que não se restringem apenas pelo que é percebido visualmente, mas as percepções em outras modalidades sensoriais (MARCONI e LAKATOS, 2003; FLICK, 2008).

- Etapa Teórica e Exploratória (Localizar e identificar)

Nos capítulos iniciais (2 e 3) compreende toda a fundamentação teórica. Realizadas mediante livros, artigos e revistas científicas.

No capítulo 2, temos um conjunto de autores que tratam sobre as comemorações, a memória coletiva e a importância dos artefatos de comemoração para a manutenção, vitalidade e transmissão das tradições. Em paralelo com este capítulo consta toda pesquisa exploratória em sites, redes sociais (como o instagram) e plataformas de música e vídeos (como o youtube), com relatos espontâneos das pessoas sobre as suas lembranças do festejo junino, evidenciando o entorno material envolvido e os gatilhos sensoriais percebidos na evocação das suas lembranças. Esta etapa foi conduzida de acordo com técnicas de localização e identificação utilizadas por Damazio (2013). Seu método contribui para o entendimento de que as pessoas, coisas, memória e emoção estão intrinsecamente relacionadas.

No capítulo 3, temos o design emocional/sensorial que discorre sobre as respostas emocionais das pessoas aos objetos; correlacionando com a sensorialidade do festejo junino. Nesta etapa, aprofundamos também sobre a temática da percepção sensorial; e em específico das sensações visuais, olfativas e auditivas. Demonstrando todo processo de identificação e interpretação da informação sensorial. Como também, das possibilidades e recursos disponíveis para estimular os sentidos.

- Etapa de campo (Identificar, Organizar e Interpretar)

No capítulo 4, consta todo percurso metodológico para coleta e análise dos dados. Essa fase foi realizada através do método da observação participativa, durante todo o período das festas de São João, de Campina Grande- PB.

A coleta de dados foi implementada através da observação *in loco*, nos espaços do parque do povo e na vila do sítio São João, onde é implementado o Maior São João do Mundo. Em sincronia com aplicação de questionários, mediados pela rede social do Instagram, em relação às melhores lembranças das pessoas sobre a festa junina.

A fase de observação *in loco* demonstra toda a investigação em campo e participação do pesquisador no festejo como nativo/folião. O qual a análise permitiu a identificação e a percepção dos estímulos sensoriais promovidos nos locais de investigação. E a fase dos questionários, que descreve todo o movimento de organização em busca dos atributos sensoriais dos artefatos comemorativos. Norteado pelos estudos Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1991) e Damazio (2004). Ambos trabalhos de grande referência para o design emocional.

- Considerações finais

O Capítulo 5, traz algumas reflexões sobre os artefatos comemorativos do São João, como também os estímulos sensoriais que tornam esses objetos perceptíveis. E comprova que os objetos compõem todo universo da festa são fundamentais para o partilhamento, vitalidade e manutenção da memória coletiva. Como também, são totalmente competentes em evocar sentimentos positivos, reforçar os laços sociais, promover experiências significativas e fortalecer as identidades dos grupos. Em seguida, trazemos algumas considerações sobre alguns desdobramentos futuros.

## 2 SOBRE AS COMEMORAÇÕES

### 2.1 O QUE SÃO AS COMEMORAÇÕES

A etimologia da palavra comemorar vem do latim *commemoratio*, que significa trazer a memória. Remete também a palavra *memorare*, que se refere ao ato de recordar ou lembrar. Logo, o termo em si ganha um sentido quase imperativo, ou seja, o de recordar como uma necessidade.

A vida social humana é marcada e tornada significativa, por uma série de práticas comemorativas que marcam o calendário coletivo. Considerada uma das dimensões humanas mais antigas da sociedade, as comemorações fazem parte da vida social; seja ela na esfera pública ou privada. Constituindo-se de datas consideradas historicamente importantes, como: os descobrimentos de territórios, as fundações de cidades, os nascimentos ou mortes de personagens, as manifestações religiosas ou folclóricas (como o Diwali na Índia e o Carnaval no Rio de Janeiro – figura 2) e assim por diante.

Figura 2 - Festa Diwali e Carnaval



Fonte: Reprodução da internet/montagem do autor

Essas celebrações remontam às civilizações greco-romanas e ao período clássico, através dos discursos, recitais, lápides, arcos triunfais e monumentos que serviam para celebrar as grandes vitórias em batalhas e aos homens que as lideravam. Para João (2003), essa evocação partia da necessidade comum da sociedade de marcar a continuidade de um passado notável, e a afirmação da identidade coletiva, que se fundamenta na memória pelos grupos de acordo com seus interesses, sentimentos e valores.

Figura 3 - Festas de São João



Fonte: Reprodução de internet

As comemorações, desde então, tem se tornado uma das linguagens favoritas do povo brasileiro. Os festejos juninos (figura 3), por exemplo, são considerados uma das festas regionais e tradicionais mais importantes do Nordeste. Se destacando no calendário de atividades culturais da região, propondo a celebração das tradições, seja através dos rituais religiosos, da gastronomia, dos artefatos, das músicas, das danças e das demais manifestações.

No entanto, para continuarmos as discussões sobre o que são as comemorações nesta pesquisa. Torna-se necessário também entendermos a sua aproximação com o termo festas, em específico os festejos populares. Segundo Duvignaud (1983), considera-se a festa como uma comemoração cívica, religiosa, folclórica ou de homenagem, que tem por objetivo o conagraçamento de um fato ou data. Dessa forma, sabendo que as comemorações quase sempre envolvem as festas. Esta pesquisa se utilizará das palavras: “festas” e “festejos”, considerando a sua aproximação com as práticas comemorativas, como também a sua importância na construção de vínculos sociais. Relações afetivas promovidas pelos símbolos das tradições, onde as pessoas interagem através das indumentárias, danças, músicas, comidas e artefatos com objetivo de manter viva a sua cultura e tradições.

Autores como Jean Duvignaud<sup>1</sup> e Norberto Luiz Guarinelo<sup>2</sup>, se dedicaram a estudos da vida cotidiana, em especial, a temas relativos às Festas e Civilizações e a Festas, Trabalho e Cotidiano, respectivamente. Buscando compreender o papel simbólico dessas práticas e seus significados na construção da coesão social, na manutenção dos laços sociais e na transmissão de valores. Além de ressaltar os aspectos lúdicos como elementos constitutivos e as suas capacidades de despertar e animar os sentidos.

Nessa perspectiva, a comemoração se tornou uma das práticas mais importantes da sociedade no processo de retomada do passado e no fortalecimento das suas identidades. Principalmente pela preocupação do grupo com a possibilidade de esquecimento e perda de sentido. Na definição de Raynaud (1994), a comemoração é uma celebração destinada a trazer de volta as recordações de uma pessoa ou de um evento. É um espaço utilizado para perpetuar as lembranças em comum, que indica a ideia de uma ligação entre os homens, e fundada sobre a memória.

Ou seja, a comemoração é a evocação de uma lembrança que está associada a fatos, atos, lugares e pessoas. Está relacionada diretamente a usos sociais, culturais e políticos. E se constitui como um momento privilegiado para a reprodução e a execução daquilo que é comemorado. Para Albuquerque Junior (2012), em tempos de crise de valores e identidades, por exemplo, as celebrações de grandes datas tendem a encontrar no passado uma legitimidade histórica que permita consolidar a memória coletiva.

Logo, deve-se considerar a memória como uma propriedade essencial no compartilhamento e no reconhecimento das lembranças de um determinado grupo ou sociedade. Dos quais podemos atualizar impressões e informações passadas, contribuindo

---

<sup>1</sup> Jean Duvignaud foi um sociólogo e antropólogo francês que estudou as festas e as formas de expressão cultural em diferentes sociedades.

<sup>2</sup> Norberto Luiz Guarinelo é um antropólogo brasileiro que se dedica ao estudo das festas e celebrações populares no Brasil.

no trabalho de manutenção, de renovação, de coerência e de continuidade das suas identidades. Se aproxima de fenômenos ligados diretamente à esfera das ciências humanas e sociais e com estudos relacionados à memória coletiva. Isto é, as comemorações são reconhecidas como veículos da memória coletiva, porque seus esquemas mnemônicos se traduzem em vários tipos de linguagens, assumindo significado, com lócus na identidade coletiva (SAITO, 2010).

O entorno material, por exemplo, desempenha um papel vital na memória coletiva, fornecendo suporte físico e simbólico para as lembranças compartilhadas por um grupo social. Maurice Halbwachs (1990), destacou esse aspecto, observando que o entorno material influencia a maneira como as pessoas recordam e compartilham as suas experiências. Para o autor, os objetos possuem a capacidade de evocar lembranças e sentimentos associados a eventos passados, como nas práticas comemorativas, além de servir como símbolos tangíveis que ajudam a fortalecer a identidade coletiva.

Sendo assim, retomando a definição descrita por Guarinelo (2001), a comemoração pode ser considerada uma ação coletiva e produto da vida cotidiana, que se realiza em um determinado quadro espaço-temporal. Que envolve a concentração de ações sociais, afetos, e sentimentos em torno de um único propósito; a comunhão entre os participantes. Podendo gerar vários tipos de artefatos materiais, comunicativos e significativos. E o mais crucial e geral desses produtos, é a produção de uma identidade entre os participantes, onde a sua concretização efetivamente sensorial, é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado.

Ou seja, no contexto dos rituais comemorativos, os objetos simbólicos funcionam como grandes suportes mnemônicos que envolvem os seus participantes. Onde a memória coletiva se manifesta e se materializa através das músicas, imagens, comidas, cheiros e texturas. Para Damazio (2005), em sua tese sobre a ordenação das coisas que “fazem bem lembrar”, a pesquisadora certifica que uma das categorias em que os artefatos se tornam memoráveis, é determinada pelo desempenho da sua função. Sendo uma das suas subcategorias, a função desempenhada para as comemorações e festas. Nesse sentido, pode-se concluir que os artefatos comemorativos são

constantemente convocados com a função explícita de estimular a nossa memória e evocar as nossas lembranças, nos oferecendo informações sobre nossas histórias, tradições e identidades.

## 2.2 SOBRE AS COMEMORAÇÕES JUNINAS DE CAMPINA GRANDE - PB

A origem da festa de São João, remonta às tradições do Egito de cultuar o sol e a fertilidade, símbolos de celebração das colheitas. Com o passar dos tempos, o ritual foi incorporado pelos egípcios e disseminado por todo continente europeu, principalmente na Espanha e Portugal. Sendo que desde que o cristianismo se transformou em religião oficial do ocidente, a festa foi incorporada no calendário cristão, instituindo o dia 24 de junho, para celebrar o nascimento de São João Batista. Para Morigi (2001), a origem da festa junina é profana, devido aos rituais pagãos que celebravam a abundância e a fertilidade da época. Essas comemorações estão intimamente associadas aos solstícios do verão europeu, onde era comemorado nos dias 22 e 23 de junho, às vésperas das colheitas e a chegada do sol; através do ritual de acender fogueiras.

As comemorações juninas no período colonial atuaram também como meio de ação para catequizar os índios. Os colonizadores, ao chegarem em terras brasileiras, se depararam com padrões culturais e costumes completamente diferentes da Europa. Sendo a festa, a melhor forma de linguagem e mecanismo utilizado para facilitar a implementação do modelo social europeu. Tendo a igreja católica como peça fundamental para desempenhar esse domínio. Impondo todo seu controle nos festejos como meio de instituir novos valores, tradições e costumes (NOBREGA, 2012). No entanto, assim como os portugueses, os índios também faziam importantes rituais durante o mês de junho. Com a chegada dos jesuítas, os costumes indígenas e os aspectos religiosos da festa se fundiram. E por esse motivo, encontramos uma variedade de pratos típicos dos nativos na festa junina.

Nesse sentido, as festas juninas se destacam como manifestações culturais nacionais (PL 949/2019) que foram transplantadas por países ibéricos durante a sua colonização. Com a chegada da corte portuguesa alguns costumes, como a contra-dança, foram incorporados nessas festividades, se integrando às comemorações, e

resultando nas quadrilhas juninas (em francês, quadrille.). Nas danças coletivas se observa uma grande influência francesa, onde a evolução dos pares se faz guiar por palavras aportuguesadas, como "anavam" (en avant - em frente), "anarriê" (en arrière - para trás), "tur" (tour - fazer uma volta), "balancê" (balancer - balançar o corpo). A quadrilha era uma dança muito popular do século XIX, e abria os bailes das cortes aristocráticas. No entanto, foi reinterpretada pelo povo, com novas figuras e comandos conforme a festa.

Durante todo o período junino, o objetivo principal da festa é a criação do vínculo social, seja através das decorações, brincadeiras, músicas, danças e comidas típicas (figura 4). A decoração, por exemplo, tem um papel crucial nas comemorações juninas, onde a população se une com a finalidade de manter as suas raízes; ornamentando suas casas, ruas, escolas e outros espaços. Utilizando-se de signos simbólicos, como: as bandeirolas, os balões e as fogueiras de São João; o chapéu, o abano e a peneira de palha; o uso dos tecidos de xadrez e de chita. E, além disso, o uso de objetos cenográficos que caracterizam o modo de vida rural, como as casas e os móveis rústicos; os utensílios domésticos, o fogão à lenha, o pilão e os mangaios (conjunto de quinquilharias típicas da roça); as indumentárias típicas dos vaqueiros, gibão (casaco), calças de couro, botas, chapéu de cangaceiro, sela de cavalo e entre outras.

Figura 4 - Resumo da festa junina



Fonte: autor

No caso das bandeirolas, há muitos anos, era comum no período das festas juninas, que as imagens dos santos fossem gravadas em grandes bandeiras coloridas. Um dos rituais é o levantamento do mastro em formato de triângulo, onde são aplicadas em cada lado as imagens dos santos para serem admiradas no decorrer da festa (figura 5). E o segundo rito é o mergulho das bandeiras, com a imagem dos santos, em lagos ou rios. Liturgia conhecida como lavagem dos santos. Para que as pessoas se banhassem e pudessem ser purificadas com a água acumulada do tecido. Com o passar do tempo, as grandes bandeiras deram lugar às famosas bandeirinhas em alusão ao ato de purificação e a transmissão de alegria.

Figura 5 - Mastro e bandeira dos santos



Fonte: reprodução da internet/ montagem do autor

Nas brincadeiras juninas (figura 6), se destacam o de pular a fogueira; o pau-de-sebo, que consiste em subir ao alto do mastro, com sebo, visando alcançar o prêmio; a quebra-panela, a brincadeira consiste em tentar, com os olhos vendados, acertar o pote com uma paulada; e a corrida de argolinha, que funciona com homens montados em seus cavalos, que devem retirar com a ponta de sua lança pequenas argolinhas do tamanho de um anel.

Figura 6 - Brincadeiras das festas juninas



Fonte: reprodução da internet / montagem do autor

Na música, temos o forró como o ritmo “ícone da festa”, mas as suas variantes, como o xaxado, xotem, baião, quadrilha, arrasta-pé e samba-de-coco, também fazem parte das celebrações; ritmos marcados pelo uso de instrumentos típicos da região, como sanfona, viola, triângulo e zabumba (figura 7 – imagem direita). Onde a maior parte da produção e composição musical são dos cantores Dominginhos e Luiz Gonzaga. Para Lima (2008, p.28), “a produção musical sobre a festa de São João, serve como veículo de comunicação na criação de sensibilidades e afetividades que apontam para naturalização do evento junino como algo localizado e peculiar à cidade e seu povo”.

O cardápio típico das celebrações de São João, é quase toda a base de grãos e raízes, como: milho, amendoim e mandioca (figura 7 – imagem esquerda). Mas com a colonização, foram adicionados novos ingredientes e hoje o cardápio ideal tem o milho-verde, bolo de fubá, pé-de-moleque, pipoca, canjica, pamonha, paçoca e entre outros. No caso das comidas, existe uma relação direta com as colheitas e a produção agrícola da época em que se realiza o festejo.

Figura 7 - Comida e Música da festa junina



Fonte: Autor

A festa junina se enraizou em todo o Brasil, adquirindo uma maior força e vigor na região Nordeste. Sendo que em algumas localidades e contextos, assumem características locais. Na maioria, a festa é realizada em três datas principais: 13 de junho, a festa de Santo Antônio; 24 de junho, festa de São João e 29 de junho, São Pedro (figura 8). Em todo Brasil, nessas três datas, comemoram-se os Santos Juninos, seja com: decorações, músicas, danças, fogueiras, comidas e bebidas típicas. Mas no Nordeste, todo o mês de junho é considerado como época comemorativa e, simbolicamente, devotado aos santos.

Figura 8 - Santos juninos.



Fonte: reprodução da internet

Santo Antônio, o primeiro dos santos a ser homenageado no mês. Simbolizado como santo do amor ou conhecido como o santo casamenteiro e protetor dos namorados. A tradição da quadrilha junina, além do ritual de agradecimento à colheita do milho, representa também a realização de uma cerimônia de casamento, em tributo ao santo; e por esse motivo existem os personagens do noivo, da noiva e do padre nas quadrilhas juninas. Ademais, diversas simpatias são realizadas pelas pessoas nesse dia, para conseguir sua “alma gêmea”. Uma das mais conhecidas é colocar a escultura do santo de ponta cabeça (figura 9), em um copo com água ou cachaça; avisar ao canonizado do pedido, e retirá-lo da posição apenas quando um novo amor entrar em sua vida.

Figura 9 - Simpatia do santo Antônio



Fonte: Reprodução da internet

O principal santo da festa junina é dedicado ao nascimento de São João Batista, que representa a purificação e regeneração da colheita. Segundo a lenda, em relação à fogueira, diz-se que Isabel, mãe de São João, combinou com Maria, mãe de Jesus, que faria uma pequena fogueira em cima de um morro para anunciar-lhe o nascimento do filho. A fogueira virou, então, um bom presságio. O cristianismo associou a sua tradição com a festa pagã de acender a fogueira, tornando a prática popular.

E o último santo do mês, São Pedro, conhecido como o fundador da Igreja Católica. Foi o primeiro Papa da Igreja e morreu crucificado sete anos após Jesus. Segundo as crenças, seu corpo foi enterrado onde hoje está erguida a basílica do Vaticano, em Roma. Para o catolicismo, São Pedro quem tem as chaves do céu e o controle das chuvas. Em tempos de estiagem, no imaginário popular, é o santo em que as pessoas recorrem para pedir chuva. E com ele se finaliza as festividades juninas.

Figura 10 - Formato das fogueiras juninas



Fonte: reprodução da internet

Segundo o Projeto de Lei N.º 943, de 2019, que reconhece as festas juninas como manifestação da cultura nacional. Em cada dia a comunidade queima as fogueiras de frente a suas casas em homenagem ao aniversário do santo, sendo o formato de cada fogueira diferenciada. No dia de Santo Antônio, a fogueira tem formato quadrangular; na de São Pedro, o formato é triangular; e a festa de São João possui uma fogueira com o formato arredondado na base, formando uma pirâmide (figura 10). Soltam-se fogos e bombinhas (traque, chuveirinho, cobrinha, canoa, palito, etc.) para despertar os santos ou para espantar os maus espíritos. E soltavam-se balões para comunicar e anunciar o início das comemorações as vizinhanças, e/ou para levar os pedidos aos santos até o céu. Porém, hoje em dia, consoante o artigo 26 do Código Florestal,

foram proibidas as ações de soltar balões e queimar fogueiras para evitar incêndios e mortes. Por esta razão, hoje em dia é muito mais comum ver balões apenas como elemento ornamental.

Segundo Morigi (2001, p.52), as comemorações juninas da Região Nordeste tiveram suas origens na zona rural de Campina Grande, na Paraíba. E era uma festa que celebrava a colheita, em específico, a safra do milho. E por esse motivo, algumas canções desta época se referem com frequência à festa da roça ou a festa do interior. Nesse período, ocorre uma maior concentração de pessoas nas casas das famílias. Onde muitos turistas, parentes que vivem em outras cidade e estados, retornam para visitar; tornando a época promotora das relações sociais. Para Cascudo (1969) apud Morigi (2001), a festa em homenagem ao santo São João, teve sucesso no Brasil porque, tanto lá quanto aqui, as pessoas se reuniam ao redor da fogueira na presença de todos os familiares para declamar seus votos em nome de São João. Ou seja, o ritual junino tem caráter eminentemente familiar, festejado por diversos grupos e comunidades.

Com os anos, muitas famílias começaram a se deslocar das propriedades rurais para periferia da cidade, levando consigo seus costumes e tradições. Com isso as comemorações começaram a ser realizadas no centro da cidade. Na cidade de Campina Grande, por exemplo, a festa que era concentrada dentro de casa, ultrapassou o ambiente e cedeu espaço para rua. Segundo Lima (2008), nas primeiras décadas do século XX, a festa tinha por característica um evento familiar, de encontro e confraternização apenas para se divertirem com a queima de fogueiras, a soltura de balões e de fogos de artifício. No entanto, com o passar dos anos a forma de festejar o ciclo junino foi se diversificando, abrangendo as ruas, bairros (chamada de São João de rua) e criando novos espaços para a comemoração da festa.

Na periferia da cidade de Campina Grande, a festa junina apenas se oficializou como evento turístico em junho de 1983, com a criação do espaço público do parque do povo, através da gestão do Prefeito Ronaldo Cunha Lima. Este que também nomeou o evento de "Maior São João do Mundo" (MSJM). No entanto, a festa era considerada simples, não existia toda a infraestrutura da atualidade. E o espaço onde se

localiza hoje a Pirâmide do Parque do Povo ou Forródromo, era um terreno abandonado onde havia apenas o palhoção do forró, coberto com palha de coqueiro e o chão de terra batida (figura 11). Onde a população se deslocava apenas com a intenção de dançar, ver o casamento matuto e as quadrilhas dos bairros se apresentarem. Segundo Lima (2008), a população de Campina Grande sempre teve a fama de “povo festeiro”, alegre e culturalmente instruído. Sendo assim, a criação e sucesso do MSJM deve-se em grande parte as peculiaridades do contexto local, pois sempre existiu na cidade uma sensibilidade para o lúdico e o festejar.

Figura 11 - Antes e depois do espaço do parque do povo



Fonte: reprodução da internet/ montagem do autor

Com a evolução do São João de Campina Grande e o grande número de visitantes nos festejos do ano 1983; e a grande divulgação em massa da imprensa e mídia. Foram criados também a mascote da festa junina na cidade. O casal de espigas de milho chamado de “Sabulgildo” e “Milharilda” (figura 12). Que passa a ser usada a cada ano, como emblema da festa. Sendo exposta em folders, cartazes e anúncios de divulgação.

Figura 12 - Mascotes de milho, Sabulgido e Milharilda



Fonte: reprodução da internet

A festa também começa a receber uma grande variedade de atrações musicais e entretenimento para a sociedade. Um espaço que tinha como predominância o ritmo de forró e suas variações, abre espaço para outros estilos musicais. Houve também uma inovação nas indumentárias das quadrilhas. A chita, tecido tão utilizado tradicionalmente nas confecções das roupas, cede espaço para a seda e renda. A tradição de utilizar os remendos nas roupas, o chapéu de palha, a maquiagem borrada, o sorriso banguela e também os passos caricaturados, foram substituídos por um “novo visual”. Cedendo espaço para a implementação de novos adereços, caracterizações luxuosas e coreografias sincronizadas; além de cenários e temas próprios de cada grupo da dança. Superando a denominação de linguagem matuta (figura 13).

Figura 13 – Quadrilhas juninas estilizadas



Fonte: reprodução da internet

No Parque do Povo, no palco principal chamado de *Arraial Hilton Motta*, acontecem vários shows com artistas e ritmos variados (figura 14). Nas ilhas de forró, também chamadas palhoças de Zé Bezerra, Zé Lagoa e Seu Vavá, acontecem as apresentações dos trios regionais que cantam os grandes sucessos da música nordestina. No Tablado, chamado de “pirâmide do forró” ou “Forródromo”, monumento em que se concentra a maior parte da decoração junina, se apresentam as quadrilhas juninas de diferentes pontos da cidade e da região.

Figura 14 - Pirâmide do Parque do povo



Fonte: reprodução da internet).

A fogueira gigante é um dos principais símbolos da festa, instalada no espaço público do parque do povo. Um monumento provisório de 16 metros de altura, que simula uma fogueira real e implementada apenas durante os festejos (figura 15 – lado esquerdo). Artefato visual que atrai um grande público, principalmente pela possibilidade

de sua utilização como cenário para fotografias. Para Gomes et. al (2022), que discute sobre o uso das fotografias em redes sociais, como experiência visual. Evidencia que alguns espaços, locais e momentos suscitam uma vivência significativa. E as comemorações de festa Junina, são consideradas ideais ou “instagramáveis”, para serem usados como pano de fundo (cenas e cenários) de experiências memoráveis; ou como recurso para preservar e evocar as lembranças.

Figura 15 - Cidade cenográfica



Fonte: reprodução da internet/ Montagem do autor

Além da fogueira, existe também a cidade cenográfica (figura 15) composta pela réplica da Catedral da Igreja Nossa Senhora da Conceição e o pequeno povoado chamado de “Vila Nova da Rainha”. A preocupação em projetar ambas as réplicas no espaço do Parque do Povo, deve-se ao fato de trazer a lembrança dos aspectos religiosos da festa, como parte das raízes da cultura nordestina. E o da rememoração, com o intuito de representar a cidade do interior e o ambiente que originou o município; fazendo conhecer aos “mais jovens” e turistas a história da terra. Cenografia composta pela reprodução da igreja e dos casebres que lembram as construções antigas da cidade.

Em 1989, criou-se o *Passeio Ferroviário*, uma das maiores atrações juninas na cidade. Realizada no período diurno, quando uma composição ferroviária percorre um trecho de ida e volta, partindo do Museu do Algodão (antiga estação ferroviária de Campina Grande- PB) até o Distrito de Galante. Passeio turístico em que a principal atividade é dançar forró nos vagões, enquanto o trem faz o percurso.

A festa junina, sem dúvida, condensa em torno de si uma série de informações sensoriais afetivas características do contexto local, na qual se sustenta a tradição

nordestina. As manifestações de imagens, sons, ritmos, cheiros, sabores e texturas que fazem parte das crenças, valores, ações e práticas da população, compõem esse arranjo significativo e constroem a memória coletiva. Informações essas, reproduzidas e materializadas, anos após anos, que resultam nessas festividades. Práticas importantes para a manutenção das tradições e identidades do grupo.

Nesse sentido, a busca da origem das comemorações juninas e o compartilhamento de seus discursos em diversos suportes. Partem da necessidade de se inventar uma tradição, como meio de incorporar a essência da festa e torná-la real, como se sempre tivesse existido no cotidiano do seu povo (LIMA, 2008). Ou seja, a procura de informações sensoriais sobre as raízes juninas, e o seu uso em vários suportes de design, também impõe a invenção da sua tradição. Estabelecendo um equilíbrio entre o que é o mundo moderno e o mundo rural da festa junina. Sendo uma tática utilizada para se reviver a tradição junina, criando-se um ambiente sensível para a festa.

### 2.3 A MEMÓRIA COLETIVA E AS TRADIÇÕES

Este tópico tem como principal objetivo compreendermos os motivos pelos quais os festejos juninos se estabeleceram ao longo dos anos sem perder a sua vitalidade. E como os artefatos dessas comemorações são fundamentais para a construção da memória coletiva e para a continuidade das tradições. Para essa finalidade, começaremos por abordar a teoria referente à memória coletiva e a sua influência nas tradições.

Maurice Halbwachs foi um sociólogo francês que desenvolveu o conceito de "memória coletiva". Para ele, a memória individual/biográfica é influenciada e moldada pela memória coletiva, que por sua vez é construída a partir das experiências compartilhadas por um grupo social. Segundo o próprio autor, a memória individual não é um processo isolado e autônomo, mas influenciado pelas memórias coletivas do grupo ao qual o indivíduo pertence. Halbwachs argumenta, que a memória individual é socialmente construída e que o grupo social é responsável pela criação e manutenção da memória coletiva.

O Autor também destaca a importância dos artefatos, dos símbolos, dos rituais e dos lugares de memória na construção da memória coletiva. Esses elementos são fundamentais para a formação de uma identidade coletiva e para a transmissão de valores e tradições de geração em geração. Seja por meio da oralidade, da escrita, das festas ou comemorações. Nesse sentido, para Halbwachs (1990), a memória coletiva é um núcleo de tradições. Sendo ela mesma um fenômeno social, construído e mantido por meio das experiências compartilhadas por um grupo social.

Sendo assim, compreende-se por memória coletiva o conteúdo que abrange as lembranças em comuns, relacionadas a um grupo específico. E são essas recordações de um mesmo passado, que promovem a unidade do grupo e revelam as suas particularidades. Ou seja, a memória coletiva evidencia as tradições construídas e os seus significados. Segundo Halbwachs (1990, p.82), “É uma corrente de pensamento contínuo, que só retém do passado somente o que a está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.

Com o passar dos anos as celebrações de São João se estabeleceram no país e não perderam a sua vivacidade. Tornando-se parte da vida cotidiana como se sempre tivesse existido. Onde as pessoas compartilham das suas tradições quase de forma automática, independente do motivo que levaram a participar. Halbwachs esclarece, que algumas de nossas lembranças são fixadas em nossa memória indiretamente, por meio de suportes ou através da memória e narrativas de outras pessoas. Nesse sentido, podemos considerar que desde a nossa infância, as tradições dos lugares onde vivemos são compartilhadas e transmitidas por diversos meios, no entanto, em sua grande maioria não sabemos da sua origem e nem da sua importância para comunidade.

Segundo Hobsbawn (1997, p.12), “a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição.” Nessa perspectiva, entende-se por tradição inventada um conjunto de práticas corriqueiras e aceitas pela sociedade espontaneamente. Essas práticas, de natureza simbólica, visam embutir certos valores

e comportamentos através da iteração; o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado.

Nas celebrações de São João de Campina Grande, por exemplo, algumas tradições foram formalizadas e ritualizadas, se convertendo em símbolos representativos da festa. Como o uso de artefatos decorativos: o monumento da grande fogueira, os balões, as bandeirolas; as réplicas cenográficas de ruas e igrejas antigas da cidade; o uso de utensílios de barro, mobílias, estampas e retalhos que reproduzem a casa do espaço rural nordestino. A utilização de comidas típicas feitas de milho, além da predominância das iguarias etílicas feitas de cachaça. A soberania do gênero musical do forró e suas variantes: xote, xaxado e baião, executadas tradicionalmente pelos instrumentos: sanfona, zabumba e triângulo. As brincadeiras e as simpatias, em conjunto com a soltura de fogos e bombinhas de artifícios. E entre outras experiências sensoriais promovidas, com a finalidade de fazer referência aos aspectos da vida cotidiana do homem no campo, a mudança de estação e a colheita das plantações. E principalmente, os rituais de adoração, de agradecimento, de purificação e de pedidos aos santos juninos.

Hoje, o São João de Campina Grande tem assumido uma feição totalmente diferente daquela que foi proposta em 1983, quando foi oficializada. O seu caráter rural de festa do interior tem evidenciado novas características, mas amparado no discurso da tradição e volta às origens. Segundo Hobsbawn (1997, p. 15), as tradições podem sofrer transformações, quando se apropria de novas linguagens, símbolos e acessórios que as mantêm “atuais”, conforme a sociedade se modifica. Assim como esclarece Halbwachs (1990), o passado é permanentemente reconstruído e promovido, enquanto é ressignificado. Neste sentido, a memória coletiva vive na tradição, mas seus conteúdos se atualizam. Ou seja, ela tende a estabelecer uma continuidade entre o que é passado no presente.

Sendo assim, em um processo de invenção das tradições, com uma roupagem “atual”, são utilizados elementos do passado para fins originais. Ou seja, algumas novas tradições são enxertadas nas velhas e outras podem ser inventadas com referências das antigas; fornecidos pelos rituais, simbolismos, princípios morais e o folclore.

Com relação a essa situação, podemos exemplificar as quadrilhas juninas. Prática que herdou o modelo de dança das cortes europeias, mas traduzidas para nossos códigos. Contava com traços de uma vida matuta: as vestimentas utilizadas nas danças eram improvisadas com aplicação de recortes, como se fossem remendos; eram utilizados chapéus de palha, riscavam os rostos e faziam bigodes ou pintas na bochecha. No entanto, com o passar dos anos foram implementados novos enredos, cenografias, roupas e adereços estilizados; equivalente ao estilo carnavalesco. Embora toda essa implementação, as quadrilhas são submetidas a manter os traços da encenação do “casamento matuto” e sujeitadas a desenvolver as coreografias no estilo tradicional. Para Lima (2008), há uma preocupação em manter a tradição; embora saiba que a aceitação das quadrilhas na contemporaneidade venha, exatamente, da ruptura e da opção pelo caráter de espetáculo. Não impede a inovação, mas deve ser compatível e autêntico a sua origem.

Nesse sentido, em virtude da inovação e atualização. É comum que qualquer prática social, como as festas juninas, quando repetidas várias vezes, gerem inúmeras convenções, com o objetivo de facilitar a transmissão das tradições. Ou seja, essas convenções são criadas para fins de facilitar as ações e práticas do cotidiano, podendo ser modificadas e esquecidas segundo as transformações e necessidades atuais. Por exemplo, o uso do chapéu de palha, frequentemente utilizado nos festejos juninos, tem o seu sentido prático (pragmático) quando é utilizado pelos agricultores para se proteger do sol. Mas possui um significado de tradição, quando é utilizada durante o período das festas pelos participantes e quadrilhas juninas, simbolizando a essência da vida do campo e a simplicidade do homem caboclo do sertão. Reiterando o que aponta Hobsbawn (1997), as convenções só são liberadas para uma plena utilização simbólica, quando se libertam do seu uso prático. Diante disto, fica evidente que muitos elementos das festas juninas se distanciam da sua função práxis; tornando-se símbolos de inúmeras configurações das festas juninas.

Neste tópico, as tradições são evidenciadas como um processo que podem ser criadas, modificadas ou reinterpretadas para atender a diferentes necessidades sociais e culturais. Tendo como finalidade, conservar algumas práticas e valores de um

determinado grupo, através da repetição. Sendo essa iteração o processo onde a tradição se confirma na memória coletiva, promovendo a sua vitalidade e continuidade ao longo dos anos. Esclarece que nas práticas comemorativas, como exemplo dos festejos juninos, são criadas inúmeras convenções a fim de facilitar a transmissão desses costumes; sejam elas traduzidos em diversos meios e formas de linguagem. Tornando-se uma das ferramentas mais utilizada por designers, no que diz respeito ao compartilhamento das tradições e nas questões de valorização local e pertencimento. Práticas estas que viabilizam o sentido participativo das ações comemorativas, materializadas e concretizadas nos atos de ouvir, dançar, contemplar, comer, beber e cheirar.

## 2.4 OS ARTEFATOS DE COMEMORAÇÃO

### 2.4.1 A cultura material nas comemorações

Consoante as reflexões realizadas nos tópicos anteriores. Observamos a influência das comemorações como veículo que constrói e promove a memória coletiva. E que a cultura material, pertencente a essa prática celebrativa, desempenha um papel fundamental no partilhamento de informações sobre as tradições. O que permite comprovar, que não existem comemorações sem os objetos e artefatos.

Para Halbwachs (1990), os objetos ou imagens são importantes para a memória coletiva, porque ajudam a construir e a manter as lembranças, além de permitir que as experiências sejam compartilhadas no grupo social, como exemplo, nos festejos juninos. Esses objetos se tornam uma espécie de "suporte informacional", porque permitem que as recordações sejam transmitidas, tornando-se parte da cultura de um povo. No tópico em que discutimos sobre as comemorações juninas, em Campina Grande (Tópico 2.1), é possível identificar uma variedade de artefatos simbólicos que conectam as pessoas, a um sentimento de pertencimento e de identificação com a festa.

Nesse sentido, observa-se que existem semelhanças entre uma comunidade que as conduzem a utilizar os mesmos objetos, atribuindo os mesmos significados e experimentando os mesmos sentimentos em torno delas. Ou seja, os seres humanos formam grupos, criam laços, se reconhecem e se identificam com os outros, por meio

dos objetos. Para Damazio (2005), as coisas que se tornam queridas e fazem lembrar, sejam elas particulares ou coletivas, funcionam como espelho onde as pessoas se identificam e fortalecem seus vínculos.

Os artefatos de comemoração encontrados nas festas juninas, por exemplo, possuem essa finalidade. Os objetos de decoração e cenográficos, as indumentárias, a gastronomia, os sons e cheiros são formas utilizadas para se criar uma espécie de universo informacional, que facilita uma conexão emocional de afinidade entre as pessoas.

Para Miller (2013), antropólogo britânico conhecido por seu trabalho sobre a cultura material. Argumenta que a cultura nos diz o que as sociedades elaboram, o que são e o que fazem de muitas maneiras: pela semelhança, pelo ritual e também pelos objetos. Essas coisas nos moldam, nos influenciam e nos amadurecem, com base nos objetos transmitidos pelas gerações anteriores.

E retomando as ideias de Hobsbawn (1997), sobre as tradições inventadas. Fica evidente a contribuição da cultura material, no processo de formalização e ritualização das práticas simbólicas. Considerando que os objetos são embutidos de significado, nos quais moldam nossas ações e comportamentos. De acordo com Halbwachs (1990, p 133), “o próprio grupo permanece submetido à influência da natureza material”. Ou seja, o entorno material carrega a marca do grupo.

Sendo assim, a cultura material dentro de uma estrutura social e cultural influenciam em si os hábitos, os valores, os costumes e as crenças. Contribuindo para condicionar as práticas, os modos de pensar e as formas de comportamento das pessoas (ONO, 2006). E trazendo para o campo das comemorações juninas, é notório que os artefatos comemorativos são mais do que objetos “não utilitários” ou decorativos – eles são carregados de significados que nos ajudam a entender sobre as conexões emocionais e a relações de identidade de uma certa comunidade.

Ou seja, os artefatos dizem muito sobre um determinado contexto, e não seria diferente para os artefatos comemorativos. Eles nos contam sobre as experiências de conhecimentos passados por outras gerações, mutáveis, mas permanente em suas

tradições. Todo processo que abrange a relação do homem com seus artefatos ou coisas, se traduzem na cultura material.

Miller também destaca a grande importância da cultura material na formação das tradições. O autor argumenta que as pessoas criam novas práticas culturais com base nos artefatos que possuem e na maneira como usam. Por exemplo, a tradição de queimar fogueiras em época junina, em Campina Grande, tinha como principal objetivo: aquecer as famílias que se reuniam em volta do fogo, no inverno (mês de junho) e homenagear os santos da festa. No entanto, com a implementação cenográfica da maior fogueira junina<sup>3</sup>, no espaço do parque do povo, uma nova tradição foi inventada. O monumento que desempenhava um papel de contemplação, homenagem e evocação da tradição do Maior São João do Mundo. Com o avanço tecnológico das câmeras fotográficas, em aparelhos celulares, e das redes sociais como o Instagram. Foi desenvolvido um novo costume: o de utilizar a réplica da fogueira, como pano de fundo para cenários de fotografias pessoais, como suporte de lembrança do festejo e como meio de compartilhar suas vivências e memórias no espaço virtual<sup>4</sup>.

Para Barbosa (2019), que analisa, em sua tese, os suvenires no contexto do Alto da Moura - PE, do ponto de vista turístico. Certifica que os artefatos simbolizam o espaço visitado. E que a qualidade desses territórios e os sentimentos de lembranças vividas no lugar são transferidos aos objetos, desempenhando uma função estratégica de comunicar vivências positivas. Nessa perspectiva, observa-se que os artefatos de comemoração no contexto junino, propõem essa mesma estratégia de comunicação. Promover experiências significativas através de elementos que remetem às lembranças rurais, as tradições e o apego às origens; significados estes, característicos ao discurso da festa do MSJM.

---

<sup>3</sup> Chamada de Fogueira Ecológica, foi implementada no ano 1999. E tinha como objetivo imprimir um significado de autenticidade e correspondência a tradição junina (LIMA, 2008).

<sup>4</sup> Gomes et. al (2022)

Na cidade de Campina Grande – PB, sempre existiu uma sensibilidade para o festejar, principalmente em função das tradições que referenciam o São João; com marcante simbologia religiosa. E essa conexão afetiva é ampliada pelos elementos simbólicos da festa: como a fogueira, as bandeirolas, os balões, as cenografias, os fogos de artifício, as quadrilhas, o forró e as comidas típicas da época. Segundo Lima (2008), o objetivo dos organizadores do evento é construir uma imagem, ethos da festa, que reproduz todo o imaginário da tradição. Seja pelos elementos simbólicos que se misturam com os estereótipos regionais, aos ícones da cultura popular.

O imaginário do festejo junino, assim como qualquer outra configuração identitária, é construído pela memória, convenções, costumes das vivências sociais, expressões da cultura provenientes da música, literatura, artefatos e os meios de comunicação. Para Lima (2008), o sentimento de pertencimento é motivado pelas ofertas lúdicas do MSJM, em virtude das variadas manifestações repletas de signos de identidade local. Informações representativas para o reconhecimento identitário e para o pertencimento social, capazes de despertar momentos atemporais e desterritorializados, separados de sua época, origem e lugar. Nesse sentido, as comemorações juninas procuram projetar símbolos das tradições rurais em diversas configurações, com a finalidade de tocar nas emotividades das pessoas que se reconhecem com as simbologias projetadas.

Para Saito (2010), os objetos simbólicos possuem um papel relevante nos rituais comemorativos. Além de fornecer pontos focais para manter a atenção dos participantes, esses símbolos fornecem conteúdo que moldam os esquemas mnemônicos e os padrões de pensamento e sentimento sobre um passado compartilhado. O próprio autor ressalta que esses objetos são multimodais: eles geram significado em múltiplos registros, incluindo não apenas o verbal-linguístico, mas também os visuais, auditivos, olfativos, gustativos e táteis.

Fica evidente a importância da cultura material como ferramenta que fornece insights sobre determinado contexto; não apenas sobre os objetos, mas da relação das pessoas com elas. Evidenciando que os aspectos visuais não são a única modalidade de comunicação desses artefatos, principalmente quando se trata do contexto das

comemorações juninas, mas que os outros sentidos humanos são também explorados e estimulados.

Em estudos que relacionam a cultura material com o design. A tese de Damazio (2005), sobre os artefatos que “fazer bem lembrar” e os ensaios de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981), sobre o significado dos objetos do cotidiano. Esclarece que as coisas se tornam memoráveis e especiais, pelo seu significado e, porque evocam lembranças. Não se restringindo apenas a percepção visual, mas mediante outros sentidos. Nessa perspectiva, Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p.15), exemplifica:

*“Minha velha cadeira da sala com seu tecido de veludo gasto, cheiro de mofo, molas rangendo e suporte quente; moldou, muitas vezes, os signos em minha consciência. Esses signos fazem parte de mim, porque sou inseparável do processo de significação na minha consciência. Aquela cadeira é tão parte de mim, como qualquer outra coisa pode ser.”*

E trazendo essas reflexões para o contexto das comemorações juninas, temos o seguinte relato de Lamir (2020):

*“As minhas lembranças do São João são daquelas férias tão esperadas do mês junino. De poder ir para lá, encontrar minhas avós, meus primos, ser aquela farra. Além disso, ser toda aquela lembrança da minha avó cozinhando todas aquelas comidas de São João, de milho. A lembrança que ela vendia fogos de artifício e, então a casa estava sempre muito animada, com crianças comprando fogos e a gente brincando junto. A lembrança de dançar uma quadrilha na rua, com os amiguinhos. A lembrança até dos buscapés, que eu morria de medo. Quando começava era uma carreira só. Mas a lembrança é maravilhosa, desse São João bem raiz, do interior. Ele é inesquecível!”*

Através desses dois depoimentos, podemos concluir que além dos aspectos visuais, os atributos auditivos, olfativos, gustativos e táteis são importantes nos estudos relacionados a cultura material e principalmente no campo do design sensorial. Le-

vando em consideração que as informações fornecidas por outras percepções sensoriais, também são estimuladas pelos objetos. Na percepção auditiva, por exemplo, o modo como as pessoas se relacionam com a música, como a usam em suas vidas diárias, como escolhem, como ouvem, o que ouvem e como compartilham com outras pessoas. Na percepção olfativa e gustativa, os alimentos, as plantas e os produtos que influenciam a cultura, o humor, o bem-estar e os hábitos alimentares. Todas essas qualidades que nos oferecem insights, criam um senso de lugar e nos ajudam a entender as práticas, as tradições e os valores de um determinado contexto.

#### **2.4.2 Buscando os artefatos da memória junina.**

Considerando as comemorações como uma prática importante na construção da memória coletiva, sendo os artefatos fundamentais como suporte dessas lembranças. Neste tópico, iremos tratar com mais profundidade os conceitos da memória coletiva proposto por Maurice Halbwachs (1990). Levando em consideração que em seus estudos, o autor argumenta que as nossas lembranças são construídas e mantidas por meio de processos sociais, como: os discursos, os rituais, as tradições, os objetos e outras formas de representação simbólica do passado.

Sendo assim, esta fase da pesquisa abrange uma investigação exploratória em sites, redes sociais (com o instagram), plataformas de música e vídeos (como o youtube). Com objetivo de localizar os objetos, as manifestações gráficas ou outros suportes de memória, que estão envolvidos nos depoimentos e relatos publicados na internet. Que identifiquem quais os ícones ou símbolos das tradições juninas, e quais as modalidades sensoriais mais exploradas e percebidas nesse contexto.

Segundo Maurice Halbwachs, é impossível idealizar a questão da evocação e da localização das lembranças se não voltarmos para um ponto de referência, ou seja, o quadro social onde o fenômeno da memória acontece. Desta forma, como o objeto de estudo desta pesquisa é o fenômeno das comemorações juninas de Campina Grande - PB. Conseqüentemente, nosso ponto de referência é o festejo popular do Maior São João do Mundo.

A seguir ilustra-se um depoimento relatado por Flávio Romero (2017), em seu blog ParaibaOnline, sobre suas lembranças dos festejos juninos em Campina Grande – Paraíba.

*“Seguirei olhando para o céu, e não vendo balões. Seguirei olhando para o chão, não vendo fogueiras. Ainda assim, saberei guardar num recanto escondido das minhas memórias os tempos da meninice, das quadrilhas tradicionais e dos jogos em torno do incandescente fogo, sob o balanço melodioso do forró autêntico.”*

*“Me curvo à realidade dos novos tempos, que muda independente da minha vontade. Assim, saberei olhar para o Parque do Povo, ressignificado, acolhendo padres, sertanejos e “safadões”. Mas, minha alma de raiz caririzeira, ficaria imensamente feliz em enxergar esse mesmo Parque – que é do Povo – divulgando para o mundo inteiro a identidade mais marcante do evento – a memória e as raízes do Nordeste.”*

Através desse relato nota-se a importância das comemorações juninas na memória de sua comunidade. E que a orientação espacial, o quadro social e principalmente os artefatos simbólicos onde o fenômeno se manifesta, contribui no compartilhamento e manutenção da memória coletiva. Essa contribuição fica evidente, quando a testemunha evoca os elementos das “raízes nordestinas”, como: os balões, fogos de artifícios, fogueiras, as quadrilhas tradicionais e o forró autêntico. Demonstrando que esses elementos são utilizados como suporte informacional das suas lembranças, sobre o festejo; promovendo significados, através dos estímulos visuais e auditivos.

O tempo também é um atributo importante para a memória coletiva. Ela nos ajuda a conservar, localizar e lembrar os acontecimentos que ali se produziram. Por exemplo, o autor do relato evoca um sentimento de pertencimento e identificação com as memórias que remontam às raízes juninas, e que o quadro temporal onde essas lembranças são evocadas, se localizam na sua infância. Nesse sentido, mesmo sem saber a data exata do evento. Existe um quadro de informações temporais das quais

nossas lembranças estão relacionadas, que reconhecem: se foi durante o festejo; se foi antes ou pós COVID-19; se éramos adultos, crianças ou jovens; se foi de manhã, tarde ou noite; ou se aconteceu em determinada época do ano.

No entanto, apesar do quadro temporal ser um atributo importante para evocação da lembrança, o quadro espacial onde o evento se manifesta também; principalmente em razão da estreita relação com o contexto social. Isto é, o quadro espacial está vinculado aos acontecimentos da vida familiar, vida profissional ou dos grupos em que fazemos parte. Nessa perspectiva, o ambiente em que as experiências ocorreram, tem um papel fundamental na evocação das lembranças coletivas. Segundo Halbwachs (1990), o entorno material fornece um contexto físico e simbólico que nos ajuda a lembrar de eventos passados e a compartilhar essas lembranças com outras pessoas.

Figura 16 - lembrança das festas juninas via rede social do Instagram



Fonte: Autor

Ainda a respeito da importância dos atributos de tempo e lugar (figura 16 - acima), retomamos o seguinte relato de Gomes (2020):

*“Hoje coloquei algumas músicas de forró que antes só tocavam no toca-fitas. Quando chega próximo ao mês junino as lembranças da minha infância sempre vem com muita força. Bate aquela saudade de tantas experiências maravilhosas que eu vivi, parece que estou revisitando e revivendo todas as sensações e emoções daquela época... Cresci brincando na sala e no terreiro da minha antiga casa escutando todas as fitas de forró (em um toca-fitas de madeira) possíveis que você possa imaginar.*

*Músicas que fazem lembrar da família e amigos reunidos, juntos para fazer a pamonhada, acender a fogueira, assar milho, enfeitar o terreiro, fazer os recortes na calça, vestir uma camisa estampada (que nem sempre era o xadrez e podia ser o de chita, que inclusive eu amava!). Brincar com os tracks, chuveirinho, canoa, mijão, apito e em seguida visitar o São João no Parque do Povo. Em tempos de isolamento e sem a realização do “Maior São João do Mundo”, vai ser bem difícil para tantos da comunidade que se mobilizam e se engajam em atividades com o propósito de manter a tradição e a valorização da cultura. Assim como, pra mim e para muitos outros campinenses um período que possui bastante significado e pela primeira vez sem convívio social (tão característico do mês junino). Será uma experiência ainda não vivida por nós todos. São João, saudades do que nós vivemos!”*

O depoimento foi realizado mediante de uma publicação na rede social do instagram e realizada no mês de maio de 2020, nos primórdios da Pandemia da Covid-19 no Brasil, em períodos de distanciamento social. Esse relato demonstra a importância das festas juninas para a comunidade e que os sentimentos envolvidos devido ao seu cancelamento, no mês de junho, evocaram várias lembranças do seu quadro espaço-temporal. Em relação ao tempo, se destaca as lembranças relacionadas a sua infância. E sobre o quadro espacial, o autor se localiza no ambiente de núcleo familiar, como também, no espaço público do MSJM.

Além disso, o relato atesta mais uma vez o vínculo existente entre as pessoas e os artefatos, no contexto das comemorações. Apresentando neste depoimento a música, do gênero forró, como a principal modalidade de comunicação; e a sua capacidade de evocar lembranças e emoções experimentadas no festejo. Promovendo através da percepção auditiva, a localização do entorno material, como as indumentárias, a mobília antiga, os fogos de artifícios e a culinária.

Fica evidente, que em ambos relatos, os autores trazem algumas experiências, até então, consideradas memórias “individuais” ou particulares. No entanto, Segundo Halbwachs, as nossas lembranças permanecem coletivas e também lembradas por outras pessoas, mesmo em ocasiões nos quais estivemos envolvidos sozinhos e com objetos que apenas, só nós vimos. Para o autor, “na realidade, nunca estamos sós!”

(HALBWACHS, 1990, p. 26). A respeito disso, o Halbwachs descreve a sua “primeira viagem” até Londres, para explicar que lembramos de episódios sozinhos apenas *na aparência*. Explicando, que mesmo que estivesse caminhando sozinho pelas ruas, o mesmo recordaria de indicações por onde passear; livros que relataram sobre o lugar; ou pinturas que haviam sido apresentadas via imagens sobre o ambiente. Ou seja, em todos esses momentos e circunstâncias ele não estava só, e nem refletia sozinho; o pensamento se transferia de um grupo a outro, o ajudando a lembrar para melhor recordar. E muitas dessas ideias e modos de refletir não teriam chegado até ele sozinho.

Em uma publicação feita no Instagram, na página do perfil do Retalhos Históricos de Campina Grande (figura 17), sobre os panfletos das atrações que eram distribuídos durante festejo em 1986, destaca-se o seguinte comentário:

*“Acho que ainda tenho uma dessas programações. Lembro que nos primeiros dias do São João eu ia atrás e quando ia ficar pronto já estava quase terminando o São João.”*

Figura 17 - Programações das festas juninas



Fonte: Perfil do Instagram retalhos históricos de Campina Grande - PB

Nesse relato, o autor do comentário evoca um episódio pessoal da sua vida relacionado ao panfleto. Em que o mesmo se encontrava no contexto da festa, em busca do artefato como suporte para sua memória. Demonstrando o que propôs Halbwachs. Apesar do relato ser uma lembrança de um episódio particular, apenas “na aparência”, seu pensamento não se refletia sozinho. As informações contidas no panfleto sobre a

programação da festa foram projetadas por um profissional. Permitiram que o participante desenvolvesse o desejo de ouvir uma atração, que tenha relação com a festividade e com o seu repertório. Fatos que demonstram que a pessoa não refletia sozinha, mas que a sua memória estava na natureza coletiva, através das convenções criadas e aplicadas no panfleto ou do seu repertório construído e mediados anteriormente por outros suportes mnemônicos.

Nota-se que as comemorações juninas são constituídas pelas suas convenções. Como propôs Emanuel (2010), que todos os símbolos são convenções. Nesse sentido, um dos símbolos mais representativos da festa do MSJM, o casal de milho, identificados no panfleto da festa (figura 17). Remete diretamente as comidas típicas da festa (modalidade gustativa e olfativa) e o principal alimento da época, na colheita. O uso de indumentárias com tecidos de chita e xadrez, o chapéu de palha, os laços no cabelo e o bigode, além da personificação do ser humano em um corpo de milho; que remete aos rituais das quadrilhas juninas (modalidade auditiva e visual), como também representa o estilo de ser do matuto nordestino.

Sendo assim, observa-se que em grande maioria os artefatos visuais relacionados ao festejo. Se utilizam dos símbolos e ícones criados em seu contexto, com a finalidade de manter as tradições e os significados que elas representam. Seja através da variedade de elementos que fazem referência a festa, como também seu uso repetido em diversas configurações.

Para Cardoso (2012), às experiências proporcionadas por imagens criam em nossas memórias convenções sobre as características dos objetos, e podem ter sido produzidas por meio de outras mediações. Lugares distantes podem ser experienciados visualmente, gerando uma imagem mental, mesmo que não presenciada fisicamente. E no momento em que surge a oportunidade de observar presencialmente qualquer uma dessas imagens, essa vivência é intervencionada pela imagem mental preexistente.

Figura 18 - Fogueira cenográfica de São João



Fonte: Reproduzido da Internet

Em sua primeira visita ao São João em Campina Grande - PB, e guiada pelo seu amigo, Flora Braz (2022), através de uma postagem em uma cenografia (figura 18) da fogueira junina, escreveu:

*“O melhor anfitrião do Meu São João! A gente na fogueira que eu achei que era de verdade ahahah”.*

Neste depoimento, podemos exemplificar uma vivência “não presenciada” ou mediada. Onde a turista idealizou a imagem mental da fogueira “de verdade”. Mas após a sua experiência presenciada, e ao identificar o objeto como artefato cenográfico, a imagem mental pré-existente da fogueira sofrerá interferência e a lembrança será re-

Figura 19 - Logomarca da festa



Fonte: Perfil do Instagram retalhos históricos de Campina Grande - PB

construída. Para Halbwachs (1990), as nossas lembranças estão em processo contínuo de reconstrução, ou seja, as nossas ideias e reflexões do passado se modificam com o tempo, mediante informações obtidas no presente.

Sobre as lembranças em reconstrução, observa-se também que as imagens mentais existentes em nossa memória sobre os artefatos de comemoração, também podem ser reconstruídas e ressignificadas. Identificamos em uma das postagens do perfil do RHCG, que expõe a imagem do folder da primeira logomarca da festa (figura 19 – acima). Com o seguinte comentário: “Nos 30 anos da festa houve uma releitura feita pelo William Medeiros. Ficou bem bonito e com traços mais "atuais", digamos assim.” (figura 20).

Figura 20 - Releitura da logomarca das festas juninas de Campina Grande - PB

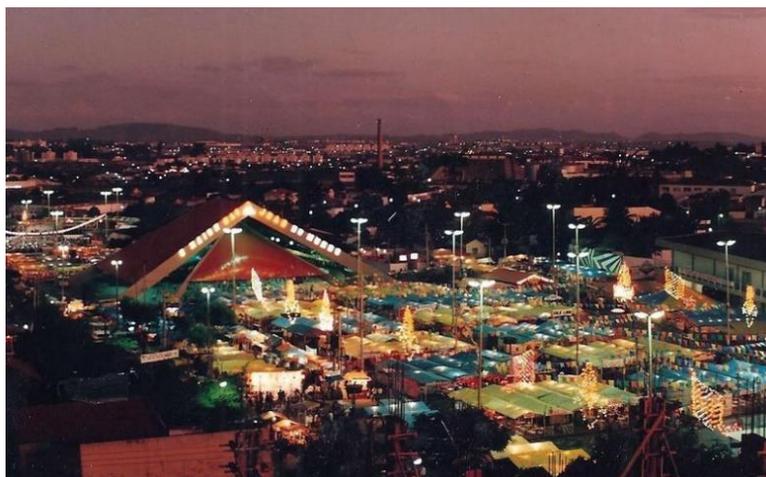


Fonte: Reprodução da Internet

Outro caso, diz respeito a uma publicação feita no próprio blog do Retalhos Históricos de Campina Grande (2017), que apresenta fotos sobre as lembranças do espaço do Parque do Povo (figura 21 – abaixo). Em que os usuários relatam: “Eu morava na rua Sebastião Donato na época da construção. O local não era nada bonito antes de ser construído o parque. Após ser construído, meu pai sempre me levava pra andar de bicicleta na pirâmide, etc. Era muito bom. Ainda tenho algumas fotos da época e se interessar, envio depois. Ótima recordação!”

“Antes da construção onde hoje é a pirâmide era o palhoção... as quadrilhas das escolas tradicionais dançavam lá e havia o desfile das carroças.”

Figura 21 - Maior São João do Mundo da década de 90.



Fonte: Site do Retalhos históricos de Campina Grande

Percebe-se, que em ambos os casos as nossas memórias podem ser reconstruídas, conforme as mudanças no tempo. Assim como foi apresentado sobre a marca do MSJM e com o espaço do parque do Povo. O folder dos anos 80, evoca uma lembrança da releitura da logomarca, com traços contemporâneos (quando cita também o designer) sem se distanciar das suas origens. Já a fotografia, rememora as cenas ou cenários do espaço, antes da construção do monumento (pirâmide) e as atividades que ali eram desenvolvidas. Nesse sentido, as novas informações obtidas, que nos parecem íntimas, se acomodam sem dificuldade a uma imagem mental existente. O novo quadro é acrescentado a um acontecimento que já conhecíamos, revelando mais uma característica e mais um significado. E é assim que a memória se enriquece, e quando enraizada não se distinguem das outras lembranças.

Figura 22 - Desfile de Carroças do São João 1981.



Fonte: Site Retalhos históricos de Campina Grande

Em outra postagem, na página Retalhos históricos de CG (2017), algumas fotografias (fornecidas em contribuição com a comunidade) trazem alguns registros do desfile de Carroças do São João 1981 (figura 22), que marcava o mês de junho naquela época. Nesse caso, identificamos o seguinte relato:

*“São João de 1981. Aí sim, era uma festa típica da época junina. No início, o Maior São João do Mundo tinha mais originalidade. Os artistas eram característicos: Luiz Gonzaga, Dominginhos, Fagner, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Alcimar Monteiro, Zé Calixto, Flávio José e tantos do mesmo quilate. O São João nordestino original, além dos trajes típicos, se constitui de pamonha, queijo, canjica, milho assado, fogueira e sanfona inclusive fole de oito baixos com muito forró e quadrilha. Afora isso, não representa mais o Maior São João do Mundo...”*

Nesse relato, demonstra-se que alguns rituais que faziam parte das tradições juninas em Campina Grande – PB, apenas se conservaram por um determinado período. Ratificando o processo de reconstrução das lembranças proposto por Halbwachs; e conseqüentemente uma atualização da festa. Nota-se também, neste mesmo depoimento, um sentimento de decepção ou tristeza pela escassez de identidade e representação do MSJM com as raízes juninas, principalmente porque o autor evoca os artistas tradicionais, as indumentárias, a gastronomia, os rituais e os instrumentos musicais.

Ainda sobre as mediações, de acordo com Halbwachs, é difícil recordar as lembranças da nossa primeira infância. E se não lembramos, é porque ainda não éramos considerados como indivíduos sociais. E algumas dessas imagens mentais fixadas em nossa memória, não se trata de lembranças diretas. Mas de lembranças que foram apoiadas mediante outros suportes de informação ou através da memória e narrativas de outras pessoas

*“Explodiu meu coração, feito bomba de São João! A mamãe me trouxe no lugar onde tudo começou com o papai. Se chama Parque do Povo e é lá o quartel general do Maior São João do Mundo.” (TAVARES, 2022).*

Através de uma postagem na rede social, do Instagram, Tavares evoca uma lembrança do quadro espacial e temporal, onde conheceu o seu esposo. Essa fotografia futuramente irá promover recordações para seu filho, da sua primeira vez como ser social e participativo no São João, assim como, trará também recordações do lugar onde o afeto entre seus pais se instaurou. Ou seja, a imagem mental fixada em sua memória sobre essas narrativas será mediada por outras pessoas (seus pais) ou pelo artefato em si (a fotografia). Dessa forma, nossas lembranças individuais estão ancoradas dentro do universo social, desde a nossa introdução como ser participativo.

Segundo Halbwachs (1990), quando crianças memorizamos os acontecimentos dependendo da atitude dos adultos, sobre os fatos e episódios que mantiveram a sua atenção. Uma guerra, uma cerimônia nacional ou uma festa popular, por exemplo, são eventos onde as imagens serão recordadas, devido ao seu contato permitido na trama social. E à medida que se torna adulta, mantém-se mais participativa da vida e dos pensamentos do seu grupo.

Outro aspecto importante neste relato, é a lembrança do trecho da música “Olhinhos de fogueira”, pertencente ao repertório de uma das bandas mais tradicionais, do gênero forró, Mastruz com Leite (1999)<sup>5</sup>:

*“Explodiu meu coração / Feito bomba no São João / Quando deslizei as mãos / Pelas suas costas nuas / Vi estrela no salão / Luar cheio de balão / E os olhinhos de fogueira / Me queimando de paixão / Chão batido de chuvinha / Só pra ver suas perninhas / Suas perninhas grossas / Dançar São João na roça / Roça de milho, roça meu filho / Roça assim teu corpo em mim/ Roça mulata, roça a batata / Roça assim teu corpo em mim.”*

Observa-se também, que além da possibilidade das lembranças evocadas por meios visuais. A descrição de Tavares (2022), rememora uma experiência afetiva da

---

<sup>5</sup> Música “Olhinhos de fogueira”, Artista Mastruz com Leite, data de lançamento (1999), álbum São João na Roça.

sua vida, o namoro com seu esposo, através da música. Pode-se notar que a composição em vários momentos evoca os objetos simbólicos da festa, como: as bombinhas, os balões, a roça, o milho e a palhoça de dança. E, além disso, se utilizam de metáforas na composição que relacionam esses objetos, símbolos da tradição junina, com a paixão entre duas pessoas.

Ainda sobre o aspecto sensorial auditivo, em específico nas músicas do gênero forró, a festa junina possui uma das melodias mais representativas da festa. A composição “Olha Pro Céu”<sup>6</sup>, criada pelo cantor e compositor Luiz Gonzaga, considerado o “Rei do Baião”. Através deste artefato musical podemos identificar também o uso de palavras que referenciam os ícones ou símbolos da festa junina: o balão multicolor; o dia do santo São João; as variantes do forró, o xote e o baião. Como também, o uso de metáforas que comparam a noite da festa, com o encontro amoroso de um casal e a analogia utilizada para representar a paixão entre duas pessoas, com a queima da fogueira.

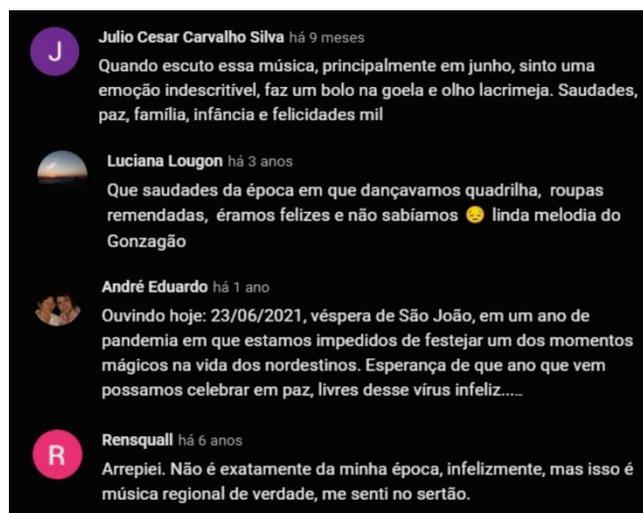
*“Olha pro céu, meu amor / Vê como ele está lindo / Olha pra aquele balão multicolor / Como no céu vai sumindo / Foi numa noite igual a esta / Que tu me deste o coração / O céu estava, assim, em festa / Porque era noite de São João / Havia balões no ar / Xote e baião no salão / E no terreiro, o teu olhar / Que incendiou meu coração (...)”*

Através desse exemplo, observamos que as músicas que referenciam a festa de São João, encerram grandes questões de evocação; principalmente quando se trata das lembranças relacionadas ao seu contexto. Na plataforma de compartilhamento de vídeos e músicas do Youtube, em um canal que consta a música acima mencionada. Identificamos vários depoimentos que demonstram esse aspecto (figura 23).

---

<sup>6</sup> Música “Olha pro céu”, do artista Luiz Gonzaga, data de lançamento (1951), do álbum Olha pro céu.

Figura 23 - Comentários na página do Youtube sobre a música de Luiz Gonzaga



Fonte: Autor

Através desses quatro relatos, constata-se que as lembranças estimuladas pela mediação sonora (as músicas de forró), podem oferecer uma gama de informações sobre as experiências no contexto junino. Em todos os depoimentos, nota-se que a música evoca emoções e sentimentos de felicidade, alegria, saudade, esperança e identificação com o festejo. E nos trazem referências sobre os símbolos da tradição, como: as quadrilhas, as danças, as roupas remendadas. E a representação do próprio discurso da festa, como: a volta às origens e a regionalidade.

Em outra postagem no site do RHCG (2012), em que se utiliza esta mesma música como artefato de recordação. Temos o seguinte comentário:

*“Considero o Hino do São João de Campina Grande... imagina comemorar os fogos de São João sem esta música... morre 50% do encanto”*

Aqui podemos evidenciar a música, escrita por Luiz Gonzaga, como símbolo da festa de São João. E que a comemoração da data, em homenagem ao Santo, sem a combinação do “hino” com os fogos de artifícios, não faz nenhum sentido. Ou seja, o ritual da queima de fogos, sem a mediação do estímulo visual e auditivo, não promove uma significação completa.

Outra reflexão que Halbwachs (1990), traz em questão, é a necessidade de uma *comunidade afetiva*. A respeito do São João, como exemplo, sempre que se aproxima

o mês da festa. As comunidades se unem para decorar e ornamentar suas casas, ruas, escolas e lojas comerciais; com a finalidade de promover o universo e o espírito junino. Relata Cordeiro (2018):

*“Era um terreno baldio, sem nada. Então naquele ano, a prefeitura fez uma palhoça e um piso simples de cimento. Na época já tinha um letreiro com o nome “O Maior São João do Mundo”. Foi meio que uma coisa feita em cima da hora. Muitas pessoas ajudaram levando bandeirolas e objetos para ornamentar. Não havia empresa, nem equipes específicas da prefeitura. Era tudo feito pelo povo”.*

Através desse depoimento, observa-se o papel essencial das comunidades na manutenção e vitalidade da memória junina. Desde o princípio da criação do MSJM, até os dias atuais. As informações e os pontos em comuns que circulam no grupo permanecem em consonância, sendo compartilhada de geração em geração. A exemplo deste relato, onde a própria comunidade promove, em conjunto, a ornamentação da festa. Fato que se desenvolve devido aos sentimentos, pensamentos e ideias estarem em coesão no grupo.

Em outra postagem no site do RHCG (2013), identificamos o seguinte depoimento: *“Neste mesmo ano já morava na casa da minha Tia Penha, na Av. Assis Chateaubriand no bairro da liberdade. A campanha do doutor Ronaldo pelos bairros também participei, bastante popular e tudo era assim mesmo, um terreno baldio central. Nos primeiros anos foi um pavilhão com Bandeirinhas de plástico, apresentação de quadrilhas, o som era de carro de som.”*

Neste relato, se destaca a recordação do antigo prefeito da cidade (CG) que oficializou o evento do MSJM, a evocação e a comparação do espaço antes da formalização da festa e as modalidades visuais e auditivas, como principal meio de estimulação sensorial coletiva.

Para Halbwachs, existem algumas de nossas lembranças que são evocadas sem identificar ou fazer relação com algum grupo, ou pessoa. E episódios que foram reproduzidos enquanto estávamos sozinhos, apenas “na aparência”. Com relação a isso, o autor nomeia *de estado de consciência individual* ou *intuição sensível*, fatos

que nossa percepção distinguiu e se diferenciou dos demais. Nesse sentido, podemos recordar de algumas experiências e eventos pessoais dos quais ninguém mais viveu. Porém, o próprio autor declara que mesmo em ocasiões em que experimentamos algo “sozinhos”, nossos pensamentos e sentimentos estavam conectados no quadro social.

Sobre a consciência individual, temos o seguinte relato no perfil do instagram de uma tatuadora de Campina Grande - PB, que diz: *“Gosto muito das festividades anuais... carnaval, São João, Natal... cada uma delas me faz recordar de um momento da minha infância, que me fez uma criança feliz :) Nessas horas, há alguns anos atrás, meu pai mantinha a tradição de acender chuveirinhos e soltar bombinhas, junto de minhas irmãs. Há nove anos, nesse mesmo período, ganhei o melhor presente de minha vida. Pra mim é uma época muito feliz, que curti muitos shows bacanas no pp. Viva São João!”*

Essa declaração constata, assim como propôs Maurice Halbwachs, que mesmo em episódios em que estamos sozinhos, nossas recordações evocam sentimentos que se relacionam com o plano social em que vivemos. Ou seja, mesmo distante da sua família, para a tatuadora, a véspera do dia de São João (23 de julho de 2018, data da postagem) e os estímulos promovidos durante o mês, evocam momentos do seu núcleo familiar e do quadro temporal da sua infância. E, além disso, a época em si rememora um fato de sua consciência individual, o nascimento da sua filha (“... Há nove anos, nesse mesmo período, ganhei o melhor presente de minha vida...”). Ou seja, embora a relação da natividade de sua descendente com a festa junina faça parte da sua lembrança pessoal e individual, o seu pensamento e sentimento estavam presentes na natureza social.

Existem também muitas ideias, pensamentos e sentimentos que achamos que pertencem a nossa natureza particular, mas esquecemos que elas foram originadas e criadas em grupo.

“Quantas vezes exprimimos então, uma convicção que parece todo pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver, que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós. "Já tínhamos pensado nisso": nós não percebemos que não somos senão um eco (HALBWACHS, 1990, p 47).”

Em relação a este pensamento e exemplificação de Halbwachs, podemos então considerar a importância dos artefatos do design de informação para a construção, manutenção e formação da memória coletiva dos grupos. O design de informação, ou o infodesign, englobam tanto os campos materiais, digitais ou sensoriais. Sendo a transmissão de informação, como fator relevante e primordial nesses artefatos. Para Shedroff (2014), o fazer do design da informação, trata da organização e apresentação das informações com valor e significado. E como a disciplina se utiliza da comunicação visual, para mediar algumas informações que necessitamos. No entanto, surge uma inquietação atual de estudos no design de informação que ampliem a abordagem da percepção sensorial no campo. Levando em consideração que o processo de aquisição da informação humana, não se restringe apenas ao campo do visual, mas de outras modalidades sensoriais. Onde nossos pensamentos, ideias e sentimentos se declinam.

As nossas lembranças aparentam ser exclusivamente pessoais, e somos capazes de reconhecê-las e encontrá-las sozinhas. No entanto, elas distinguem-se pelo nível de complexidade para que sejam lembradas. Ou seja, o passado se diferencia em duas categorias de domínios: aquelas que evocamos quando queremos, de domínio comum, é acessível e são lembrados por grupos próximos e recordados com frequência; estão sempre ao nosso alcance, porque se conservam em grupos nos quais temos relações estreitas. E outras que não respondem facilmente quando solicitadas; são as lembranças que pertencem e são reconhecidas apenas por nós.

Figura 24 - Disco de vinil da banda Capilé



Fonte: Perfil do Instagram retalhos históricos de Campina Grande - PB

Em outra postagem do perfil do Instagram (Figura 24), Retalhos Históricos de Campina Grande (RHCG), que apresenta o Disco de vinil (LP) lançado em 1987 para promover a festa junina na cidade, com músicas de forró da banda Capilé (da própria cidade de CG-PB). Encontramos o seguinte comentário: *“Ganhei esse compacto quando tinha 7 anos de idade. Lembro demais dessas músicas.”*

Figura 25 - Embalagem do vinil da banda capilé.



Fonte: Perfil do Instagram retalhos históricos de Campina Grande - PB

Percebe-se, no exemplo do comentário apresentado, que a lembrança evocada, a respeito da embalagem de vinil (figura 25), se define com uma recordação que pertencem e são reconhecidas apenas por nós. Isso fica evidente quando o relato menciona o quadro temporal pessoal da infância do indivíduo; que aos sete anos ganha o “LP” da banda. Para Damásio (2005), existem artefatos que funcionam apenas como

evidências particulares de que algumas experiências de fato aconteceram. Esses artefatos, em sua maioria, exercem a função de gatilhos de lembranças exclusivas que não se deseja esquecer.

Figura 26 - Logomarca do Maior São João do Mundo



Fonte: Perfil do Instagram retalhos históricos de Campina Grande

Em uma outra postagem do perfil do instagram Retalhos Históricos de Campina Grande - PB, que relata sobre os criadores do Maior São João do Mundo na cidade e apresenta um folder publicitário (figura 26) da primeira logomarca da festa (o casal de espigas de milho, feitos artesanalmente). Extraímos o seguinte comentário: “*Que bela memória, Minha amada mãe foi a responsável pela confecção dos bonequinhos de milho que fizeram a cara do São João, Ah que Saudades...*”

Neste relato, se evidencia uma lembrança pessoal ou uma consciência individual, como sugeriu Halbwachs. No entanto, como define o autor, mesmo em memórias coletivas, como nas datas comemorativas juninas, dispomos também das memórias autobiográficas, como no exemplo apresentado. A postagem do folder, com os bonecos feitos de espigas de milho, evoca uma lembrança de reconhecimento pessoal. Testemunhando seu parentesco com a criadora do artefato e manifestando seu sentimento de nostalgia, em consequência da lembrança da sua mãe, como também da época junina.

Através das narrativas descritas até o momento, nota-se que as lembranças evocadas, em grande maioria, foram percebidas e estimuladas com maior predisposição

pelos sentidos da visão e audição. No entanto, verifica-se que os artefatos de comemoração viabilizam também a possibilidade de gerar significado através dos aromas.

Em um depoimento publicado por Lanverly no site do Gazeta de Alagoas (2021), por meio de uma conversa com seu amigo. O autor relata, que uma das coisas que mais sente falta, são sensações vividas em episódios como datas comemorativas; atestando que as lembranças desses momentos são especiais e ainda permanecem em sua memória. Ele demonstra também, o desânimo sentido pelo seu amigo em fazer tarefas do cotidiano, após ser vitimado pela COVID-19 e ter a capacidade olfativa reduzida; constatando o efeito devastador da doença. Nesse sentido, Laverly demonstra a importância da memória olfativa para as pessoas, principalmente pela capacidade dessa modalidade sensorial promover lembranças mais intensas e emocionalmente mais fortes. E exemplifica os festejos juninos, como um veículo que oferta com grande expressividade, esse estímulo sensorial. O mesmo descreve em sua matéria com o tema: Os inigualáveis cheiros do São João, dizendo:

*“(...) O característico cheiro de fumaça no ar, advindo das inúmeras fogueiras espalhadas, até pelas ruas pavimentadas, me remete a um passado inesquecível, quando, ainda criança, brincava com pessoas queridas, muitas, que entre nós já não habitam. O odor e o brilho da pólvora queimada trazem à tona lembranças dos festejos ocorridos na Fazenda Angicos, lá em Caicó e, também, no Hotel Tavares Correia, em Garanhuns, para onde anualmente acorria com minha família, em busca de diversão. O aroma das comidas típicas, como canjica, quentão, pé de moleque, pamonha, bolo de milho, além do próprio milho, cozido ou assado, são páginas de minha vida, escritas pelas quituteiras que fizeram história: minha avó, minha mãe, minha sogra. O cheiro do perfume forte, usado pelos “matutos” integrantes das quadrilhas juninas, os rapazes usando roupas de tecido quadriculado e as mocinhas em vestidos de chita, com maquiagem transbordante de pintinhas pretas ao redor dos olhos, divertindo-se a valer, ao som das bandas de pífanos, que tocavam, tanto o inigualável alavantu e anarriê quanto a inesquecível “capelinha de melão, é de São João. É de cravo, é de rosa, é de manjerição. São João está dormindo, não me ouve não. Acordai, acordai, acordai João.” É junho. Novamente é São João, que bom lembrar do cheiro de terra molhada pelo o sereno que teima em cair, os balões que eram as estrelas do interior,*

*sempre subindo, iluminados pela luz do prateado luar, os sanfoneiros tocando, as moças sempre rezando, querendo um marido arranjar. E aqui, na cidade grande, apurando meu olfato, aguçando a memória, busco, lá no passado, os sonhos que, materializados, me dão a certeza de que o festejo junino é o único momento em que as luzes, os cheiros, os odores, as cores e os sons, se confundem em uma coisa só!”*

Neste depoimento, podemos identificar que os cheiros e os odores, assim como os outros estímulos, fornecem informações que evocam também o entorno material relacionados ao contexto junino e seus significados inerentes. Onde o cheiro de fumaça das fogueiras, o odor da pólvora das bombinhas, o aroma das comidas típicas e o perfume utilizado pelas pessoas são recordadas e remetidas às lembranças da época. O autor ainda aponta que os estímulos sensoriais promovidos durante o festejo, se confundem, evocando lembranças que foram percebidas mediante outros sentidos.

Para finalizar este tópico em busca dos artefatos de memória junina, mediado pelos relatos das lembranças. Apresenta-se também o depoimento do ator/comediante, Lucas Veloso e da cantora Elba Ramalho, para a página do site *Nossa Uol*; que promove uma temporada sobre as recordações das pessoas sobre os festejos. Com o seguinte tema: Uma celebração às tradições, raízes e brasilidades, com a curadoria da cantora e atriz Lucy Alves.

A seguir, trechos do depoimento de Lucas Veloso (2020):

*"As minhas melhores lembranças da infância são da época de São João. Todos os anos, meu avô fazia fogueiras para as festas dos santos. A de Santo Antônio, que era sempre a primeira, ganhava uma fogueira gigante, de 1,5 m de altura"*

*"Alguns dias antes, era tradição eu e meus primos sairmos na rua para catar madeira seca para ele montar a fogueira. Era o ritual que eu mais esperava. A gente ajudava na montagem da festa, ia para casa, tomava banho e, quando voltava à noite a fogueira já estava acesa."*

*"Quando fecho os olhos e penso em São João, logo consigo sentir o friozinho gostoso dessa época que faz aqui em Campina Grande. Vejo a névoa descendo na cidade e escuto aquela chuva que vem de longe, que todo nordestino sertanejo conhece, batendo no teto de telha."*

*"Também sinto cheiro de pólvora dos fogos que foram soltos na rua nos dias de santos. Essas sensações são únicas e representam bem a alma do São João no interior."*

*"'Olha pro Céu' é a música que abre o São João todos os anos aqui em Campina Grande. O Parque do Povo fica lotado e, quando dá meia-noite em ponto, os fogos de artifício estouram e começa a tocar esse sucesso de Luiz Gonzaga. É um momento bem emocionante para mim."*

*"Eu me lembro da primeira vez em que comi beiju na vida. Tinha uns 4 anos e meu pai me levou para uma casa de farinha. Vi o cara fazendo a massa de tapioca, espalhando o coco por cima? Nossa senhora! Pode ser coisa da minha cabeça, mas nunca mais encontrei um beiju tão bom como aquele. Lembro do cheirinho dele ficando pronto até hoje."*

Trechos do depoimento de Elba Ramalho (2020):

*"A fogueira sempre grande e linda na porta das casas. O chão de terra. As bandeirinhas tremeluzindo no alto e colorindo as ruas. O cheiro de milho assando no fogo e o forró de Luiz Gonzaga na vitrola."*

*"No Nordeste, fazemos muitas superstições nessa época do ano. A gente plantava a faca no caule da bananeira para descobrir a inicial de nosso futuro marido, por exemplo. Tinha outra que dizia que quem não enxergasse seu reflexo na bacia com água iria morrer naquele ano (...) "Eu fazia todas."*

*" Outro momento marcante eram os batismos de fogueira. Guardo na memória com muito afeto esses compromissos. Quando escolhíamos nossos padrinhos de São João, dávamos as mãos e cantávamos: 'São João me disse / São Pedro confirmou /*

*Que você vai ser meu compadre / Que São João mandou' e então pulávamos a fogueira. Era muito bonito."*

*"Essa é a festa da fartura. Quando chegava junho, a minha casa em Conceição se enchia de milho verde. Eu e minha irmã descascávamos e ralávamos o milho e depois minha mãe fazia canjica e pamonha. Essa lembrança gostosa do cheiro de milho verde enquanto minha mãe estava no fogão dá até água na boca."*

*"Quando toca forró, o coração acelera."*

Em ambos os relatos, fica evidente que as lembranças que remontam o contexto junino, também promovem algumas ações como: contribuir, ajudar, decorar, homenagear, escutar, fazer, acender, soltar, cheirar, dançar, pular, contemplar, comer, escolher, pedir, colher, presentear e entre outras. Todos esses atos fazem parte de algum quadro espaço-temporal, no qual estavam envolvidos os artefatos e as pessoas.

Logo, mediante todos os depoimentos apresentados neste tópico, observa-se que as comemorações juninas, em Campina Grande – PB, são reconhecidas como um importante dispositivo de comunicação da memória coletiva. Enriquecidas por um vasto campo de imagens, objetos, sons e cheiros e entre outros artefatos mnemônicos que atuam como suporte da memória junina; principalmente porque se dedica em promover as tradições e identidades dos grupos. Se apresentam também como elementos que evocam as lembranças pessoais, mas com pensamentos e sentimentos que fazem parte da natureza coletiva. Constata-se que, na maioria, esses artefatos da memória junina se tornaram ícones e símbolos (ou convenções) representativos da festa; contemplando a área do design de informação, e em específico o campo do design sensorial, quando se utiliza dos sentidos para transmitir informação de valor e significado. Seja através das bandeirolas, das fogueiras, dos fogos de artifícios, das quadrilhas juninas, do forró, do mobiliário, dos utensílios domésticos, das cenografias, da culinária, das manifestações gráficas, das indumentárias, dos monumentos, dos instrumentos musicais, como também dos santos juninos.

### **2.4.3 Identificando os artefatos da memória junina.**

Assim como Damazio (2005), localiza os artefatos que “fazem bem lembrar” com base nos estudos de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981). Através dos comentários, relatos e depoimentos obtidos em publicações de sites, redes sociais ou plataformas de músicas, sobre as lembranças do contexto das festas de São João. Como apresentado no tópico anterior. Foi possível identificar o envolvimento de uma classe de objetos, imagens, sons, cheiros e entre outros elementos símbolos da tradição junina, que estimulam a evocação de lembranças significativas.

Para Morigi (2001), a festa junina de Campina Grande- PB se constitui de ícones e símbolos que simulam, em tempo real, o passado procurando revigorar a tradição da festa e a cultura regional. Promovendo sua autenticidade mediante objetos que se estabeleceram desde suas raízes. Segundo o autor, esses signos favorecem no processo de mediação das significações do imaginário coletivo, podendo ser classificados em duas categorias: os signos das imagens temporais, são aqueles que remetem ao passado histórico e liga-se a tradição regional da festa; se apresentam através das manifestações gráficas, monumentos, cenografias (Arraiá do Sítio São João, Cassino Eldorado, a Catedral, Vila nova da Rainha), as indumentárias, a culinária, a mobília e os utensílios domésticos, os instrumentos musicais e o forró. E os signos de imagens atemporais, são aqueles que evocam sua relação com os mitos; nas festas são representados através dos balões, das fogueiras, das bandeirolas, dos fogos de artifícios e das simpatias.

Em sua tese: “Imagens Recortadas, tradições reinventadas”, Morigi (2001), evidencia uma lista de elementos considerados símbolos das comemorações juninas em Campina Grande, com base nas narrativas dos participantes da festa. Através da tabela (figura 27), percebe-se que os entrevistados evocaram com maior ênfase os seguintes elementos: a fogueira, o forró e as comidas típicas.

Figura 27 - Tabela dos símbolos de São João com base nas narrativas das pessoas

<b>Símbolos</b>	<b>Número de Pessoas</b>	<b>%</b>
Fogueira	45	43%
Forró	20	19%
Comidas típicas	15	14%
Fogos	7	7%
Quadrilhas	6	6%
Comidas de milho	5	5%
Balões	3	3%
Outros	3	3%
<b>Total</b>	<b>104</b>	<b>100%</b>

Fonte: (Morigi, 2001)

No entanto, quando o autor indagou aos participantes sobre o que eles lembravam acerca da festa junina, alguns outros elementos foram evocados (figura 28). Apesar da fogueira, o forró e as comidas típicas terem sido considerados como os principais símbolos da festa, apareceram outros elementos que se mostravam aparentemente esquecidos, como: o milho-verde, a infância, os balões, as quadrilhas, a alegria, o espaço da festa, o santo, as bandeirolas, o sertanejo, a sanfona, as danças folclóricas, a pipoca, o quentão, as simpatias, a família reunida, os namorados, o passado, a amizade, a comemoração, a animação, a zona rural, a fazenda e o próprio evento do Maior São João do Mundo.

Figura 28 - Tabela de elementos presentes na memória sobre a festa de São João

<b>Símbolos</b>	<b>Número de Pessoas</b>	<b>%</b>
Fogueira	32	24,4 %
Forró	20	15,2 %
Comidas típicas	9	6,8 %
Comida de milho	7	5,3 %
Fogos	7	5,3 %
Milho verde	5	3,8 %
Infância	5	3,8 %
Balões	4	3 %
Quadrilhas	4	3 %
Alegria	4	3 %
Parque do Povo	4	3 %
Tradição	4	3 %
São João Batista	3	2 %
Bandeiras	2	1,5 %
Sertanejo	2	1,5 %
Outros	19	14,5 %
<b>Total de respostas</b>	<b>131</b>	<b>100 %</b>

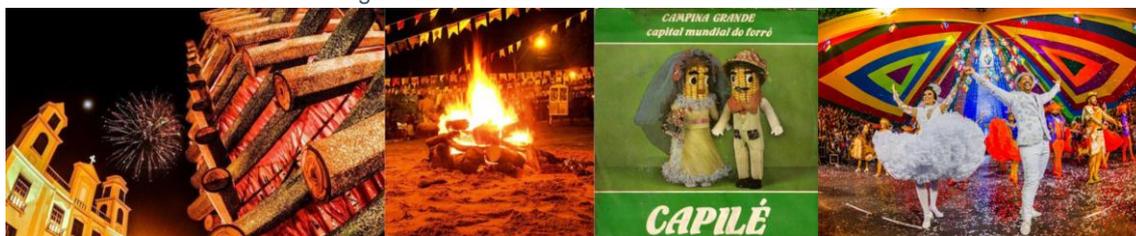
Fonte: (Morigi, 2001)

Os elementos símbolos da festa junina, demonstrados na tabela de Morigi (2001), se relacionam muito bem com artefatos das comemorações citadas nos depoimentos das pessoas, em nossa etapa de localização dos artefatos. Nesse sentido, observa-se que os artefatos de memória das festas juninas são os próprios símbolos (ou convenções) utilizados, e que esses objetos poderiam ser ordenados de acordo com significados das coisas que “fazem bem lembrar”, conforme proposto por Damazio (2013). Considerando que as comemorações circunscrevem grandes questões de evocação de épocas passadas, recordando pessoas, lugares, episódios, épocas, núcleos familiares, ações, pensamentos e sentimentos dos quais o entorno material está envolvido. Sendo assim, os artefatos de comemorações identificados nos relatos das pessoas foram:

### Os artefatos dos estímulos visuais

Balões, fogueiras, quadrilhas juninas, toca-fitas, aparelhos de som, fogos e bombinhas de pólvora, panfletos, discos de vinil, monumentos, indumentárias, letreiros, bandeirolas, cenografias, palhoças, palcos, shows, maquiagens, vestidos de chita e camisas xadrez.

Figura 29 - Identificando os artefatos visuais.



Fonte: Reprodução da Internet/ montagem do autor

### Os artefatos dos estímulos auditivos

Músicas do gênero forró, voz dos cantores, instrumentos musicais (zabumba, sanfona e triângulo), oralidade (alavantu e anarriê das quadrilhas) e rezas, bombinhas e

fogos, aparelhos de som, toca fitas, álbuns de música ou disco de vinil, quadrilhas juninas, sons dos materiais dos objetos (som da chuva no telhado).

Figura 30 - Identificando os artefatos auditivos



Fonte: Reprodução da Internet/ montagem do autor

### Artefatos dos estímulos olfativos

Pamonha, queijo, canjica, milho assado, fogueira, bombinhas e fogos, perfumes, comidas e bebidas no geral.

Figura 31 - Identificando os artefatos olfativos



Fonte: Reprodução da Internet/ montagem do autor

Nessa perspectiva, comprova-se que as informações sensoriais promovidas pelos artefatos das comemorações juninas favorecem a identificação dos grupos e do sentimento de pertencimento; proporciona diversão e alegria; trazem conforto e o bem-estar coletivo; moldam os costumes e os comportamentos da comunidade em prol do sentimento coletivo; promovem e fortalecem os laços afetivos, e fazem as pessoas sentirem queridas e incluídas na festa.

### **3 DESIGN EMOCIONAL / DESIGN SENSORIAL**

#### **3.1 DESIGN EMOCIONAL**

Na busca pelos artefatos das comemorações juninas, como apresentado no capítulo anterior. Observamos que objetos que pertencem ao universo das festas juninas, possuem uma grande competência de emocionar as pessoas. Segundo Damásio (2004), os seres humanos são dotados de uma capacidade de reagir emocionalmente a diferentes objetos. Sendo essa reação acompanhada por um sentimento.

Desse modo, pode se dizer que além da forma física e a função de uso, os artefatos têm função social e simbólica. O que permite considerar que os utensílios, os mobiliários, as indumentárias, as manifestações gráficas, as decorações e cenografias que fazem parte da festa junina, possuem relação direta com os aspectos sociais e culturais de um povo, evocando sentimentos de toda ordem. Ou seja, os artefatos carregam significados e uma série de associações que compõem a identidade de um grupo (CARDOSO, 2012; NORMAN, 2008).

Norman, em seus estudos sobre o design emocional, parte dos seguintes questionamentos. O que são as emoções? Qual a sua relação com os objetos do dia-a-dia? E qual é sua relação com o design, na prática de projetar?

Para responder essas questões, o autor nos leva a ações da vida cotidiana. Traçando exemplos de vivências na sua casa, laboratórios de pesquisas, escritórios de design, fábricas, reuniões de trabalhos, cinemas, encontros com amigos e entre outros. O que permite conduzir suas reflexões sobre o design emocional, para os fenômenos das festas juninas. E entender a relação emocional das pessoas com esses artefatos, no contexto do festejo.

Nesse sentido, o design emocional é considerado uma abordagem que busca compreender as experiências subjetivas na relação das pessoas com os objetos, levando em consideração os aspectos emocionais (NORMAN, 2008). Ou seja, o uso dos artefatos está vinculado à intensidade de emoções relativas às interações vivenciadas pelos seus usuários. “Não reagimos às qualidades físicas das coisas, mas ao que elas significam para nós” (KRIPPENDORF, 2001, p. 89).

Observa-se que nos relatos das pessoas com os artefatos de memória junino. As lembranças são evocadas conforme os estímulos ofertados por esses elementos; com uma grande predisposição para as sensações de modalidade visual, auditiva e olfativa. Estímulos estes quando percebidos e reconhecidos pelos participantes, evocam memórias que remetem diretamente ao contexto da festa junina. Dessa forma, as informações sensoriais significativas fornecidas durante a interação das pessoas com os objetos do São João, promovem a rememoração; como também possibilita o processo de significação.

Para Norman (2008), os objetos são mais do que meros bens materiais. Eles se tornam especiais, em consequência dos significados que trazem para nossa vida. Ou seja, os objetos são símbolos que nos induzem a uma atitude mental positiva, gatilhos que nos trazem recordações ou representações de nós mesmos. Nesse sentido, as pessoas criam significados em coisas que incorporam de forma concreta, os seus objetivos, suas ações, atitudes e eventos do seu cotidiano. E essa sensação de ordem na mente das pessoas, tem relação com as emoções e os sentimentos envolvidos. Nessa perspectiva, o entorno material com os quais nos cercamos, são os símbolos concretos que transmitem essas informações (CSIKSZENTMIHALYI,1995).

Fica evidente, que os significados atribuídos aos diversos tipos de objetos, artefatos e imagens, depende das razões e os motivos que as tornam especiais. O psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi em parceria com o sociólogo Eugene Rocheberg, trazem valiosas contribuições para os estudos de design e emoção. Os autores se aprofundam nas reações emocionais com os objetos que consideramos especiais, evidenciando que nossa relação com os artefatos envolve muito mais aspectos emocionais, do que funcionais e estéticos.

Os autores ainda propõem três níveis de transações, para o entendimento do processo de significado. No primeiro nível da qualidade estética temos a percepção, que envolve uma recepção ativa a um artefato que ainda não é conhecido, onde as suas qualidades intrínsecas modificam nossos hábitos e comportamento. E o reconhecimento, que se refere a interpretação de um artefato ou experiência já conhecido, servindo apenas para estabelecer a pessoa em um sistema de convenções onde todo

significado é simbólico, ou seja, é interpretado de acordo com as convenções presentes e não pelas suas qualidades.

Para Csikszentmihalyi (1995), a forma que reagimos aos objetos tem total relação com a aparência visual, mas essas reações não estão relacionadas diretamente a forma, a dimensão ou a cor dos artefatos, e sim o que elas significam. Dessa forma, pode-se dizer que os estímulos, sejam eles visuais, auditivos e olfativos, dependem das suas qualidades físicas apenas para percepção e reconhecimento. Mas a reação emocional a esses estímulos, dependem dos significados e valores a eles conferidos. Por exemplo, o significado atribuído à fogueira no contexto da festa junina, é totalmente diferente da fogueira encontrada no contexto de uma praia. Apesar dos estímulos fornecidos em ambos os casos serem os mesmos, os significados são outros. No contexto do São João, a fogueira tem um significado de homenagem ao santo, de tradição e lembranças de épocas passadas. Na praia, eventualmente teria um significado de luau<sup>7</sup>.

E ainda sobre os níveis do processo de significado de Csikszentmihalyi e Rocheberg (1981). Temos também o nível do fluxo da energia psíquica, que se refere a quantidade de energia que alocada ao objeto. Ou seja, é onde uma determinada pessoa escolhe investir toda sua atenção em um artefato específico, através da interação. Se relaciona com as ações e o feedback que o artefato pode oferecer. Sendo assim, a energia psíquica oferecida ao objeto é devolvida ao indivíduo com informação significativa e agradável. E o último nível de resultado, diz respeito para quais fins ou objetivos os significados refletem.

Por exemplo, em relação ao contexto junino, quando uma determinada comunidade valoriza os seus símbolos e alocam toda a sua energia nos objetos que representam a festa. A transferência psíquica é considerada com intenção, porque reflete

---

<sup>7</sup> Luau é um tipo de festa de origem havaiana

o que para população se considera significativo. Sendo assim, o feedback é a promoção das suas tradições e a evocação de um sentimento de pertencimento com aquele lugar e contexto.

A partir dos seus estudos sobre a emoção. Norman (2008), descreve três diferentes níveis de reações emocionais com os objetos que operam entrelaçados. O que ele conceitua de “três níveis do design”. O *nível visceral*, refere-se à aparência ou o aspecto físico do objeto; o *nível comportamental*, refere-se ao uso, função ou desempenho para qual ele foi criado; e o *nível reflexivo*, que diz respeito aos aspectos subjetivos, afetado pela cultura e aspectos pessoais, memória afetiva e os significados atribuídos durante a interação com o objeto.

Para o autor, só existe design se houver as três dimensões. E o mais importante é que nesses três níveis, a emoção e a cognição se complementam. Isto é, as nossas emoções são uma peça necessária em nossa vida, ele afeta a maneira como sentimos, pensamos, aprendemos e comportamos. Nos ajudando a avaliar uma situação como sendo algo positivo ou negativo. Nesse sentido, a nossa cognição aumenta nossa compreensão e conhecimento sobre o mundo. Já o afeto, que inclui as emoções, realiza o juízo de valor.

Dessa forma, podemos considerar que os níveis de reações emocionais proposto por Norman (2008), e os níveis de transações de significado de Csikszentmihalyi e Rocheberg (1995), se assemelham. O nível de qualidade estética com o nível visceral (que se refere a aparência do artefato); o nível de fluxo e o nível comportamental (que se refere às ações e os usos que objetos promovem); nível de resultado e nível reflexivo (que se refere aos aspectos subjetivos e os significados atribuídos na interação). Essa semelhança, pode ser visualizada em uma simplificação proposta por Norman (figura 32), para mapear os três níveis em termos de características dos objetos.

Figura 32 - Níveis do design emocional

Design Visceral	>	Aparência
Design Comportamental	>	Prazer e efetividade do uso
Design Reflexivo	>	Auto-imagem, satisfação pessoal, lembranças

Fonte: (Norman, 2008).

Cada camada exige um estilo diferente de design. No nível visceral, se formam as primeiras impressões e é onde a aparência<sup>8</sup> importa. No design, diz respeito ao primeiro impacto com o artefato, em relação a suas propriedades, toques e sensações. A exemplo dessa situação, sobre os artefatos de memórias juninos, temos o seguinte relato apresentado no primeiro capítulo: "*Também sinto cheiro de pólvora dos fogos que foram soltos na rua nos dias de santos. Essas sensações são únicas e representam bem a alma do São João no interior.*" Nesse depoimento, pode-se notar a importância dos estímulos sensoriais como a primeira camada que permite a identificação e julgamento do estímulo sensorial. Onde a sensação do cheiro de pólvora, permite ao lembrante uma avaliação positiva e quando atizada, evoca um quadro espacial da memória coletiva, relacionado ao festejo junino.

No nível comportamental, temos o prazer e a efetividade do uso. Ou seja, diz respeito às experiências de uso promovidas pelos artefatos. Seja para qual função ele foi criado, se desempenha bem suas funções ou se a sua usabilidade foi satisfatória. No caso dos artefatos de comemoração juninas, esse nível se refere aos usos e ações em que os objetos estavam envolvidos, e que cumpriram com a sua função de objetos destinados às práticas das comemorações e festas (DAMAZIO, 2005). Sobre esta camada, temos o seguinte relato: "*Outro momento marcante eram os batismos de fogueira. Guardo na memória com muito afeto esses compromissos. Quando escolhíamos nossos padrinhos de São João, dávamos as mãos e cantávamos: 'São João me disse / São Pedro confirmou / Que você vai ser meu compadre / Que São João mandou' e então pulávamos a fogueira. Era muito bonito.*" Nesse depoimento, podemos considerar a fogueira, como objeto que promoveu a ação principal do ritual de batismo. A tradição de pular a chama, após a escolha dos padrinhos. Nessa perspectiva a fogueira, como objeto, cumpriu com finalidade da prática pretendida, o que resultou em uma avaliação positiva.

---

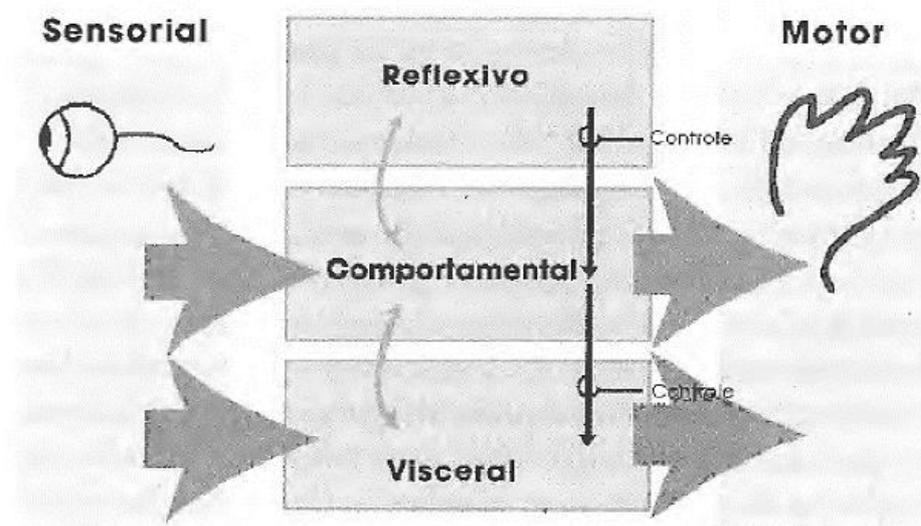
<sup>8</sup> A aparência aqui é tratada como uma configuração exterior de algo; aquilo que se mostra imediatamente; podendo ser visual, auditivo, olfativo, tátil e gustativo.

Ainda sobre o nível comportamental, pode-se dizer que todos os utensílios, mobiliários domésticos e entre outros artefatos utilizados para as decorações cenográficas, que representam a casa do sítio (ou casa da zona rural). Todos esses objetos promovem a evocação de uma lembrança. Mas se tornaram significativas e são utilizadas como gatilhos pelas festas juninas, porque foram marcantes durante a interação e uso pelas famílias sertanejas.

E por último, o nível reflexivo. Onde reside o mais alto nível de sentimentos, emoções e cognições. É nesse campo que é experimentado com plenitude os pensamentos e as emoções. Nos dois primeiros níveis, existe apenas o sistema afetivo (positivo/negativo) mas só no nível reflexivo que ocorre a interpretação, compreensão e raciocínio; sendo este mais vulnerável a mutabilidade das culturas, experiências pessoais e o grau de conhecimento. A respeito desta camada, podemos dizer que os dois exemplos citados anteriormente, se inserem também na reação de nível reflexivo. As experiências promovidas permitiram ao participante, conferir significado ao estímulo do cheiro da pólvora; quando associa o odor com verdadeiro sentido da festa junina do interior, e uso da fogueira para o batismo; quando evoca o sentimento de zelo, por alguém próximo. Confirmando o que propôs Norman. Que as camadas se entrelaçam.

Nesse sentido, a respeito do nível de processamento como apresentado na figura 32. No nível visceral, acontece o primeiro impacto das informações sensoriais fornecidas. Onde é realizado o julgamento rápido do que é bom/ruim, ou seguro/perigoso (sistema afetivo); enviando sinais aos músculos (sistema motor/sistema nervoso). Estes sinais podem ser ampliados ou inibidos através das camadas superiores. Por exemplo, como o nível reflexivo é influenciado pela cultura, então pode-se considerar que odor da pólvora estimulado pelos fogos de artifícios, citado anteriormente, não tenha nenhum valor afetivo (positivo) em outro determinado contexto; e por consequência possa ser avaliado negativamente na camada visceral. O nível comportamental é a camada onde localiza a maioria do comportamento humano (inconsciente); onde suas ações podem ser aperfeiçoadas ou inibidas pela camada reflexiva, ou aperfeiçoar e inibir a camada visceral. A camada de nível reflexivo é a única categoria que não tem acesso às informações sensoriais, e nem possui o controle no comportamento. No entanto, ela observa e reflete sobre os comportamentos tentando influenciá-las.

Figura 32 - Níveis de processamento



Fonte: (Norman, 2008)

Em termos de processamento do cérebro. Quando a informação parte de baixo para cima, é impulsionado pela percepção. Quando parte de cima para baixo são impulsionados pelo pensamento (DAMÁSIO, 1996). Nesse sentido, tudo que fazemos possui algum componente cognitivo e afetivo. O cognitivo utilizamos para atribuir significado e o afetivo para atribuir valor. Sendo o sistema afetivo, presente em qualquer

nível de processamento; onde a sua avaliação modifica a forma como pensamos. Nessa perspectiva, podemos considerar que os artefatos de comemorações juninas promovem reações emocionais. De baixo para cima, quando o participante do festejo é estimulado pelo artefato de maneira espontaneamente, sem o interesse partir do indivíduo. E de cima para baixo, quando o participante vai ao encontro desses estímulos, com conhecimento prévio (ou não), na finalidade de experienciar as emoções promovidas pela festa.

Outro ponto importante em relação a esses três níveis, é o tempo. Na camada visceral e comportamental, as reações emocionais e sentimentais se referem no “agora”, enquanto se interage com o produto. No entanto, na camada reflexiva seus pensamentos fazem referência ao passado, considerando o presente; nível onde o sentido de identidade das pessoas se localiza. Logo, podemos considerar que o nível reflexivo do design emocional tem total relação com a memória coletiva proposta por Halbwachs (1990), onde o entorno material e a ligação emocional das pessoas com esses objetos são essenciais na manutenção da identidade coletiva e de pertencimento de um grupo social.

Segundo Norman (2008), O que realmente importa na ligação emocional das pessoas com os objetos, é a narrativa da interação que elas carregam. Ou seja, os significados e associações atribuídas aos artefatos, e as lembranças que eles evocam. O autor ainda traz alguns exemplos de objetos chamados de kitsch, como: cartões-postais, suvenires, monumentos e entre outros, considerados no mundo da arte e do design, como objetos “feios”, baratos e populares. Mas são exatamente esses objetos, ricos em significado emocional devido às lembranças que evocam.

Em seus estudos sobre os “artefatos que fazem bem lembrar”, Damázio (2005), localiza uma classe de objetos e imagens que não se destacam apenas pela sua funcionalidade e aparência visual, mas pelos laços afetivos que elas exercem. Esses artefatos demonstram a imensa capacidade de emocionar seus usuários e entre outras reações positivas, não planejadas pelos seus criadores.

Os artefatos das comemorações juninas além de promover as reações emocionais de nível visceral e comportamental, como já foi exemplificado, possui também esse

lado reflexivo com bastante vivacidade. Os objetos de memória junino utilizados durante a época, se tornaram ícones representativos dos festejos e na sua grande maioria são desenvolvidos e empregados justamente com essa finalidade de rememorar as tradições e o ethos da festa. Seja através da culinária, das indumentárias, da decoração, das cenografias e das manifestações gráficas. Todos esses objetos possuem uma carga emocional elevada, devido às lembranças que evocam em função dos múltiplos estímulos sensoriais que o festejo promove.

## 3.2 DESIGN SENSORIAL

### 3.2.1 O design além do visual

A maior parte do design é exclusivamente utilizada para um único sentido, o visual. Isso fica evidente, quando se desenvolve algum projeto ou quando se publica alguma pesquisa científica, o enfoque sempre são as questões e problemáticas imagéticas. Permitimos que essa modalidade dominasse nossa imaginação, e descartamos a ampliação do design para todos os sentidos. Segundo Lupton e Lipps (2018, p, 20), a maior parte do design é um “design sem sentido”, ou seja, nós “olhamos” para o design, mas não o “sentimos”. Em sua grande maioria, são designs frios, técnicos, formais e desumanos. Projetado para servir às funções, comerciais ou técnicas, em vez de surpreender, inspirar ou encantar.

Iniciamos este tópico, através de um vídeo postado na plataforma do Youtube do designer, Jinsop Lee para o Canal do TED, sobre o Design para os cinco sentidos<sup>9</sup>. O designer começa seus questionamentos demonstrando que um bom design possui sempre boa aparência visual, mas porque não pode ter um bom toque, cheiro ou som. Relatando que com frequência os projetos e estudos científicos de design sempre tem

---

<sup>9</sup> Palestra do designer Jinso Lee sobre o design para os 5 sentidos. 2012. Acesso em < <https://youtu.be/N6wjC0sxD2o> >.

uma inclinação aos aspectos visuais e pouco relacionados às outras modalidades sensoriais.

O autor apresenta dois projetos de relógios movidos a energia solar, desenvolvidos por ele e seu amigo (Chris Hosmer), que envolvem os aspectos sensoriais. Respectivamente, o relógio girassol (figura 33 – Esquerdo) que segue a trajetória do sol; onde a flor estiver apontada você faz marcação na base do produto. E o Relógio Olfativo (figura 33 – Direito), com cinco lentes de aumento, um copo de pinga e um óleo aromático; onde os raios do sol aquecem o óleo através das lentes, liberando um odor específico. Em ambos os produtos, o designer afirma que a proposta não é informar a hora exata, mas uma ideia geral do tempo. No entanto, ele afirma que o projeto do seu amigo se torna inovador, simplesmente por utilizar o olfato para identificar o horário.

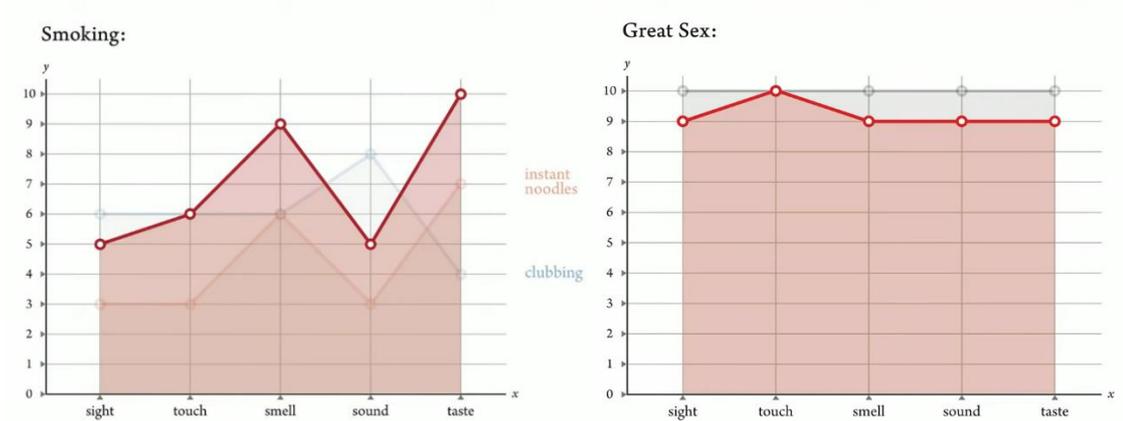
Figura 33 - Relógios olfativos



Fonte: (Jinso Lee, 2012)

Através deste questionamento sobre a competência do relógio olfativo, permitir uma experiência significativa. O designer parte para outra indagação: *porque o sexo é bom?* E propõe a seguinte hipótese: “talvez o sexo seja tão bom, pelo uso frequente dos cinco sentidos no ato sexual”. Com base nessas reflexões sobre o relógio e o sexo. Lee compartilha sua teoria do design para os cinco sentidos, com alguns gráficos e exemplos (figura 34). Esses gráficos, considerados como um diário multisensorial, demonstram os registros de algumas experiências memoráveis em que ele e seus alunos tiveram ao longo da vida, sobre a ótica dos cinco sentidos. Esse gráfico, em que ele chamou de gráfico dos cinco sentidos, possui o eixo y, onde se encontra a escala de avaliação de 0 a 10, e no eixo x, os cinco sentidos (sight/visão; touch/tato; smell/cheiro; sound/som e taste/gosto). Seguem os exemplos abaixo:

Figura 34 - Avaliações da experiência sensorial



Fonte: (Jinsop Lee, 2012)

À esquerda, temos o gráfico sobre as experiências de fumar cigarro (smoking/linha vermelha), provar um macarrão instantâneo (instant noodles/linha laranja) e ir em uma boate (clubbing/linha azul). Todas elas sobre a ótica dos cinco sentidos. E a direita, temos o gráfico onde demonstra que o sexo (linha vermelha) é a única experiência que se aproxima da experiência sensorial perfeita (linha horizontal em cinza), em função envolvimento intenso dos outros sentidos. Através dessa teoria, o designer retorna ao seu questionamento inicial sobre os relógios solares. E conclui, que o produto do seu amigo se tornou mais revolucionário, porque era o primeiro relógio a informar o tempo pelo cheiro; se utilizando de dois sentidos, a visão e olfato. Enquanto o seu envolvia apenas a visão.

Atravessado pelas reflexões feitas por Jinsop Lee. Fica evidente, que a área do design, principalmente do campo do design de informação, detém seus estudos com maior abrangência nos aspectos visuais; descartando as outras modalidades sensoriais. Isso se evidencia pela carência de projetos e trabalhos científicos que abordam também os outros sentidos. No entanto, esta pesquisa propõe contribuir para o tema do design sensorial, considerando as ricas contribuições que outros sentidos podem oferecer ao campo do design de informação.

Os Autores Malnar e Vodvarka (2004) apud Neves (2011), que escrevem sobre o Sensory Design<sup>10</sup>, questionam. “O que aconteceria se projetássemos para todos os nossos sentidos? Suponha, por um momento, que o som, o tato e o cheiro fossem tratados da mesma maneira que a visão, e que a emoção fosse tão importante quanto a cognição. Como seria o nosso ambiente construído se os sentidos, sentimentos e a memória fossem fatores críticos para o desenvolvimento de projetos de design.

A prática do design vai muito além do visual. Ele estimula o toque, o som, o cheiro e o paladar, tornando a atividade muito mais inclusiva e multissensorial. Ou seja, o design sensorial apoia a oportunidade de todos receberem informação, explorarem o mundo e experimentarem alegria, admiração e conexões sociais independentes de suas habilidades sensoriais. Para Lupton e Lipps (2018), design é entender o mundo dos sentidos. Percebendo novas sensações para enriquecer e melhorar a vida cotidiana. Nesse sentido, quanto mais os designers se abrem para as dimensões sensoriais, ele aumenta suas habilidades e amplia o alcance e as influências do design.

Compreender aquilo que é percebido pelas pessoas é essencial para qualquer projeto de artefato. Os sentidos desempenham um papel vital na experiência humana, e nas emoções ligadas a ela. Principalmente, porque é através dessas informações recebidas que interpretamos o mundo ao nosso redor. Nas práticas das comemorações juninas, como campo de observação para esta pesquisa. Observamos uma grande oferta de estímulos, seja através dos cheiros, dos sons e dos aspectos visuais que abrange todo o universo da festa. Promovendo com bastante efetividade as experiências sensoriais, e além disso, oferecendo vários insights que poderão contribuir em futuros projetos do design emocional e sensorial.

---

<sup>10</sup> Em Português Design Sensorial.

### 3.2.2 Percepção Sensorial

Não importa o contexto em que nos encontramos, os nossos valores, sentimentos, emoções e memórias estão armazenadas no nosso cérebro. Para Lindstrom (2007), o sistema de arquivamento humano pode ser comparado com um antigo gravador de vídeo, onde são gravados as imagens e os sons de maneira separada. No entanto, essas informações arquivadas possuem pelo menos cinco faixas: imagem, som, cheiro, gosto e toque. E dentro de cada uma delas contém um universo de informações sensoriais, que tiveram origem direta e imediata em nossas emoções. Assim como trata Norman (2008), as nossas emoções afetam a maneira como as coisas merecem ser lembradas.

Nos níveis das reações emocionais abordadas no tópico anterior. Observamos que as camadas se comunicam entre si, cada uma modulando a outra. E que em termos padrão de processamento no cérebro, quando a atividade parte da base; está associado a interpretação de informações sensoriais, sendo impulsionados pela percepção. Já, quando parte do topo, está associado aos processos de raciocínio, e impulsionado pelo nosso pensamento. Para Damásio (1996), as imagens<sup>11</sup> perceptivas são aquelas construídas pelo mundo exterior ao nosso cérebro e a imagens evocadas (ou pensamento), são construídas inteiramente pelo interior do nosso cérebro.

Nessa perspectiva, fica evidente que os projetos de design partem da base da camada. Demonstrando ser um caminho possível para estimular os sentidos humanos, através das informações sensoriais. Isto significa dizer, que os nossos sentidos são a porta de entrada, pelo qual nosso cérebro recebe todas essas mensagens do meio externo. Onde a sensação se refere ao processo de detecção e codificação de um estímulo físico, como os sons, as imagens, os cheiros, o sabor e o toque. E a percepção, é o processo onde as sensações codificadas são integradas, organizadas e interpretadas como uma experiência significativa (DAMÁSIO, 1996).

---

<sup>11</sup> Para Damásio (1996), as imagens podem ser visuais, sonoras e olfativas.

Sendo assim, tudo que conhecemos do *mundo externo*<sup>12</sup>, surge de nossa interação com o ambiente que nos rodeia, através das nossas modalidades sensoriais. Para Damásio (1996, p 123):

“Se você olhar pela janela para uma paisagem de outono, se ouvir a música de fundo que está tocando, se deslizar seus dedos por uma superfície de metal lisa ou ainda se ler estas palavras, linha após linha, até ao fim da página, estará formando imagens de modalidades sensoriais diversas.

Ou seja, constantemente estamos criando imagens independente do aparelho sensorial que estamos utilizando. E as imagens formadas em nossas mentes são chamadas de *imagens perceptivas*. No entanto, podemos também criar imagens a partir dos nossos pensamentos independentes da cor, forma, som, cheiro ou palavra emitida. As coisas que evocamos do passado, por exemplo, são *imagens evocadas* em contraste com as perceptivas.

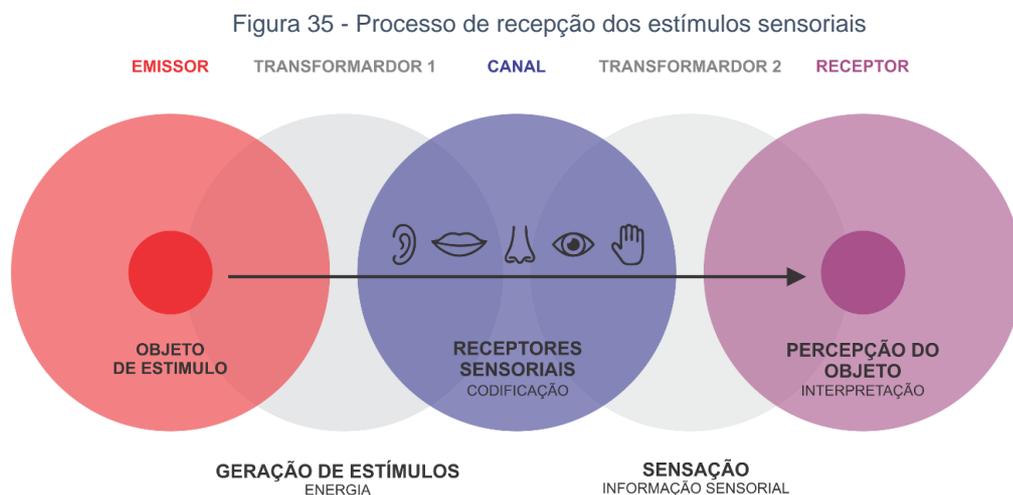
Permita-se imaginar participando das comemorações juninas. Dê uma olhada ao seu redor. Observe os estímulos visuais, a fogueira, as bandeirolas, as cenografias, as decorações, as manifestações gráficas e identifique a quantidade de cores, formas, sombras, texturas e imagens percebidas. Agora ouça cuidadosamente a variedade de sons altos e baixos, distantes ou próximos. O som da sanfona, da zabumba e do triângulo, as músicas de forró tocando no ambiente, o arrastar de pés durante as danças no salão, as risadas e conversas de diversão, os sons dos fogos de artifícios ou a voz do seu cantor preferido. Respire fundo e comece a identificar os aromas que pairam sobre o ar. O cheiro do milho, da pamonha, da canjica, da fumaça da fogueira, do perfume exalado ao abraçar alguém querido, da cachaça no copo de pinga e do odor de pólvora das bombinhas. Com estas observações, você exercitou três dos seus sentidos.

---

<sup>12</sup> Inclui o conhecimento sobre fatos, objetos, pessoas e situações do mundo.

Com base nesta exemplificação anterior. Podemos dizer, que a resposta física, a onda de luz que você vê, os componentes químicos das moléculas no ar que você aspira e as vibrações das ondas sonoras que você escuta; tudo isso envolve a sensação. Já, a integração e organização dessas informações para que você interprete a imagem do objeto como uma bandeirola de São João; do cheiro, como o odor dos fogos de artifícios; e do som, como música do gênero forró. Tudo isso envolve a percepção.

A seguir (figura 35), temos uma demonstração de como ocorre o processo de recepção dos estímulos de um objeto, na perspectiva do design, até o seu resultado de percepção significativa. Para Haverkamp (2009), que aborda em seus estudos do design multissensorial, a partir do modelo da teoria das comunicações. O processo de percepção é instituído quando um objeto de estímulo (emissor) comunica suas propriedades mediante vibrações, luz ou substâncias químicas, ou seja, sua energia. Esse estímulo é convertido em impulsos transportáveis (transformador 1), e transmitido aos receptores sensoriais. Esses órgãos codificam (transformador 2) o estímulo em sensação (cheiro, imagem, gosto, som e toque). E em seguida a informação sensorial é percebida e interpretada (receptor).



Fonte: (Haverkamp, 2009)

Como vimos, nossos sentidos estão a todo momento registrando uma imensa variedade de estímulos sensoriais do meio externo e transmitindo essas informações para o nosso cérebro. Mas, para usarmos esse estímulo físico disponível, devemos

organizar, interpretar e relacionar essas informações ao nosso conhecimento existente. Ou seja, na medida que interagimos com esses estímulos utilizamos nossa memória, lembranças, expectativas e emoções para chegarmos a uma percepção significativa com as pessoas ou objetos. Sejam impulsionados pela percepção ou pelo pensamento.

Figura 36 - Balões de São João em Campina Grande - PB



Fonte: Autor

É importante também observarmos, que no processo de identificação e interpretação dos estímulos sensoriais, nossa percepção significativa pode ser influenciada pela nossa cultura. Por exemplo, na fotografia da figura 39, que retrata a decoração no interior do monumento do Parque do Povo, através das bandeirolas, balões, cores e formas. Se esta imagem for apresentada para alguém familiarizado com as comemorações juninas, em Campina Grande - PB. Provavelmente ela identifica as ornamentações, como artefatos que fazem parte do contexto dos festejos de São João e o ambiente onde a imagem foi fotografada, como o espaço da Pirâmide do Parque do Povo. No entanto, se esta mesma imagem for apresentada para uma pessoa que não tenha nenhuma experiência e conhecimento sobre o festejo, ou até mesmo não reconheça o ambiente em que foi fotografado. As percepções e significados atribuídos serão totalmente diferentes.

Para Hockenbury (2003), nossas experiências educacionais, culturais e emocionais, assim como, os fatores fisiológicos modelam aquilo que percebemos. Podendo variar de pessoas para pessoas, mas também de cultura para cultura. O exemplo da fotografia da figura 39, ilustra bem a noção de *contexto perceptual*. Ou seja, o contexto

em que vivemos e nossas experiências anteriores, influenciam nas conclusões que chegamos. Dessa forma, as culturas do mundo podem ser compreendidas através dos seus sentidos.

Caso parecido, se olharmos para as formas de orientação criadas pelos esquimós. Poderíamos reconhecer que as percepções dessa cultura se diferenciam totalmente da nossa. A partir do livro “Eskimo”<sup>13</sup>, produzido pelo artista Edmund Carpenter, pelo antropólogo Frederick Varley, essa comunidade se utiliza da modalidade olfativa e tátil para se orientar em um ambiente onde às vezes não há separação alguma entre a terra e o céu; onde o olho só consegue apenas enxergar neve. Em um lugar como este, os esquimós se orientam através dos cheiros do vento e da sensação de gelo sobre o qual estão pisando. Essas técnicas lhes fornecem informações e os direcionam por centenas de quilômetros. O que significa dizer que os esquimós vivem em um espaço acústico-olfativo e tátil, ao invés de um mundo visual.

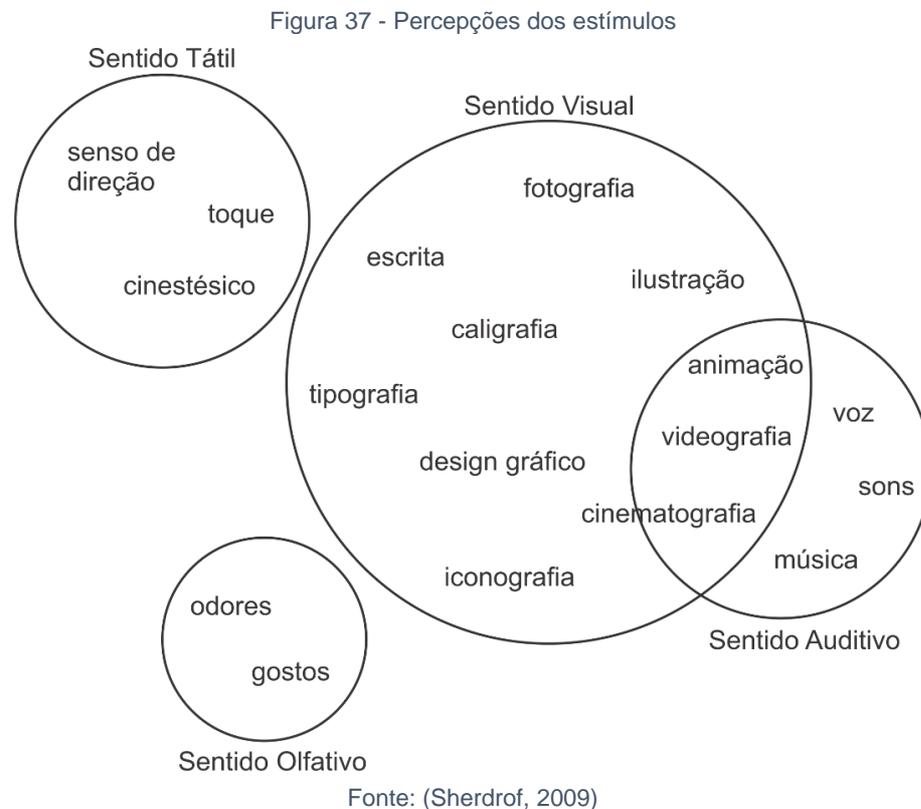
Ao presenciarmos uma experiência com um objeto, imagem ou ambiente, todos os sentidos se envolvem simultaneamente e cria uma soma no qual uma pessoa é capaz de perceber. Porém, em um mundo cada vez mais visual, é preciso estar atento também aos outros sentidos. O que torna uma experiência marcante, na verdade, está relacionado, a percepção, a memória e a emoção de quem experiencia. Se a resposta a um estímulo sensorial não foi satisfatória, poderá também ser considerada um problema de design. Logo, levar em conta as outras modalidades sensoriais, podem ser umas das possibilidades.

Para Nathan Shedroff (2009), em seu livro “O manifesto para o design de experiência”. O design sensorial é apenas um termo genérico utilizado para as disciplinas de design que promovem experiências que interagem diretamente com os nossos sentidos. Isso inclui disciplinas do design gráfico, mas também o campo do design de produto e do design de mídias. Cada um deles com suas complexidades e princípios,

---

<sup>13</sup> Carpenter, E. Eskimo Realities, Holt, Rinehart e Winston: Nova York. 1974.

se destacando de maneira diferente em diversos meios de comunicação. Veja o campo dos estímulos do design sensorial (Figura xx).



Como podemos ver na (figura 37), o design sensorial está intimamente relacionado à forma como percebemos os estímulos através dos sentidos. Seja através dos sons, das músicas, dos odores, da animação, da iconografia e entre outros. Dessa forma, o profissional que projeta para experiência, precisa necessariamente desenvolver uma melhor compreensão de como utilizar os sentidos, entender como eles operam, como se relacionam entre si e como criar para estimulá-los.

Por exemplo, uma informação visual pode evocar significado em qualquer decisão que se baseie em sua aparência. Segundo Sherdroff (2009), os gráficos e ilustrações transmitem pistas culturais que ajudam as pessoas a identificar designs com valores diferentes. Embora a maioria dos projetistas façam escolhas de acordo com sua preferência pessoal. Cada elemento visual, seja a tipografia, a cor, a textura, o layout ou a fotografia, são escolhidas com base na mensagem que eles querem comunicar ao

público. Para o autor, um ótimo design deve ser consistente, claro e comunicativo. E isto se relaciona com os atributos perceptíveis que cada pessoa possui.

Sendo assim, significado e memória tomam forma. Quando encontramos uma logomarca atualizada ou uma cadeira com um formato diferente. Não enxergamos esses artefatos como completamente estranhos. Mas concentramos toda a nossa atenção, na diferença do que é realmente novo e o que já faz parte do nosso repertório. Podemos imaginar as sensações sem precisar simulá-las. As nossas experiências anteriores, dizem ao nosso cérebro o que esperar.

Segundo Lupton e Lipps (2018), os sentidos também se fundem e se misturam, desencadeando ou amplificando outras modalidades sensoriais. Ou seja, o cérebro realiza conexões entre os sentidos. Fazendo uma música tocar em cores e letras evocarem sons ou texturas. Esse processo de cruzamento entre os sentidos é chamado de sinestesia. Embora seja considerada uma condição neurológica específica, nossa vida diária permeia algum grau de alquimia sensorial.

Os atributos perceptíveis em um projeto de design, sejam eles visuais, auditivos, olfativos, gustativos, táteis ou sinestésicos, são utilizados como gatilhos que evocam diferentes significados e emoções em contextos e públicos variados. Como já vimos anteriormente, a cultura tem forte influência nas nossas percepções. E por essa razão, que algumas culturas ocidentais, o branco é utilizado para conotar elegância, pureza ou sofisticação e em culturas orientais, é um símbolo de morte e luto. Já em relação ao objeto de estudo desta pesquisa, as festas juninas. Fica evidente, que a festa promove um conjunto de símbolos, como a fogueira, bandeirolas, balões, milho, sanfona, chapéu de palha, estampas de chita ou xadrez e os santos, utilizadas para conotar as tradições, os rituais religiosos, as chuvas e modo de viver do sertanejo no campo. Porém, em outras culturas e contextos diferentes esses símbolos podem variar e apresentar outros significados. Como exemplo, em Portugal, as comemorações de São João conotam a chegada do verão, do calor e os dias de sol.

Compreender as modalidades sensoriais é o primeiro passo do design multissensorial. Os nossos órgãos receptores são como uma estrutura que reage a todo ins-

tante aos estímulos físicos do meio em que vivemos, obtendo informações e conhecimento sobre o que nos cerca. Ou seja, toda nossa compreensão do mundo é mediada pelos sentidos. Eles informam as pessoas sobre incidentes, alertam sobre perigos, proporcionam relaxamento, evocam lembranças, facilitam o uso de algum produto, promovem a diversão, auxiliam no aprendizado e favorece no compartilhamento das tradições e identidades de uma comunidade, como se observa nas comemorações juninas. As respostas das sensações que sentimos, tocam nossas emoções e são importantes para os estudos de design.

A seguir iremos nos aprofundar sobre as percepções olfativas, auditivas e visuais através do livro “A Natural History of the Senses”, de Diane Ackerman. Que descreve bem o poder dos diferentes sentidos e como utilizá-los em experiências sensoriais. Essas três modalidades sensoriais foram selecionadas, de acordo com levantamento realizado na pesquisa exploratória, no primeiro capítulo, que localiza os cheiros, os sons, os objetos e imagens como estímulos constantes, repetitivos e evidenciados nas lembranças da comunidade.

### **3.2.2.1 Percepção Olfativa**

Podemos fechar os olhos, tapar os ouvidos, evitar o toque e rejeitar o sabor, mas o cheiro é um elemento essencial. É o único sentido que não podemos passar mais do que segundos sem ele. Principalmente, porque é através desta modalidade que respiramos.

O sentido do olfato depende das minúsculas partículas chamadas de odorantes no ar, que são liberadas de muitas fontes diferentes. Esses odores são, na verdade, substâncias químicas que se espalham pelo ar e vaporizam. Essas moléculas encontram milhões de células receptoras olfativas localizadas na parte superior da cavidade nasal. Quando estimuladas, essas células transmitem mensagens neurais para o bulbo olfativo, onde a sensação de odor é registrada. Os receptores sensoriais para o olfato e o paladar são os mesmos, diferentemente do que acontece com a visão e a

audição, pois são sensíveis a outras formas de energia. Por isso, essas duas modalidades são chamadas de “sentidos químicos” (HOCKENBURY, 2003).

Ao cheirar um odor específico e familiar podemos repentinamente retornar ao passado. Esse estímulo fornecido, pode ser um poderoso recurso utilizado pelo design sensorial para fazer as pessoas reviverem um sentimento no passado, e trazer de volta os sentimentos vividos, mas não o momento. Em relação à festa juninas, podemos destacar o seguinte relato, localizados na etapa da pesquisa exploratória: *“Também sinto cheiro de pólvora dos fogos que foram soltos na rua nos dias de santos. Essas sensações são únicas e representam bem a alma do São João no interior.”*

Conforme foi exemplificado anteriormente, os cheiros possuem uma grande capacidade de evocar as memórias das pessoas. E não seria diferente aos estímulos promovidos no contexto das festas de São João. Até mesmo aquelas lembranças que pensávamos que já estavam esquecidas. O sentido olfativo possui essa competência de nos transportar no tempo. Segundo Ackerman (1996, p. 12), “Os cheiros detonam suavemente na nossa memória, como minas pungentes escondidas sob a capa de ervas daninhas de muitos anos e experiências. Basta tocar o rastilho de um cheiro, que se dá imediatamente uma explosão de recordações.”

Cheiro de pólvora dos fogos, cheiro de lenha queimada, cheiro de comida de milho. Sempre associamos os odores a outros elementos. Para Lindstrom (2007), é quase impossível descrever os cheiros através das palavras, e por esse motivo utilizamos com frequência os vocabulários de alimentos e os sabores para descrevê-los. Mediante o próprio autor, sobre visitas feitas em algumas tribos africanas. Quando novos membros são aceitos na comunidade, pede-se para tirar a roupa e todos os pertences; e uma nova vestimenta característica da cultura é oferecida. É solicitado também que as pessoas esqueçam os nomes que receberam. Então, como as pessoas são identificadas? Através do olfato. Cada ser humano possui um odor distinto, e os novos nomes eram recebidos com base no cheiro de cada indivíduo.

Para Ackerman (1996), o olfato é chamado de “sentido mudo”. Justamente porque nos faltam palavras para descrevê-los. Quando percebemos algo visualmente, conseguimos detalhar com riquezas de detalhes as imagens. Por exemplo, as bandeirolas

juninas são coloridas, possuem formas triangulares, são penduradas por meio de barbantes e assim por diante. Mas como descrever as características dos cheiros?

Sempre associamos os cheiros em função de outras coisas. No caso das modalidades gustativas, só conseguimos detectar quatro sabores: o doce, o amargo, o salgado e o ácido; o que significa dizer que muitos alimentos que julgamos ter sabor, na verdade, possuem um odor. Sendo assim, podemos associar as informações olfativas mediante outras formas. Fumoso, adocicado, frutado, amadeirado, cítrico, floral, vibrante, oriental e entre outros. Mas em sua grande maioria tentamos descrevê-los em relação ao que eles nos permitem sentir. Ou seja, as coisas têm um cheiro, nojento, agradável, enjoativo, excitante, hipnótico, sensual.

Ou seja, os cheiros transmitem informações. Estudos apontam que tanto crianças como adultos, são capazes de determinar se uma peça de roupa foi usada por um homem ou uma mulher, apenas pelo cheiro. O cheiro permite identificar um vazamento de gás. Se uma comida está queimando, durante seu cozimento. Se um caminhão que transportava aves, passou pela rodovia. Remetemos o cheiro de praia, quando usamos um protetor solar. Associamos que choveu, quando sentimos cheiro de terra molhada e tantos outros.

Na nossa versão primitiva, a modalidade olfativa era o nosso sentido mais importante. E era através dela que as pessoas conseguiam detectar se um alimento era venenoso. No entanto, com a nossa evolução esse sentido foi perdendo a sua relevância. Mesmo assim, ainda temos uma relação íntima com os cheiros. Usamos fragrâncias no nosso corpo, nos carros, nas casas e em ambientes comerciais. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec), o Brasil é o maior mercado de perfumes do mundo. E a união entre perfumaria e inovação tecnológica é uma área com grande potencial de crescimento, principalmente se tratando dos cenários olfativos virtuais. Onde os aromas serão utilizados para otimizar performances ou oferecer apoio emocional.

Segundo a matéria feita pelo Sebrae<sup>14</sup> sobre a tendência do mercado de perfumes. Por meio uma pesquisa recente, 56% das pessoas esperam que todos os filmes tenham cheiros até 2030, e 47% acredita que no mesmo período, aromas digitais estarão disponíveis para uso comercial. O que evidencia, a grande expectativa das pessoas em relação a produtos ou mídias que se comunicam através dos odores.

Nessa perspectiva, os cheiros podem ser extremamente nostálgicos e desencadear emoções sem que tenhamos tempo de selecioná-las. Podendo ser utilizada como recurso para criar uma experiência muito mais significativa e evocar lembranças. Essa modalidade sensorial, por exemplo, também pode ser associadas às formas, as cores e as texturas em nossas mentes. Como apresenta Yuji Kawasaki (2009), em sua dissertação sobre o design gráfico sinestésico, que analisa diferentes técnicas gráficas e informações visuais, que remetem e estimulam os outros sentidos humanos. As cores verdes e laranjas são associadas aos cheiros cítricos, enquanto os tons vermelhos remetem a cheiros adocicados e frutais. Formas curvas e orgânicas, reforçam a sensação olfativa de odores adocicados e suaves, enquanto formas pontiagudas estão associadas a cheiros ácidos e fortes (KAWASAKI, 2009).

---

<sup>14</sup> Sebrae, As tendências que farão o mercado de perfumes de luxo decolar, 2023, Acesso em < <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/confira-as-tendencias-que-farao-o-mercado-de-perfumes-de-luxo-decolar,e806c669b34e5810VgnVCM1000001b00320aRCRD> >

Figura 38 - Percepções Olfativas



Fonte: Reproduzidas da Internet/Montagem do autor)

Quem não lembra das canetinhas com cheiro de frutas que usamos durante a escola. Das provinhas reproduzidas pelo mimeógrafo com cheiro de álcool que exalava pela sala de aula. O perfume de Alfazema com cheiro de vovó. E do cheirinho de Tutti-Frutti que remete aos produtos da marca Melissa (figura 38). Todos esses artefatos que estimulam nosso olfato e trazem informações sensoriais sobre pessoas, marcas, épocas, experiências e ações do cotidiano.

### 3.2.2.2 Percepção auditiva

“Pare um pouco e perceba os sons no seu meio!”

Neste tópico sobre os sons que percebemos. Fechei meus olhos por alguns minutos e comecei a escutar os ruídos ao meu redor. Neste momento, você leitor enquanto repassa seus olhos sobre este texto. O autor se acomoda em seu quarto, escrevendo sobre as sensações sonoras.

*“De primeira, com a minha janela do quarto aberta, comecei a escutar os sons dos pássaros. Dentre vários cantos, um deles consegui identificar, era canto do bem-te-vi. Logo após, percebi os sons dos carros que passam pela rodovia. Os ruídos também*

se diferem. Carros pequenos tem sons leves. As motocicletas também, no entanto, com menos volume. E os caminhões tem sons mais pesados e estridentes. Enquanto escrevia esse texto, percebi os ruídos ao pressionar cada tecla do notebook. Do som do interruptor ao ligar a luz do quarto. Das conversas das pessoas, e cada uma com seu timbre de voz. Neste mesmo instante, o celular emitiu um alerta sonoro de mensagens. Foi neste momento que me ausentei.”

As ondas sonoras são estímulos físicos que produzem a nossa experiência sensorial do som. São produzidas pela vibração rítmica do ar, mas podem ser transmitidas por outros meios, como, por exemplo, pela água. Essas ondas sonoras são recebidas pelos nossos órgãos auditivos, composto pela orelha externa, média e interna; onde são reunidas, amplificadas e traduzidas em mensagens neurais e enviadas para nosso cérebro (HOCKENBURY, 2003).

Podemos reagir a uma grande variedade de sons. Sejam ruídos baixos, altos, simples, complexos, harmônicos, agudos, graves e aos timbres. E com o surgimento da televisão e do computador, muitos estímulos visuais passaram a interagir diretamente com o som. Embora o design gráfico, propriamente dito, não emita algum som, muitos dos seus artefatos trabalham associados a essa modalidade. Exemplificando, os encartes de CD 's das bandas de forró e as postagens da programação do “Maior São João do Mundo 2023” (Figura 39).

Figura 39 - Exemplo de design gráfico sinestésico



Fonte: Reproduzidas da Internet/Montagem do autor

No caso do design gráfico sinestésico. Algumas técnicas são utilizadas para suscitar os estímulos de audição. Evocando sensações de barulho e ritmo, como demonstra as figuras acima. Para Kawasaki (2009), os sons graves possuem cores escuras, saturadas, formas arredondadas, com proporções grossas e pesadas; já os sons agudos possuem cores claras, dessaturado, formas pontiagudas, com proporções finas e leves. No caso dessas peças (figura 39), nota-se a predominância de formas arredondadas, com proporções grossas e pesadas. Demonstrando um equilíbrio entre os timbres graves da sanfona e da zabumba, e o timbre agudo do triângulo.

Segundo Ackerman (1996), a música é o “perfume dos ouvidos”. E possui uma relação íntima com humanos. Vamos ao treino de musculação com os fones de ouvidos, para sermos motivados pelas músicas. Quando estamos tristes, escutamos algumas canções para dar ânimo. Quando vamos em uma festa, nossa expectativa é se divertir, escutar e dançar através das melodias. Para Lindstrom (2007, p. 28), o cheiro se conecta à memória. “O som cria ânimo, assim como sentimentos e emoções”. Dessa forma, as comemorações juninas seriam tão emocionantes sem a existência dos sons?

No caso dos festejos, as sonoridades estimuladas em seu contexto, são essenciais para a expressão e tradução dos símbolos, sentimentos, modos de pensar, agir e sentir de um povo. É através das músicas, principalmente do gênero forró, que as pessoas constroem suas memórias, demarcam territórios e despertam as suas afeti-vidades. Para Morigi (2001), as músicas são narrativas que expressam e traduzem muito bem os sentimentos e valores coletivos, ou seja, os costumes e as tradições de um grupo social em uma determinada época e um determinado local. E essa evidência pode ser notada, através dos seguintes relatos:

*“Olha pro Céu’ é a música que abre o São João todos os anos aqui em Campina Grande. O Parque do Povo fica lotado e, quando dá meia-noite em ponto, os fogos de artifício estouram e começa a tocar esse sucesso de Luiz Gonzaga. É um momento bem emocionante para mim.” (Lucas Velozo).*

*“Quando toca forró, o coração acelera.” (Elba Ramalho).*

Como foi observado, as músicas incitam as pessoas a ações, evocam emoções e se tornam memoráveis. Trazem lembranças de pessoas, contextos, épocas, lugares, marcas e culturas. Fazem parte de festas de casamento, festividades religiosas, manifestações culturais, jingles comerciais e políticos. Através dela podemos classificar os gêneros e identificar os instrumentos utilizados. Cada um com suas qualidades e características individuais. No entanto, além das músicas, existem uma variedade de sons que fazem parte do nosso cotidiano, dos quais nos estimulam e também nos informam.

Quando você abre uma latinha de refrigerante. Quando você acessa o sistema operacional no seu computador. Quando você escuta uma chamada telefônica e associa o toque com a marca da Apple. Quando você esquece de colocar o cinto de segurança e o alerta do carro dispara. Quando você está na fila do banco, e o aviso do número da ficha é emitido. Ao assistir televisão e escutar o “plin-plin” da rede globo. E até mesmo comer uma batata frita e escutar o barulho da comida mastigada. Segundo Ackerman (1996), os sons de alguns alimentos, são um ingrediente muito importante para a comercialização. Para a autora, existem alimentos como, cereais, aperitivos e batatas que as pessoas gostam que façam barulhos.

Sendo assim, existem muitos efeitos emocionais que os sons podem proporcionar. E essas informações sensoriais auditivas fazem parte do nosso cotidiano desde o nosso nascimento. Ou seja, os sons nos ajudam a interpretar, comunicar e expressar o mundo à nossa volta.

### **3.2.2.3 Percepção visual**

O show pirotécnico em comemoração ao dia de São João. As bandeirolas e balões que compõe a decoração da festa. As cenografias das ruas antigas da cidade. O monumento da fogueira de São João. As representações do modo de vida no sítio, por meio de objetos e imagens que simbolizam as tradições. As cores, texturas, formas, dimensões e entre outros.

O órgão do sentido para a visão é o olho. Os receptores sensoriais reagem à onda de luz e as informações recebidas são transmitidas para o córtex visual; onde são decodificadas e interpretadas. A captação de estímulos luminosos promove a percepção de imagens, sendo através dela que os seres humanos são capazes de visualizar uma variedade de cores (HOCKENBURY, 2003).

Segundo Ackerman (1996), nossos olhos são monopolizadores em relação aos outros nossos sentidos. A visão atravessa pelo tempo reunindo informações que encontramos pelo caminho. E quando aprendemos a olhar e encontrar sentido naquilo que observamos, o mundo se torna mais interessante e profundamente informativo. Para a autora, setenta por cento dos receptores sensoriais do nosso organismo, residem nos olhos. E é através da visão que avaliamos e compreendemos o mundo.

Sem a luz, não conseguimos ver. Não conseguimos diferenciar os espectros das cores. Não detectamos se uma superfície é lisa ou irregular. Não conseguimos identificar se uma fruta está madura ou verde. Não conseguimos decifrar se o sinal de trânsito está vermelho e não somos capazes de ler um livro. Sem a luz, não conseguimos perceber as dimensões dos objetos, os movimentos, a distância das coisas. Ver é uma prova irrefutável e a nossa linguagem é dominada pelas imagens. A todo momento tentamos encontrar sentido para aquilo que enxergamos.

Determinadas cores, formas, texturas, dimensões suscitam nas pessoas respostas emocionais (figura 43). Elas podem alertar, excitar, acalmar e animar. Um quarto de hospital pintado de cor de rosa, tranquilizam os pacientes. Os anéis simbolizam o amor eterno, harmonia entre os casais, promessas e votos. Círculos representam o infinito, não tem início nem fim. Formas triangulares ganham significados de tradição, como, por exemplo, as bandeiras das festas juninas ou o monumento do São João, em Campina Grande – PB. Algumas texturas são associadas ao conforto e ao acolhimento, como a lã. Superfícies que despertam o olhar e a vontade de se envolver e se aconchegar no ambiente.

Figura 40 - Percepção visual



Fonte: Reproduzidas da Internet/Montagem do autor

Para Kawasaki (2009), seja através das cores, formas, texturas, dimensões ou qualquer outra intervenção gráfica, ou visual proposto pelo profissional de designer, são percebidas pela visão. Considerada umas das modalidades sensoriais mais importantes para obtenção de informação pelo ser humano. Os estímulos visuais podem ser percebidos e interpretados de diferentes formas, resultando em reações emocionais distintas, conforme o contexto de cada pessoa.

Em relação às reações associadas às cores, como exemplo. É importante evidenciar. Que embora dispomos de uma variedade de termos para distinguir as mais diversas tonalidades, como o azul-royal, azul-índigo ou o azul-turquesa. Nem todas culturas e línguas possuem elementos para associar a diversidade de cores existentes. Como também, nem todas as pessoas veem as mesmas cores, em especial as daltônicas.

A imagem é uma espécie de fio onde as emoções tropeçam. Mediante uma fotografia, por exemplo, podemos recordar um regime político, uma guerra, um ato heroico, uma festa ou uma tragédia. Um gesto pode simbolizar uma partida, um cumprimento ou um momento de irritação. Um campo verde pode recordar o cheiro da relva, os sons dos pássaros ou o piquenique que fizemos com a família (figura 45).

Figura 41 - Fotografias que evocam emoções



Fonte: Reprodução da Internet/Montagem do autor

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA EM CAMPO

Nesta etapa, demonstraremos todo o percurso metodológico utilizado para pesquisa em campo, como também da coleta e análises de dados. Detalha-se todos os métodos, técnicas e ferramentas adotadas, com base no referencial teórico apresentado nos capítulos iniciais desta dissertação.

Este projeto terá como campo de estudo empírico as festas de São João na cidade de Campina Grande – Paraíba, conhecida pelo seu evento do Maior São João do Mundo. E tem como objeto de estudo os artefatos comemorativos que compõem o universo desses festejos. Segundo Malinowski (1997, p 19), o processo de cultura em todas as suas manifestações, como exemplo dos festejos populares, envolve sempre os seres humanos em relações sociais definidas que manipulam os artefatos, e se comunicam através da linguagem e outras formas de simbolismo.

Esta pesquisa adotou o método de observação participante, considerando a importância do pesquisador conviver e participar ativamente do contexto, onde o fenômeno das comemorações juninas se manifesta. Essa técnica de observação participante foi desenvolvida por Malinowski, através da sua pesquisa de campo nas Ilhas Trobriand<sup>15</sup>, onde revolucionou a prática da escrita etnográfica. Para Malinowski a observação participante envolvia imergir completamente na vida cotidiana de um grupo específico, aprendendo sua língua, costumes, crenças e interagindo diretamente como um membro da comunidade. Ao participar das atividades diárias, ele buscava obter uma visão aprofundada da cultura e dos significados que permeavam a vida social.

O método de observação participante é frequentemente utilizado em pesquisas qualitativas que combinam entrevistas, questionários, análises de documentos, participação e observação direta, e a introspecção. Para Flick (2008), essas habilidades não se restringem apenas pelo que é percebido visualmente pelo pesquisador, mas

---

<sup>15</sup> Livro: Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia

aquelas baseadas também na percepção auditiva, tátil, olfativa e gustativa. Ou seja, observar significa ver, ouvir e sentir o que acontece no entorno. E participar significa fazê-lo de dentro onde o fenômeno se manifesta, juntamente com as pessoas e coisas que estimulam e capturam sua atenção (INGOLD, 2016).

Nesse sentido, o método de observação participante para este estudo sobre o design sensorial no contexto das festas juninas, torna-se fundamental. Considerando que a coleta de dados para este trabalho não se restringe apenas às informações obtidas visualmente, mas por via de todas as outras modalidades sensoriais percebidas. Tornando-se necessária a presença do pesquisador nos locais de manifestação do fenômeno, tal como seria um participante/folião em vivência com a festa. A sua permanência no lugar possibilita o pesquisador comprovar os estímulos sensoriais oferecidos em campo e relacioná-los com as lembranças obtidas pelos participantes mediante os relatos dos questionários.

#### 4.1 ETAPAS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados para este trabalho foi realizada de duas formas: A primeira, realizada durante a realização da festa junina; através da Observação *in loco*. E a segunda através da aplicação de questionários na internet. Ambas realizadas em simultâneo.

##### 4.1.1 Observação *In loco* e Aplicação de Questionários

A Observação *In loco* foi realizada na cidade de Campina Grande - PB, durante a manifestação do fenômeno do Maior São João do Mundo (MSJM) do ano de dois mil e vinte três (2023). O festejo acontece durante trinta e um dias (31), em específico no mês junho, considerado por todos como época junina.

A Observação ocorreu em dois ambientes: no espaço do parque do povo (Rua Sebastião Donato, centro da cidade), onde se oficializou o evento do MSJM e a Vila Sítio São João (Av. Marechal Floriano Peixoto, Bairro Dinamérica), parque temático do sítio. E teve como objetivo localizar e identificar nos espaços da festa junina, quais os artefatos destas comemorações são percebidos pelos nossos sentidos (visuais,

auditivos, olfativos), que interagem de maneira significativa com os participantes, possibilitando uma experiência sensorial.

Inicialmente, ficaram definidas na coleta de dados que além da localização e identificação desses objetos durante a observação *in loco*, seriam aplicadas também entrevistas rápidas. Essas conversas tinham como finalidade identificar na memória dos participantes as suas melhores lembranças, os estímulos sensoriais percebidos e as emoções evocadas durante a festa junina. No entanto, durante a primeira semana de investigação verificou-se a impossibilidade de sua implementação. Devido à abundância de ruídos no entorno e a urgência dos participantes em aproveitar o festejo; sendo inviável o uso de ferramentas como gravadores ou diários como suporte dessas conversas.

Sendo assim, surgiu a necessidade de aplicar questionários (Google Forms) há uma variedade de participantes, por meio da disponibilização do link nas redes sociais (Stories- Instagram), como o mesmo objetivo pretendido inicialmente pelas entrevistas.

## 4.2 OBSERVAÇÃO *IN LOCO*

Figura 42 - Programação do Maior São João do Mundo



Fonte: MSJM

A observação *in loco* foi organizada durante a programação (figura 46) do MJSM. Realizado entre os dias 1 (um) de junho a 2 (dois) de julho de 2023. Foram selecionados dez (10) dias, incluindo as datas das vésperas de São João, Santo Antônio e São Pedro. E o restante dos dias foram descartados devido à grande lotação de público nos espaços de coleta. Como exemplo, os finais de semana (programação de grande interesse do público) ou por motivos de intempéries (chuvas fortes). Ambos os casos não permitiam uma condição favorável para a observação da interação das pessoas com os artefatos comemorativos.

Os horários de observação em campo ficaram definidos sempre às 18:30 (dezoito horas e meia da noite), turno em que abrem os portões do espaço do parque do povo, até às 21:00 (vinte uma hora da noite). Esses horários foram estabelecidos devido à agenda de início dos shows, e a grande lotação de público no local. Já na Vila Sítio São João ficaram determinados dois dias de coleta de dados pelo turno da tarde.

Na observação em campo, o pesquisador dispôs de um certo distanciamento subjetivo. Em razão do mesmo fazer parte do contexto da festa junina de Campina Grande - PB. Mas conduziu a observação, reduzindo a sua condição de estranho (Flick, 2008), na visão de um folião na festa. As imersões possibilitaram localizar quais os objetos da festa junina estimulam nossa memória, como também presenciar de que maneira as pessoas interagem com os objetos no universo da festa. Nas captações de imagens foi utilizada uma câmera fotográfica do próprio pesquisador (câmera do celular da marca Redmi) e diários que eram alimentados após as observações. Esses diários cumpriam a função de lembretes para consultas sobre outras informações sensoriais percebidas.

Figura 43 - Mapa turístico de Campina Grande no MSJM



Fonte: MSJM

Acima temos (figura 43) um mapa turístico, distribuído gratuitamente pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de Campina Grande – PB. Esse mapa nos ajuda a visualizar como se apresenta a cidade durante os festejos, assim

como, os pontos de observação em campo para a pesquisa. A linha em vermelho indica as áreas de implementação do MSJM e os círculos em verde/azul os espaços de *observação in loco* (Parque do Povo – círculo verde/ Vila Sítio São João – círculo azul).

Com objetivo de melhorar a escrita da dissertação e a leitura do leitor. Dividiram-se os tópicos da observação *in loco* em dois ambientes (como apresentado anteriormente) e divididos em modalidades sensoriais: visual, auditiva e olfativa. A percepção gustativa foi retirada devido a sua inviabilidade de aplicação na observação *in loco* (a experimentação gustativa), mas foi utilizada na etapa dos questionários para entender a sua relação com o sentido olfativo, no contexto junino.

#### 4.2.1 Parque do Povo

Antes do início da implementação do festejo do MSJM do ano de 2023, foram necessárias uma visita ao local com dois meses de antecedência. Com objetivo de comparar o espaço do Parque do Povo, antes e durante a festa.

No espaço onde se manifesta o fenômeno da festa junina (figura 44). É perceptível que o lugar não possui nenhum estímulo sensorial que permita à população experimentar e vivenciar o lugar de maneira significativa. Visualmente o local disponibiliza apenas o monumento, chamado de pirâmide do parque do povo ou forró-dromo, que referenciam as festas de São João. E as cores implementadas no equipamento urbano, revelam apenas qual a administração pública (cores do partido político) governa a cidade na atualidade.

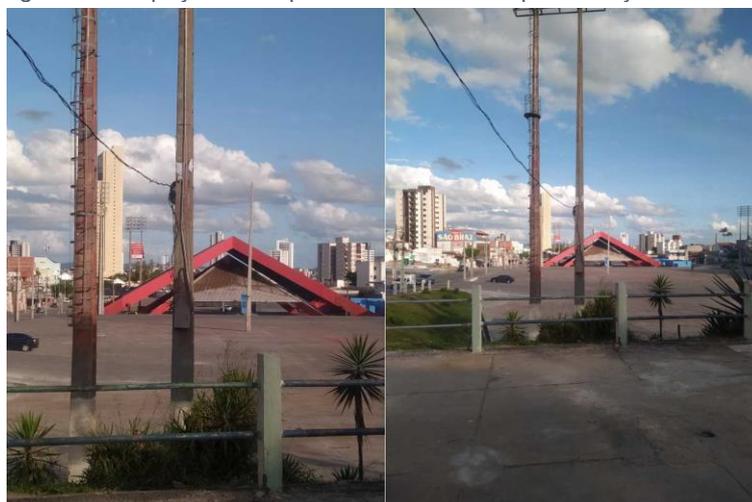
Figura 44 - Espaço do Parque do Povo sem a implementação do MSJM



Fonte: Autor

No turno da noite a população pouco se utiliza do espaço, devido à deficiência de claridade e policiamento no local. E durante o dia, pela falta de cobertura, em virtude da grande exposição dos raios solares. Como também pela carência de serviços públicos oferecidos. Os únicos horários possíveis de notar uma maior frequência de experimentação no espaço, são durante os fins de semana; principalmente no horário do entardecer; sendo aproveitado como espaço para andar de patins, skate e bicicletas. Mas, de modo geral, o espaço não oferece nenhuma experiência sensorial (figura 45).

Figura 45 - Espaço do Parque do Povo sem a implementação do MSJM



Fonte: Autor)

No entanto, comparado com o espaço durante os festejos de São João (figura 46 – abaixo). É perceptível o uso de maior concentração de artefatos visuais. Diferentemente daquilo visto, antes e após as festas. O uso de bandeirolas, balões, fogueiras, cenografias, réplicas da cidade, letreiros, manifestações gráficas e mobiliários que referenciam a cidade do interior. Além dos serviços oferecidos como os quiosques e praças de alimentação; as palhoças de danças; palcos para shows gratuitos; bares e restaurantes; stands de marcas com cenários para fotografias e entre outros. Durante o festejo é perceptível que o gênero de música mais escutado, é o forró; composto pelos instrumentos: sanfona, triângulo e zabumba. Os cheiros e gostos que se apresentam no ambiente variam, mas de modo geral as massas e frituras que dominam. A seguir veremos detalhadamente os objetos que estimulam com regularidade o folião da festa.

Figura 46 - Implementação do MSJM no espaço do parque do povo



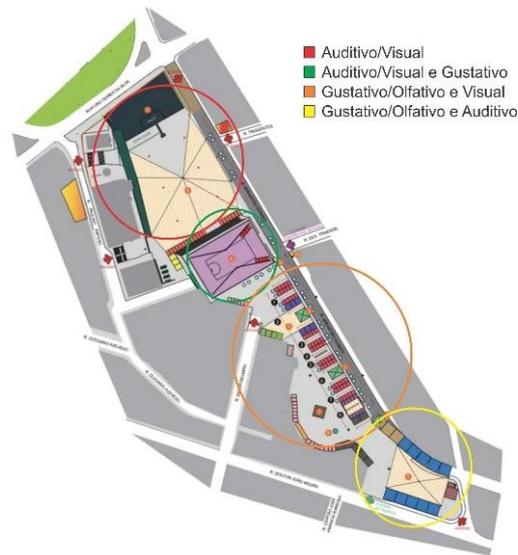
Fonte: Reprodução da Internet e do autor/ Montagem do autor

Antes de iniciarmos especificamente a percepção sensorial de cada modalidade sentido observados durante o festejo. É necessário apresentarmos também o layout implementado no espaço do parque do povo<sup>16</sup>. Fica evidente que as divisões dos espaços são segmentadas de acordo com cada modalidade sensorial ofertada, ou seja, os serviços oferecidos. Na Figura (47- abaixo), podemos destacar: que no círculo vermelho, espaço do palco principal, prevalece as modalidades auditivo/visual; no círculo verde, espaço da pirâmide, predomina o auditivo/visual e gustativo; no círculo laranja, praça de alimentação, impera o sentido gustativo/olfativo em conjunto com o visual; e no círculo amarelo, bares e restaurantes, sobressai o sentido gustativo/olfativo e auditivo. Esse último ambiente, segmentado segundo a posição social e poder aquisitivo dos participantes (LIMA, 2008).

---

<sup>16</sup> O layout do espaço do parque do povo pode ser assistido também através da página <https://www.youtube.com/watch?v=gZPka9z2yWM&t=9s>

Figura 47 - Layout do Mapa da festa do MSJM



Fonte: MSJM/ Modificado pelo autor

Os tópicos referentes a percepção, visual, auditiva e olfativa/gustativa foram escritas na visão de um designer participante em vivência com a festa. Ou seja, a escrita partiu de uma percepção de quem também convive como folião. Todo o percurso da redação foi elaborado na perspectiva de quem se ausenta do seu lar, para experimentar a festa do Maior São João do Mundo (MSJM).

- **Percepção Visual**

Neste exato momento estou me preparando para ir ao encontro do MSJM de Campina Grande - PB. Com o vestuário a caráter: chapéu de palha, calça jeans, camisa xadrez e uma bota. Da minha casa pego o Uber. Notei o carro em clima de São João. Tinha enfeites com bandeirolas e balõezinhos. Cheguei! Estou no centro da cidade, no parque do povo. Estou vivenciando o São João através dos meus olhos.

Logo ao descer do carro, me deparo com barracas na entrada do evento (figura 48). Todas elas enfeitadas do universo junino. Vejo batatas fritas, pasteis e coxinhas, mas o que chama mais atenção é o brilho vermelho da maçã do amor e o marrom do chocolate na surpresa da uva. Em outra barraca, vejo as brincadeiras de tiro ao alvo, as espingardas estendidas na bancada com adultos e crianças; todas elas na tentativa de conseguir um presente, caso derrubasse o alvo.

Figura 48 - Barracas e quiosques



Fonte: Autor

Prossigo em direção à entrada do parque do povo (figura 49). Logo, vejo o portal todo na cor vermelha! Com a impressão escrito: São João, e a logomarca da Brahma como patrocinadora oficial do evento. No portal percebo as bandeirolas penduradas e as manifestações gráficas com ilustrações de uma noite de São João estrelada. Em seguida, após passar pela fila de vistoria, feita por seguranças do local, vislumbro o pátio onde se localiza o palco principal.

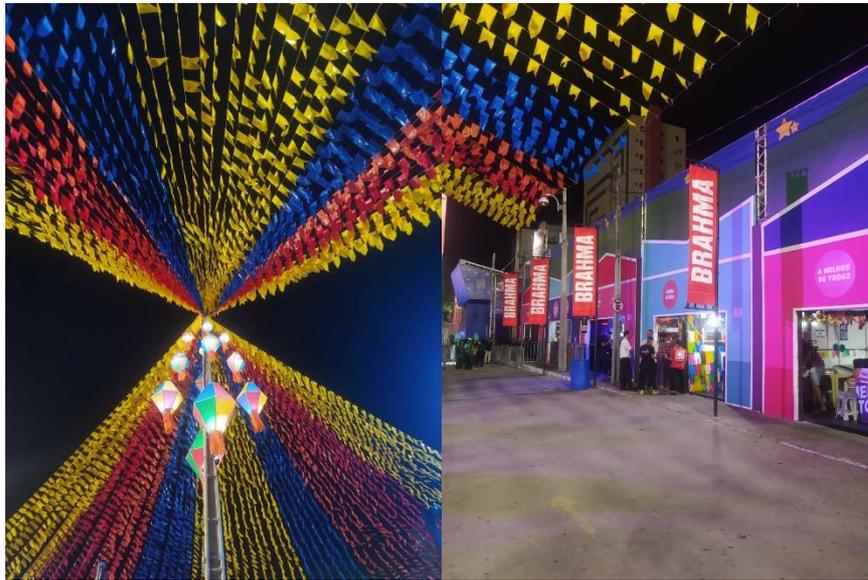
Figura 49 - Entrada principal do Parque do Povo



Fonte: Autor

No palco principal, tudo fica alegre. As bandeirolas nas cores amarela, vermelha e azul colore todo o ambiente (figura 50). Os balões pendurados no poste, que une todas as bandeiras, sugerem que estão suspensos no ar. É um imenso quadrado imerso de bandeirolas em movimento com o vento, que abrilhanta o lugar. No lado direito do pátio, tem a barraquinhas cenográficas que relembram as antigas bodegas da cidade. Com uma grande variedade de comidas e bebidas para os foliões.

Figura 50 - Pátio dos Shows



Fonte: Autor

Em frente ao pátio, tem a estrutura do palco principal (figura 51). Uma imensa manifestação gráfica com várias referências da própria festa. No palco de apresentação um semicírculo com o nome estampado: “O Maior São João do Mundo”, além da logomarca dos 40 anos da festa, que também é repetido nos dois telões disponíveis. Nas ilustrações aplicadas no palco, podemos destacar: os desenhos de fogueira, bandeiras, balões, cactos, formas que representam a queima de fogos de artifícios, e, além disso, a lua e as estrelas que representam a noite de São João.

Figura 51 - Palco principal e logomarca dos 40 anos da festa



Fonte: Autor

Comecei a admirar o lugar. A observar as pessoas captando fotos, aproveitando as cenas e os cenários disponíveis como lembranças pessoais ou como postagem para redes sociais (figura 52). Quando me deparo com os personagens principais das festas juninas: O casal de espigas de milho chamado de “Sabulgildo” e “Milharilda”. Os mascotes do MSJM, bem empregados como marca da festa, saem do seu plano gráfico e se tornam bonecos vestíveis. Onde as crianças, famílias e uma variedade de pessoas tiram fotos e compartilham momentos significativos do festejo (figura 56 – lado esquerdo).

Figura 52 - Cenários para fotos e as mascotes da festa



Fonte: Autor

Seguindo meu itinerário no festejo, percebo várias cenas e cenários montados durante todo o layout do parque do povo que remontam as vilas antigas da própria cidade. Todos eles em estilo do Art Déco, movimento tão característico e presente nas fachadas de lojas comerciais da cidade (exemplo da rua Maciel Pinheiro). Através disso, a marca de cerveja da Brahma utilizou em seu ambiente destinado para camarotes, réplicas de vilas com fachadas e formas geométricas, representando as ruas de Campina Grande - PB (figura 53).

Figura 53 - Camarote da cerveja Brahma



Fonte: Autor

Me deparo com a conhecida ‘pirâmide do forró” (figura 54). Monumento erguido na oficialização da festa do MSJM, inspirado no formato da fogueira do santo São João. Ao descer as escadarias que permitem o acesso ao espaço, constato pequenos quiosques montados que oferecem vários serviços, seja desde a alimentação até as bebidas alcoólicas. Olho para o alto, vejo o letreiro em formato de bandeirolas com o nome do MSJM; nesse mesmo instante, observo toda a decoração interna.

Figura 54 - Pirâmide do Parque do Povo 2023



Fonte: Autor

Internamente o espaço é um dos mais emblemáticos da festa (figura 55). O teto do monumento é revestido com bandeirolas de variadas cores. No Centro temos balões pendentes como lustres. Em cada lado do triângulo da pirâmide foram expostas

bandeiras com os santos da festa (Santo Antônio, São João e São Pedro). Dentro do local pude presenciar o casamento junino, patrocinado pela marca Primor, com o título: "Nosso amor é feito de histórias primorosas". Composto por cem casais, onde a prefeitura com a marca fica responsável por toda celebração do casório; fazendo alusão ao casamento matuto. No mesmo lugar, são realizadas algumas apresentações de quadrilhas juninas, com todos seus adereços, vestimentas, temas de abordagens, coreografias estilizadas que remontam a tradição das quadrilhas juninas. E, além disso, durante todo os dias são apresentados trios de forró da região, ritmo que abrange toda essa raiz nordestina.

Figura 55 - Interior da Pirâmide do Parque do povo



Fonte: Autor

Chegamos ao espaço gastronômico. A fogueira do São João nos recepciona logo de primeira. Sua grandiosidade fica visível em qualquer espaço que você andar pelo parque do Povo. Sua implementação possibilita vários foliões fazerem sua selfie e utilizarem com pano de fundo para fotos. Sua réplica reproduz a forma e a textura de madeira e, além disso, o uso de gelo seco que saem do seu topo indica a fumaça. Ou seja, a própria fogueira em chamas (figura 56).

Figura 56 - Réplica da Fogueira 40 anos



Fonte: Autor

Após a passagem pela fogueira, o arranjo das barracas implementadas no layout do parque do povo, começam a ter estruturas cenográficas de ruas, becos e vilas que fazem parte da história de criação da cidade de Campina Grande (figura 57 – abaixo). Dentro dessas barracas funcionam lojas de artesanato e barracas de comidas e bebidas. Temos o beco do açúcar, em homenagem aos armazéns e atacadistas do ouro branco; o largo das boninas, um terreno que seria utilizada como cemitério onde brotavam flores; a rua do capitólio, um dos cinemas mais antigos da cidade; e a Maciel Pinheiro, rua histórica com edifícios em estilo art decô. E, além disso, temos os principais vilarejos da festa: o beco da Pororoca, com suas fachadas pitorescas; o beco 31, com os galpões dos clubes dançantes; a rua Quebra Quilos; e a Vila Nova da Rainha, nome dado a cidade na sua fundação, que reproduz as fachadas das casas do século XVIII.

Figura 57 - Ruas, Vilas e becos cenográficos



Fonte: Autor

Além das reproduções das ruas na cidade cenográfica. Há também réplicas de alguns edifícios históricos da cidade (figura 58). A recriação da igreja matriz, a catedral de Nossa Senhora da Conceição; o edifício do telégrafo, prédio histórico pertencente ao século XIX; o cine capitólio, um exemplar de Art Déco da cidade; e o cassino Eldorado, antigo cabaré símbolo dos “anos dourados”<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> “Anos dourados”, vivenciados pela cidade, quando o algodão era sinônimo de ouro. Para ser mais preciso “ouro branco”, tal como se dizia na época.

Figura 58 - Réplicas cenográficas dos edifícios históricos de Campina Grande



Fonte: Autor

Toda essa organização de cidade cenográfica, se encontra em todo espaço montado no parque do povo. Na praça de alimentação, por exemplo, há um local estruturado com bares e restaurantes (figura 59). Todas as fachadas são planejadas com objetivo de fazer alusão às antigas ruas históricas da cidade de Campina Grande. Cujo o objetivo principal é promover lembranças e experiências passadas aos foliões.

Figura 59 - Fachadas cenográficas na praça de alimentação



Fonte: Autor

No interior dessas estruturas, podemos notar uma variedade de objetos que fazem referência ao São João. Os utensílios ou mobiliários da casa do sítio; o uso de tecidos de xadrez, chita e renda; chapéu e abano de palha; decoração com pequenas fogueiras, balões e bandeirolas; colheres de pau; o casal matuto feito de vassoura; bandeiras dos três santos; e cordéis ou ilustrações que fazem referência a xilogravuras e entre outros (figura 60).

Figura 60 - Resumo das decorações nos interiores dos bares



Fonte: Autor

Ainda sobre decorações, há possibilidades dos foliões do evento levarem uma lembrancinha para casa (figura 61). Na própria rua cenográfica se encontram várias lojinhas de souvenir, como: bonecas e bichinhos de pano, camisetas nordestinas, garrafinhas com cachaças, bottons com ilustrações variadas, adesivos, chaveiros, imãs de geladeiras e entre outros.

Figura 61 - Souvenires e lembranças da festa



Fonte: Autor

Após observar toda estrutura cenográfica montada. Comecei a notar as interações das pessoas com os Stands das marcas implementados nos espaços do parque do povo (figura 62 - abaixo). Percebi que todos eles se utilizaram das referências juninas para produzirem suas campanhas. Em sua grande maioria, os stands proporcionam experiências visuais das quais os foliões se utilizavam como cenários para fotos. E as marcas aproveitavam a interação das pessoas no local, para realizar brincadeiras como: o jogo da memória, roleta de brindes ou piscina de bolinhas; onde você aproveitava a diversão e ganhava alguns brindes.

Figura 62 - Stands das Marcas



Fonte: Autor

Um dos Stands mais interessantes, foi a da marca Amvox (marcas de sons e eletrodomésticos). Que se utilizou da típica representação do casal matuto; onde os participantes (casais) mediante um cenário com o slogan: “Casei no Ritmo da Amvox”, se enfeitavam com chapéu de palha, gravata xadrez e véu de noiva. E ganhavam uma foto impressa via polaroid. A marca da Seda, se utilizou da beleza dos fogos de artifícios, para fazer alusão ao estouro de beleza que seus produtos proporcionam. Através do slogan: ‘Um boom de beleza no seu São João’; onde as pessoas ganhavam um tratamento de beleza no próprio espaço do parque, e um lenço caipira como brinde.

A Próxima (provedora de internet) se utilizou dos cenários com túneis, para fazer referência ao passo das danças de quadrilha junina; onde você poderia utilizar também como cenário para fotos.

Finalizo as percepções visuais com os ambulantes que trabalhavam dentro do evento. Todos eles comercializavam brinquedos variados que chamavam atenção dos pais, como também das crianças (figura 63). Na sua grande maioria eram brinquedos antigos que prendiam a atenção dos adultos; seja pela cor, texturas, formas e dimensões. E eram adquiridos porque remetiam aos pais épocas da sua infância; e o qual a intenção era experimentar com seus filhos os mesmos brinquedos e brincadeiras.

Figura 63 - Ambulantes de Brinquedos



Fonte: Autor

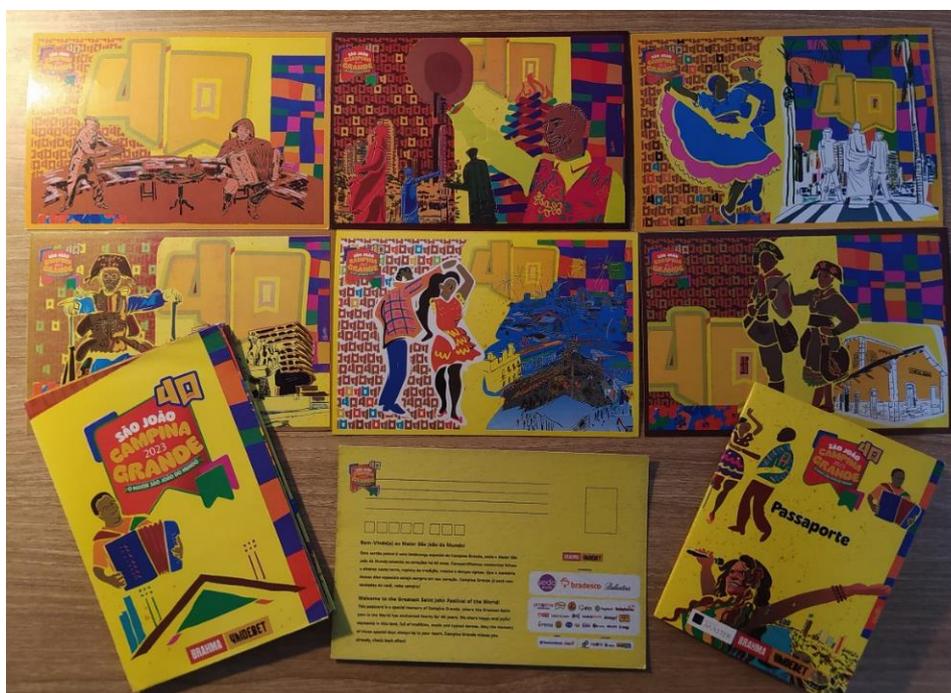
Os estímulos visuais proporcionados pelos artefatos no parque do povo, seja nas decorações, nas montagens cenográficas, nas manifestações gráficas, nos stands das marcas, nos souvenirs, nos personagens da festa, e até mesmo pelos brinquedos comercializados por ambulantes. Procuram de alguma maneira evocar, através

das experiências visuais, uma lembrança de uma época vivida; como também, proporcionar um momento memorável para recordações futuras.

Em busca desses artefatos de comemoração. Encontramos um stand da própria organizadora do festejo do MSJM. Que disponibilizam kit's gráficos para tornar a experiência do folião ainda mais significativa. Esse kit era composto por um mapa turístico da cidade (apresentado no tópico anterior); uma representação de um passaporte, como lembrança de participação da festa; e os cartões postais, dos quais você poderia mandar para outra pessoa de lembrança, ou permanecer com ele como recordação.

No cartão postal temos a seguinte frase (figura 64):” Este Cartão postal é um símbolo de Campina Grande e dos 40 anos do MSJM, uma festa que une tradição, cultura e muita animação. Compartilhamos momentos felizes nessa cidade acolhedora, dançando forró, saboreando comidas típicas e vivendo a magia das festividades juninas. Que esse cartão traga à memória sorrisos e as emoções vividas aqui, na terra d'O Maior São João do Mundo. Até breve!”

Figura 64 - Cartões Postais do MSJM dos 40 anos



Fonte: MSJM

- **Percepção Auditiva**

Comecei a notar que as nossas lembranças, não se restringem apenas a percepção visual. Todas as informações e conhecimento que adquirimos na nossa vida tem origem em todos nossos cinco sentidos. Em vista disso, comecei a escutar o MSJM.

Iniciei meu percurso pelos espaços do parque do povo, procurando sons que me remetesse à festa junina, as lembranças e momentos memoráveis. É impossível haver festa junina sem música, em específico o forró. No pátio onde se realiza às apresentações de cantores e bandas, pude escutar vários outros gêneros musicais, como: sertanejo, brega, axé e a swingueira. Quem defende a tradição e as origens, não aceita a inclusão de outros ritmos na festa. Mas quem gosta, aproveita o ambiente e certifica que o festejo junino atual deve se manter inclusivo.

Em todas as apresentações, seja no palco principal, na pirâmide e nas palhoças, o som da sanfona, do triângulo e da zabumba são frequentes. Nessa sequência, escutei com bastante repetição o som desses instrumentos musicais, como também dos timbres de cantores conhecidos, como: Elba Ramalho, Alceu Valença, Luiz Gonzaga, Flávio José e tantos outros.

Figura 65 - Estímulos Auditivos no espaço do parque do povo



Fonte: Reprodução da Internet/Montagem do autor

Os sons dos shows de fogos de artifícios nas vésperas do dia de São João, é outro evento à parte (figura 66 – abaixo). Esse momento da queima de fogos é considerado um episódio bastante especial para o cidadão campinense. Essa experiência é vivenciada em sincronia com a música: “Olha pro céu”, de Luiz Gonzaga. Embalada pela

voz da Cantora Elba Ramalho, onde oficialmente se apresenta há mais de 20 anos, nos dias de São João.

Figura 66 - Vista superior da queima de fogos na noite de São João.



Fonte: Reprodução da Internet

Um momento bastante interessante, sobre o estímulo auditivo, foi no Stand da Marca da Amvox. Que além de possibilitar aos participantes a interação com o sentido visual, permitiu a interação dos foliões na modalidade auditiva (figura 67). Um karaokê foi montado apenas com músicas representativas da festa. E o folião que participasse e fosse bem avaliado, ganhava brindes, como: tirante ou fita para copos.

Figura 67 - karaokê da marca Amvox



Fonte: Autor

Durante minha observação no Stand da marca. Iniciei uma conversa com uma das funcionárias do local. Comecei a explicar sobre a dissertação, e sobre as memórias das pessoas em relação ao festejo. Nesse momento, ela começou também a compartilhar das suas lembranças sobre a época junina:

*“Tenho boas lembranças da quadrilha junina. Da época da escola, na minha cidade do Ingá. Sofri muito quando vim morar em Campina Grande, não pude mais dançar quadrilha. Vim trabalhar no São João porque amo a festa. Pra mim, é uma válvula de escape.”*

Após a conversa, comecei a prestar atenção nas palhoças implementadas no parque do povo (figura 68). O convite que elas fazem através dos sons da sanfona, zabumba e do triângulo. Do arrastar dos pés das pessoas dançando o forró nas mais variadas vertentes, movimentos e estilos de dança. Das lembranças de músicas que remetem a uma época, uma pessoa ou momento. Do som das bandeirolas quando o vento as move. Dos estrondos de fogos e bombinhas de pólvora. Do bordão criado pelo apresentador ao anunciar as atrações do palco principal: “Alô, meu parque do povo!”. Todos esses sons ficam enraizados em nossas memórias.

Figura 68 - Palhoças de forró



Fonte: Autor

- **Percepção Olfativa**

Assim como, na percepção visual e auditiva. Comecei a reparar o festejo do São João através do olfato. Fui em busca de sentir os cheiros. Então, logo no portal da entrada do Parque do Povo, os aromas dos mais variados alimentos exalavam pelo ar. Em sua grande maioria, eram cheiros de produtos fritos ao óleo, como: pastel, coxinha e acarajé.

Após minha entrada, no próprio festejo, alguns cheiros começaram a ser percebidos. O aroma adocicado do mel derretido, que banhavam as maçãs do amor. Tinha o odor de cerveja, da cachaça, dos perfumes e até mesmo do café. Foi então que parei no Stand da marca do Boticário. A estrutura do Stand era de uma grande sanfona, e os funcionários que trabalhavam nela ofereciam jatos da essência dos perfumes. No Stand da Cachaça Matuta, você sentia o cheiro da cana que era comercializada. Tinha o cheiro de café, do Stand da barraca de café da Santa Clara. E o aroma de Shampoo e dos produtos de beleza oferecidos nos serviços da marca da seda (figura 69).

Figura 69 - Stands da Marca Boticário, Seda e Santa Clara dos estímulos olfativos



Fonte: Autor

Na área gastronômica a modalidade olfativa também é bastante aguçada. Tinha o cheiro da canela usada nos churros. Do cheiro de pipoca e do milho cozinhando disponíveis pelos fiteiros dos ambulantes (figura 70). No entanto, nada foi tão especial como o cheiro adocicado produzido por um dos sorvetes chamado: “O Sabor da Infância”.

Figura 70 - Ambulantes de comidas



Fonte: Autor

Acompanhado por uma amiga, sua namorada desvia seu caminho em direção a um quiosque de sorvete. Percebo o nome do carrinho com a frase: “Sabor da infância” (figura 71). Após sua compra pergunto o porquê da escolha do produto em si. Então ela me diz:

*“O cheiro me lembrou o sorvete que eu tomava quando criança. Aquele cheirinho adocicado. A cor e o sabor nem se fala, tudo nele me lembra da época em que meu pai comprava. “*

Figura 71 - Sorvete Sabor da Infância



Fonte: Autor

Apesar dos vários estímulos olfativos percebidos durante a festa do MSJM. Notei uma escassez de cheiros que representassem com maior amplitude as características de tradição da culinária junina. Como exemplo, das comidas feitas de milho (pamonha

e canjica). O alimento em si, não constava no cardápio dos restaurantes e lanchonetes da área gastronômica. Constatando que apenas alguns ambulantes ofereciam o milho cozido e a canjica.

Apesar desta escassez dos aromas dos alimentos tradicionais da festa. Observou-se que o odor de pólvora, da combustão dos fogos, foram os mais percebidos entre os cheiros, durante os dias de São João, Santo Antônio e São Pedro. Em virtude do uso constante dos fogos de artifícios, durante as vésperas dos santos, a fumaça que predomina pelo ar da cidade fornece essa percepção.

#### 4.2.2 Vila Sítio São João

A vila do sítio São João é uma extensão do espaço do Parque do Povo, localizado na Avenida Marechal Floriano Peixoto - Bairro da Dinamérica. Seu ambiente foi planejado com intuito dos foliões se aprofundarem um pouco mais na tradição da cultura nordestina. Através da implementação e reprodução do sítio da zona rural, com engenhos, igrejinhas e casas simulando uma vila antiga.

- **Percepção Visual**

Ao entrar no espaço você é estimulado, a todo momento, pelos objetos e artefatos visuais. A vila é enfeitada totalmente com bandeirolas coloridas, onde seu ponto de encontro se encontra um poste com um enorme balão, e uma plataforma (deck) das quais várias pessoas se utilizam, como cenários para fotos (figura 72).

Figura 72 - Entrada da Vila Sitio São João



Fonte: Autor

A vila possui várias atrações para os casais, mas o ponto mais tradicional do evento é a famosa “Ponte Passou, Casou!” (figura 72 – lado direito). Costumeiramente, namorados atravessam a ponte em busca de trazer boas intenções para o futuro.

Após me deparar com todos esses elementos. Comecei a observar os outros espaços. Todas as casas montadas eram feitas com tijolos aparentes, para replicar o aspecto de casa do sítio. Em umas das casas chamadas de depósito de mangáio<sup>18</sup>, paiol<sup>19</sup> e despejo; possuía vários objetos, instrumentos, ferragens, móveis e fotografias antigas (de Lampião e Maria Bonita – figura 73).

Figura 73 - Depósito do Sítio



Fonte: Autor

Em seguida, tinha uma pequena fábrica de produção de louças. As ‘Louceiras do Talhado’ (figura 74). Que conta a história de um grupo de mulheres que permitiram o fortalecimento da tradição louceira no estado da Paraíba. Elas integram uma comunidade quilombola no município de Santa Luzia, que surge através da migração dessas famílias da zona rural para a zona urbana; em busca de melhores condições de vida

---

<sup>18</sup> Instrumento desenvolvido para carregar pequenos objetos, produtos ou frutas

<sup>19</sup> Depósito de pólvora ou compartimento onde se guardam pólvora, munições, bagagens, mantimentos.

e sobrevivência. No espaço organizado, as louças produzidas por essa comunidade ficavam expostas para a contemplação; como também toda estrutura do forno a lenha.

Figura 74 - Louceiras do Talhado



Fonte: Autor

Um dos ambientes mais procurados e admirados pelos foliões, são as réplicas da capelinha e da igreja do sítio. Os artefatos cenográficos simulam fielmente as estruturas do passado e carregam no seu entorno os objetos sacros como, a cruz, as velas e as imagens dos santos; podendo encontrar também os sinos e os amplificadores de sons (figura 75).

Figura 75 - Réplicas das Capelinhas



Fonte: Autor

Um dos ambientes mais empolgantes frequentados pelos visitantes, é a “bodega de seu Quincó” (figura 76). Nele podemos encontrar vários tipos de embalagens e produtos como: cachaças, queijos, refrigerantes, cafés, balinhas, condimentos e entre

outros. Espaço que evoca, com bastante latência, as memórias passadas de nossa vida e as relações que vivemos com esses objetos vendidos em bodegas ou mercearias.

Figura 76 - Bodega de seu Quincó



Fonte: Autor

Temos a réplica da casa do sítio (figura 77). No terraço temos as gaiolas de passarinho penduradas na parede. Na sala podemos observar vários retratos na parede com fotos da família e dos santos, como também vários objetos utilizados para superstição como os chifres. A casa é composta de vários mobiliários antigos que referenciam a vida cotidiana do sertanejo. Seja através de uma mesa para o oratório, máquina de costurar, produtos feitos de renda ou fuxico, baús, bonecas de pano, penico, lamparinas, imagens de santos, panelas e utensílios de barro, pilão de madeira, um moedor e uma mesa cenográfica com comidas feitas de milho.

Figura 77 - Réplica da Casa do Sítio



Fonte: Autor

Outro ambiente bastante característico. É a fábrica de xilogravuras. Ambiente montado com placas, maquinários e ferramentas para realização dos cordéis. No mesmo espaço, podemos identificar uma das máquinas tipográficas mais antigas, a Linotype, utilizada para impressão de jornais (figura 78).

Figura 78 - Máquinas de jornais e xilogravuras



Fonte: Autor

E por fim, no espaço central da vila (figura 79). Além da réplica da fogueira de São João implementada. Encontramos o monumento do cantor forrozeiro campinense “Biliu de Campina”, e um automóvel da marca Ford com a placa datada no ano de 1959, com o nome Rainha da Borborema.

Figura 79 - Espaço Central do Sítio



Fonte: Autor

- **Percepção Auditiva**

Assim como nos sons de músicas do gênero forró. Os ruídos dos instrumentos musicais como, zabumba, triângulo e sanfona percebidos no espaço do Parque do Povo, foram também observados com maior ênfase na Vila Sítio São João.

A única percepção diferenciada foram os sons de maquinários dos produtos que eram fabricados no lugar; como o processo de fabricação de farinha de mandioca e de rapadura. E foram detectados também, os sons de animais característicos do sítio como, galinhas, patos, vacas e cabritos; e os zumbidos de abelhas na produção de mel.

- **Percepção olfativa**

Na Percepção olfativa, podemos notar uma grande semelhança com os odores percebidos no espaço do Parque do povo. No entanto, o que se diferencia foram os cheiros das produções de mel, rapadura e farinha de mandioca fabricadas no lugar (figura 80).

Figura 80 - Produção de mel, rapadura e farinha



Fonte: Autor

Outro ponto bastante importante foi em relação à mesa das comidas típicas observadas na casa do sítio (na Percepção Visual – figura 81). Apesar dos alimentos expostos não oferecerem nenhum cheiro, devido ao seu aspecto apenas cenográficos. Os alimentos evocaram sinestesticamente os cheiros de café, do cuscuz, da pamonha e das comidas feitas de milho.

Figura 81 - Mesa cenográfica das comidas típicas



Fonte: Autor

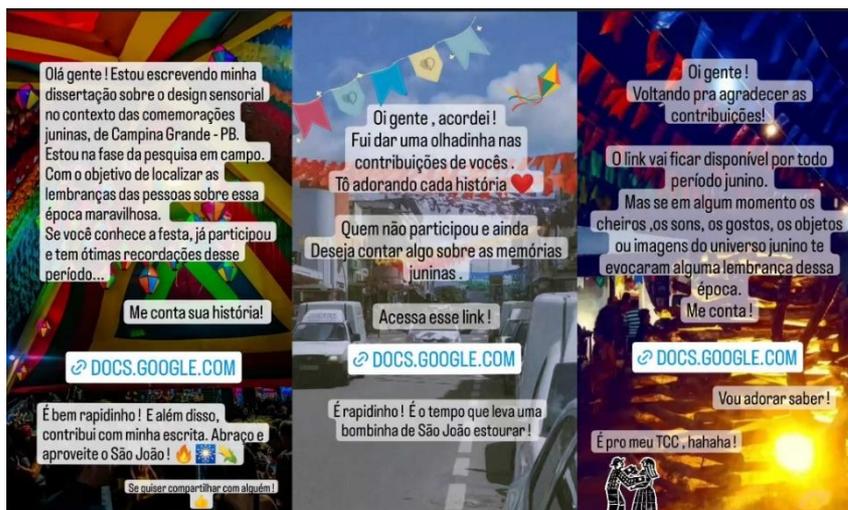
### 4.3 QUESTIONÁRIOS

Devido à problemática encontrada em relação à implementação das entrevistas durante a observação *in loco*, no espaço do Parque do Povo. Percebeu-se uma grande possibilidade de contribuição das perguntas, sobre as melhores lembranças das pessoas sobre os festejos juninos, através da técnica dos questionários. Esse tipo de coleta foi disponibilizado mediante o link (nos stories<sup>20</sup>) na rede social do Instagram, durante toda época junina do MSJM. Essa contribuição foi observada, devido à abundância de publicações encontradas nas redes sociais, que envolvia a interação das pessoas com os artefatos comemorativos dos festejos juninos. Sendo assim, foram publicados nos stories do próprio autor desta dissertação, o link para os questionários. Convidando participantes de idades, profissões e gêneros variados para participar da pesquisa. Os posts publicados contavam com uma breve explicação sobre o tema da pesquisa, e convocavam as pessoas a relatarem sobre as suas memórias sobre a época (figura 82).

---

<sup>20</sup> Nas redes sociais, um Stories é uma função na qual o usuário conta uma narrativa ou fornece mensagens de status e informações na forma de cliques curtos e limitados.

Figura 82 - Post para aplicação de Questionários



Fonte: Autor

Através da própria plataforma do Instagram, foram utilizadas nos posts dos stories: imagens, emojis<sup>21</sup> (fogueira, fogos de artifícios e milho) e figurinhas relacionados ao São João; como também músicas do gênero forró, para estimular e despertar o interesse dos participantes a responder os questionários.

Após a publicação, percebeu-se também um grande interesse de contribuição de outras pessoas sobre o tema. Então, através dos seus perfis pessoais, alguns indivíduos compartilharam o link do estudo, em suas redes sociais (figura 83).

Figura 83 - Stories de Cooperação na pesquisa



Fonte: Autor

<sup>21</sup> Emoji é um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa.

O link da publicação direcionava os participantes para a plataforma do Google Forms<sup>22</sup>; onde foi estruturado todo o questionário. Na página inicial estava apresentado o tema da dissertação: O Design Sensorial no Contexto das Festas Juninas de Campina Grande – PB, como também uma breve descrição da pesquisa.

As perguntas dos questionários foram estruturadas em três blocos, com as seguintes perguntas: O primeiro bloco em relação às lembranças (Quais são as suas duas melhores lembranças das festas juninas?); o segundo bloco em relação aos estímulos (Quais as imagens vêm a sua cabeça, quando se lembra das festas juninas? Festa Junina tem cheiro de quê? Festa Junina tem som de quê? Festa Junina tem sabor de quê?); e o terceiro bloco sobre a evocação de sentimentos (Quais sentimentos a festa junina evoca?). E contou com 47 contribuições.

Figura 84 - Página inicial dos questionários no Google Forms



Fonte: Autor

---

<sup>22</sup> Aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Os usuários podem usar o Google Forms para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários e formulários de registro.

#### 4.4 ORGANIZANDO E INTERPRETANDO AS MEMÓRIAS DAS FESTAS JUNINAS

As lembranças sobre o São João cresceram. Já conseguia localizar essas memórias através da pesquisa exploratória na internet, através da aplicação de questionários ou entrevistas, através dos comentários em publicações em redes sociais. Qualquer pessoa que relatava sua vivência com a festa junina, contava com alguma recordação dos objetos, dos sons, dos cheiros, das imagens e até mesmo dos sabores que a festa proporciona. Dessa forma, então comecei a organizar e interpretar essas lembranças.

Este tópico descreve todo o movimento de organização em busca dos artefatos comemorativos da festa junina. E foi norteado pelos estudos do psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi e do antropólogo Eugene Rochberg-Halton (1991) sobre a relação afetiva das pessoas com seus objetos domésticos e através dos estudos de Vera Damazio (2004), em sua pesquisa sobre “As coisas que fazem bem lembrar”.

O método de organização das “coisas queridas” de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1991), foi inspirado e categorizado segundo a própria fala dos entrevistados. As pessoas eram incentivadas a falar sobre quais objetos eram especiais para elas, e o porquê. Em sua grande maioria eram artefatos que evocavam lembranças e possuíam alguma relação simbólica com os seus participantes. Através desta temática, Damazio (2004), se inspirou e debruçou em seus estudos sobre os “Artefatos de memória da vida cotidiana”. Criando também categorias orientadas pelas próprias falas dos entrevistados, em relação “as coisas que fazem bem lembrar”.

Ambos trabalhos procuraram suporte teórico no campo das ciências sociais para explicar os resultados obtidos. E à medida que esses dados eram interpretados e criadas novas categorias, eram observadas outras formas de análises.

#### 4.4.1 Organização das coisas queridas

A primeira organização das coisas queridas apresentadas pelos autores Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1991), recebeu o título de categorias de objetos. E teve como finalidade identificar as classes de objetos relatadas nas entrevistas. Foram identificadas 41 categorias e nomeadas a partir dos termos mais usados pelos entrevistados para se referir aos seus objetos mais queridos, como: (1) mobiliário; (2) camas; (3) artes visuais; (4) esculturas; (5) coleções, como histórias em quadrinhos e papel de cartas, entre outras coisas apresentadas como coleção; (6) instrumentos musicais; (7) televisões; (8) aparelhos de som; (9) rádio; (10) livros; (11) fotografias; (12) plantas; (13) louças; (14) prata; (15) vidros e cristais; (16) bichos de estimação; (17) aquários; (18) aparelhos domésticos; (19) refrigeradores; (20) luminárias; (21) relógios; (22) ferramentas; (23) equipamentos esportivos; (24) prêmios; (25) equipamentos fotográficos; (26) brinquedos; (27) bichos de pelúcia e de outros materiais; (28) roupas; (29) joias; (30) colchas; (31) tapetes; (32) lareiras; (33) banheiras; (34) ambientes da casa; (35) miscelânea; (36) a casa como um todo, ou todos os seus objetos; (37) lembranças como árvores genealógicas, recortes, poesias, diários; (38) veículos; (39) telefones; (40) pátios: jardins e quintais; e (41) candelabros.

O passo seguinte foi organizar os artefatos levantados em categorias de significados. Essas categorias foram nomeadas com as palavras e expressões mais frequentes nos relatos, e organizadas em duas grandes classes: não-pessoais e pessoais.

As categorias “não pessoais” foram: (1) lembranças, subdivididos em: mementos, recordações, herança, souvenirs e “tenho há muito tempo” ; (2) associações, subdivididos em: “étnicas & religiosas”, “coleções” e “presentes”; (3) experiência, subdivididos em “contentamento”, “uso cotidiano” e “relaxamento”; (4) qualidades intrínsecas, subdivididos em: “artesanais”, “singulares” ou “peculiares fisicamente”; (5) estilo, subdivididos em objetos decorativos, de moda ou de design; (6) utilitário, com uma única categoria: que abrange os objetos valorizados pela conveniência, pela adequação às tarefas, pela economia de tempo, de dinheiro ou de energia proporcionada, ou pelo potencial de uso de investimento; e (7) valores pessoais, que abrangeu as categorias “encarnação de um ideal”, “realização” e “personificação”.

As categorias de significados “pessoais” foram: (1) Autorreferenciadas, considerou as descrições, tais como: “Eu gosto de trabalhar com ferramentas”, “Gosto de assistir TV” ou “Eu amo brincar com isso”; (2) Núcleo-familiar, que considerou descrições que destacaram esposos, filhos, pais, irmãos, avós, netos e a família como um todo; (3) parentes, baseada em descrições que mencionaram “ancestrais” e “membros da família em geral”, incluindo parentes por afinidade, como cunhados, sogros, genros e noras; e (11) não-familiares, baseada em descrições que envolveram “amigos em geral”, “associados”, “colegas”, “modelos e heróis” (como pessoas públicas que admiramos).

Os autores também categorizaram por categorias de aquisição, levando em consideração o modo como estes foram adquiridos pelo entrevistado, tais como: (1) comprados; (2) presentes; (3) herdados; (4) criados; (5) achados; (6) prêmios; (7) “passados adiante” (usados por irmãos ou parentes); (8) trocados; (9) adquiridos com mudanças de uma casa para outra, por exemplo.

Na categoria (2) de presentes, foi ainda subdividida em dois grupos: “ocasião” e “pessoas”. O primeiro grupo considerou a ocasião em que o presente foi recebido, subdividido em (1) aniversário; (2) natal; (3) casamento; (4) aniversário de casamento; (5) ocasiões religiosas; (6) ocasiões diversas. Já o segundo grupo considerou a pessoa que deu o presente, e foi subdividido em: (1) cônjuges e namorados; (2) pais e sogros; (3) avós; (4) netos; (5) filhos; (6) parentes; (7) não-parentes; (8) irmãos; (9) pessoas variadas.

#### **4.4.2 Organização das coisas que fazem bem lembrar**

Já a pesquisadora Damazio (2005), ordenou os suportes físicos de memória. Por grau de processamento. Esse grupo considera a quantidade de transformações que os artefatos são submetidos até chegar a sua forma final. E foram divididos em dois grupos: artefatos em estado natural e artefatos processados

Os artefatos em estado natural foram subdivididos em: (1) naturais humanos (como umbigos e cabelinhos); (2) “naturais animais” (como cavalos, rãs e tatuís); (3)

“naturais vegetais” (como árvores, sementes e flores); e (4) “naturais minerais” (como pedrinhas e castelos de areia. Já os artefatos processados, foram divididos em três subgrupos: “fui eu que fiz”, “conheço quem fez” e “não importa quem fez”).

As “coisas que fazem bem lembrar” também foram agrupados pela natureza formal dos objetos: (1) acessórios e adereços pessoais; (2) bebidas; (3) bichos e bonecos; (4) brinquedos; (5) comidas; (6) cosméticos; (7) utensílios e aparelhos domésticos; (8) distintivos, emblemas e insígnias; (9) enfeites e peças decorativas; (10) equipamentos esportivos e de lazer; (11) impressos datados (como passagens e ingressos); (12) impressos variados (álbum de figurinhas e santinhos); (13) ferramentas, instrumentos e equipamentos técnicos e profissionais; (14) livros; (15) material escolar; (16) medicamentos e curativos; (17) mobílias; (18) musicais; (19) personagens e (20) vestimentas.

Outro passo importante, foi organizar os artefatos conforme a função desempenhada pelos artefatos, como : (1) agradecimentos; (2) brincadeiras e diversões; (3) comemorações & festas; (4) considerações; (5) cuidados com a aparência; (6) cuidados com a saúde; (7) declarações de amor; (8) escolares; (9) hobbies e passatempos; (10) homenagens; (11) infantis; (12) prêmios; (13) profissionais; (14) recordações; (15) refeições; (16) sacros e mágicos e (17) sonos e repousos.

As “coisas que fazem bem lembrar” foram organizados por frequência de uso: (1) artefatos de “uso único”; (2) artefatos de “uso eventual”; e (3) artefatos de “uso corrente”, que pode ser subdivididas em artefatos “que lembram pessoas” ou “que lembram fases da vida”. Foram agrupadas também por acontecimentos da vida cotidiana: (1) nascimento & primeiros anos de vida; (2) crescimento e fases de transição; (3) paqueras e amores. Por “relação de posse”, como: (1) artefatos públicos; (2) artefatos de outras pessoas; e (3) artefatos do próprio entrevistado. E organizou por “meio de aquisição”, como: (1) comprados; (2) herdados; (3) feitos pelo próprio entrevistado; (4) feitos por conhecidos; (5) trocados; (6) conquistados; (7) encontrados; (8) catados e caçados; (9) doados; (10) roubados; (11) dados e (12) presenteados.

E por fim, categorizados pela natureza da relação, inspirados pelos três níveis de representação dos artefatos de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1999), o pessoal, o social e o cósmico. Em consequência, gerando três grupos: relação consigo mesmo, subdivididos em subgrupos como: (1) Artefatos de Autoreconhecimento (2); e Artefatos de memória de vivências excepcionais; relação com o “outro”, subdivididos em (1) Artefatos de Pertencimento, (2) Artefatos que inauguram relações sociais, (3) Artefatos de memória que estreitam laços sociais; (4) e em relação com o sagrado (são os artefatos que promoveram a interação do lembrante com o sagrado, com a sua fé ou divindade qualquer).

#### 4.5 ORGANIZAÇÃO DOS ARTEFATOS COMEMORATIVOS DAS FESTAS JUNINAS

A seguir, consta toda a organização e interpretação das falas dos participantes obtidas por meio dos questionários. Através das seguintes perguntas: Quais são as suas duas melhores lembranças das festas juninas? Quais as imagens vêm a sua cabeça, quando se lembra das festas juninas? Festa Junina tem cheiro de quê? Festa Junina tem som de quê? Festa junina tem sabor de quê? E quais sentimentos a festa junina evoca?

A imagens que serão apresentadas, em breve, resumem todo percurso de organização desses artefatos comemorativos, mediante blocos (tabela 1,2 e 3). E no próximo tópico (4.5.1), compõe-se toda a organização detalhada.

Tabela 1 - Organização dos Artefatos de comemoração das festas juninas

por tipo de artefato	Comidas e Bebidas Típicas	Cuidados Pessoais	Equipamentos sonoros
	Decorações e Cenografias	Manifestações Gráficas	Bonecos e Brinquedos
	Monumentos e Mobiliários Urbanos	Instrumentos Musicais	Personagens
	Vestimentas e Acessórios	Artefatos musicais	Objetos naturais
por tipo de serviço	Gastronômico	Comercial	Cultura
	Educação	Lazer	Informação e comunicação
Organização porque lembram espaços e tempos	em relação ao tempo		
	Fases da vida	Namoros, paqueras e casamentos	Fases de estudos
em relação ao espaço	em relação ao espaço		
	Espaço público	Zona rural	Áreas da casa
porque lembram pessoas	em relação ao espaço		
	Microregiões e outras cidades	Escolas	Igrejas
porque lembram pessoas	Núcleo familiar	Parentes	Não-familiares
	Artistas	Cantores e bandas de forró	Políticos

Fonte: Autor

Tabela 2 - Organização dos Artefatos de comemoração das festas juninas

<p>pela grandiosidade da festa</p>	<p>Essa organização se refere a quantidade, variedade e as dimensões dos artefatos utilizados para representar a grandiosidade da festa junina.</p>									
<p>por tipo experiência</p>	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="539 680 758 741">Encontros</td> <td data-bbox="758 680 976 741">Compra</td> <td data-bbox="976 680 1214 741">Lúdica</td> </tr> <tr> <td data-bbox="539 741 758 801">Gastronômica</td> <td data-bbox="758 741 976 801">Escolar</td> <td data-bbox="976 741 1214 801">Climática</td> </tr> <tr> <td data-bbox="539 801 758 862">Cooperação</td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	Encontros	Compra	Lúdica	Gastronômica	Escolar	Climática	Cooperação		
Encontros	Compra	Lúdica								
Gastronômica	Escolar	Climática								
Cooperação										
<p>por sentimento evocado</p>	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="539 994 758 1055">Nostalgia</td> <td data-bbox="758 994 976 1055">Felicidade</td> <td data-bbox="976 994 1214 1055">Pertencimento</td> </tr> <tr> <td data-bbox="539 1055 758 1115">Carinho</td> <td data-bbox="758 1055 976 1115">Esperança</td> <td></td> </tr> </table>	Nostalgia	Felicidade	Pertencimento	Carinho	Esperança				
Nostalgia	Felicidade	Pertencimento								
Carinho	Esperança									

Fonte: Autor

Tabela 3 - Organização dos Artefatos de comemoração das festas juninas

<b>Organização por modalidade sensorial</b>	<b>Estímulo Visual</b>	Decorações	Objetos naturais	Locais e espaços
		Vestuário	Fogos de artifícios	Ações
		Instrumentos musicais	Cores	Pessoas
		Comidas e bebidas	Ilustrações	Cenografias
	<b>Estímulo Auditivo</b>	Gênero musical	Sons do corpo humano	Sola dos Calçados
		Instrumentos musicais	Timbre de voz de cantores	Fogos de artifícios
	<b>Estímulo Olfativo</b>	Alimentos	Bebidas	Fumaças
		Perfumes	Fenômeno naturais	
	<b>Estímulo Gustativo</b>	Comidas	Alimentos naturais	Bebidas

Fonte: Autor

#### 4.5.1 Organização por tipo de artefato

Esta etapa refere-se à organização dos artefatos comemorativos. E foi organizada e orientada pela pergunta “Quais artefatos da comemoração junina identificados nas memórias das pessoas?”

1. **Comidas e Bebidas Típicas:** pamonha, canjica, queijo, milho assado, pé de moleque, bolo de milho, beiju, farinha de mandioca e tapioca; cachaças, cerveja e quentão
2. **Decorações e Cenografias:** balões, bandeirolas coloridas, letreiro, objetos e cidade cenográficas, chapéu e abano de palha, lâmpadas coloridas, mobiliários domésticos antigos, utensílios domésticos utilizadas no preparo das comidas, réplicas de casas e vilas antigas, réplica da fogueira de São João.
3. **Monumentos e Mobiliários urbanos:** pirâmide, quiosques, escadarias, palhoças, palcos.
4. **Vestimentas e Acessórios:** calça rasgada, camisa xadrez, vestido de chita, chapéu de palha, bota, roupa nova.
5. **Cuidados pessoais:** Maquiagens e perfumes.
6. **Manifestações gráficas:** Impressos de papel, logomarcas, ilustrações, capas de discos e fotografias.
7. **Instrumentos musicais e profissionais:** Sanfona, zabumba, triângulo, pífanos e câmeras fotográficas.
8. **Artefatos musicais:** Gênero (forró, xote, xaxado e baião); Letras de Música (olha pro céu, olhinhos de fogueira, Capelinha de melão); Danças (quadri-lhas juninas).
9. **Equipamentos de som:** toca-fitas, disco de vinil, aparelhos e carros de som
10. **Bonecos e brinquedos:** Parque de diversões, bonecos de pano e de milho.
11. **Personagens:** Personagens de milho do São João
12. **Fogos de Artíficos:** Traques, chuveirinhos, bomba canoa, mijão, bomba apito e beijos de moça.
13. **Meios de Locomoção:** Carroças de burro, trem do forró e ônibus do forró
14. **Objetos naturais:** milho, madeira, palha de coco, barro e árvores.

#### 4.5.2 Organização por tipo de serviço oferecido

Essa categoria foi organizada conforme o serviço que esses artefatos comemorativos podem oferecer.

1. **Gastronômico:** Quiosques, bares e restaurantes.
2. **Comercial:** stands, lojas, feiras e artesanatos.
3. **Cultural:** shows, monumentos, cenografias e decorações, apresentação de quadrilhas, grupos e cantores musicais
4. **Lazer:** mobiliários, parque de diversões, show dos fogos de artifícios.
5. **Informação e comunicação:** manifestações gráficas, letreiros, impressas e rádios.
6. **Educação:** Escola.

#### 4.5.3 Organização porque lembram espaços e tempos

Identificou-se na própria fala dos participantes que o quadro espaço/temporal é relevante no processo de evocação das lembranças sobre o festejo junino. Para o próprio Halbwachs (1990), é impossível recordarmos alguma coisa senão voltarmos para um ponto de referência. Ou seja, o quadro espacial e temporal onde o fenômeno da memória acontece.

Lembranças relacionadas ao quadro temporal:

*“Tenho boas lembranças da quadrilha junina. Da época da escola, na minha cidade do Ingá ...”*

*“Uma segunda memória é o São João de rua. O de 2006 é especial. Ano de copa do mundo. Minha mãe fez passou o chapéu na casa dos vizinhos e a gente decorou o trecho da nossa rua com bandeirinhas verde e amarelas. Pintamos a calçada também. Foi um dia único e especial.”*

Lembranças relacionadas ao quadro espacial:

*“Tenho várias lembranças, mas duas dessas várias recordações que me marcaram muito são: a primeira vez que conheci a festa e as transmissões dos jogos da*

*copa em 2014. A primeira vez que fui ao maior São João do mundo foi no ano de 2012, e fiquei encantado com a grandiosidade da festa, a cidade cenográfica, a riqueza de detalhes e a importância da festa para os Campinenses; já as transmissões da copa de 2014 era incrível, além da estrutura da festa no PP<sup>23</sup>, os telões ali instalados, deixava a copa mais divertida, sem contar com a presença dos meus amigos incríveis, que se não fossem eles esses momentos não seriam tão marcantes para mim. Viver o São João de Campina Grande é uma coisa mágica, o PP está para os campinenses, como a Disney está para os americanos.”*

*“...Nessas horas, há alguns anos atrás, meu pai mantinha a tradição de acender chuveirinhos e soltar bombinhas, junto de minhas irmãs. Há nove anos, nesse mesmo período, ganhei o melhor presente de minha vida (nascimento da filha) ...”*

Com base nos comentários das pessoas sobre o festejo junino. A categoria espaço/temporal foi organizada de acordo os seguintes questionamentos: “Em que espaço esse artefato se localizava?” e “Em qual época/tempo que esse artefato se localizava?”

- **Organização em relação ao espaço.**

1. **Espaço Público:** Parques, praças, ruas, lagos e açudes, lojas e comércios. (“... no parque do povo”), (“... na pirâmide”), (“... em frente de casa”).
2. **Zona Rural:** sítios, chácaras.
3. **Áreas da Casa:** sala, cozinha, terreiro, quintal, ou áreas verdes da casa. (“... decorar o pé de caju da minha casa ...”).
4. **Microrregiões e outras cidades:** Sertão, Borborema, Brejo, Agreste, Cariri. (“... em Campina Grande”, “... em Patos”, “... em Bananeiras”, “... em Piauí”).
5. **Escola:** Sala de aula (“... quadrilhas da escola”)

---

<sup>23</sup> Que dizer Parque do Povo.

6. **Igreja:** novenas, quermesse.

- **Organização em relação ao tempo**

Essa organização em relação ao tempo foi inspirada na fala das pessoas sobre o quadro temporal que essas lembranças evocavam.

1. **Fases da vida:** Infância, adolescência, maioridade (18 anos), gravidez.
2. **Namoros, paqueras e casamentos:** “... primeiro beijo com meu namorado...”, “... onde tudo começou com o papai.”, “casamento matuto”.
3. **Datas históricas e marcantes:** Época de São João na Pandemia, São João na Copa do Mundo 2014, Oficialização da festa do MSJM, 30 anos do MSJM. “... minha primeira vez no São João de Campina”.
4. **Fases de Estudos:** “... *Da época da escola,*”
5. **Datas religiosas:** Dias dos Santos.

Através das falas, observou-se que as recordações da festa junina na infância, foram as mais recorrentes nas falas dos participantes.

*“...Ganhei esse compacto quando tinha 7 anos de idade...”*

*“Gosto muito das festividades anuais...carnaval, São João, Natal ...cada uma delas me faz recordar um momento da minha infância...”*

*“As minhas melhores lembranças da infância são da época de São João...”*

*“...Desde criança frequentar o parque do povo, um lugar de muita festa e diversão...”*

*“Quando era pequena gostava de soltar bombinhas com meu irmão...”*

#### 4.5.4 Organização porque lembram pessoas

Essa categoria foi organizada. Porque os artefatos comemorativos lembram pessoas do núcleo familiar, amigos, bandas e cantores. E foi inspirada na seguinte pergunta: “esse artefato comemorativo lembra quem?”

1. **Núcleo familiar:** esposo (a) avós, pais, irmãos, filhos
2. **Parentes:** primos, tios
3. **Não-familiares:** amigos, namorados e vizinhos.
4. **Artistas:** designers, ilustradores e artesãos.
5. **Cantores e Bandas de forró:** Luiz Gonzaga, Dominginhos, Fagner, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Alcimar Monteiro, Zé Calixto, Flávio José, Mastruz com leite.
6. **Políticos:** prefeitos da cidade

*“... de poder ir para lá, encontrar meus avós, meus primos, ser aquela farra. Além disso, ser toda aquela lembrança da minha avó cozinhando todas aquelas comidas de São João, de milho*

*“Também tenho uma memória mais íntima, familiar, em que no dia de São João sempre soltávamos fogos eu e minhas irmãs, sob supervisão de meu pai.”*

*“...Músicas que fazem lembrar da família e amigos reunidos...”*

Este relato evidencia a releitura da logomarca do MSJM feita pelo designer William Medeiros:

*“Nos 30 anos da festa houve uma releitura feita pelo William Medeiros. Ficou bem bonito e com traços mais "atuais", digamos assim.”*

*“São João de 1981. Aí sim, era uma festa típica da época junina. No início, o Maior São João do Mundo tinha mais originalidade. Os artistas eram característicos: Luiz Gonzaga, Dominginhos, Fagner, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Alcimar Monteiro, Zé Calixto, Flávio José e tantos do mesmo quilate. O São João nordestino original, além dos trajes típicos, se constitui de pamonha, queijo, canjica, milho assado, fogueira e*

*sanfona inclusive fole de oito baixos com muito forró e quadrilha. Afora isso, não representa mais o Maior São João do Mundo...”*

Neste exemplo abaixo, o relato evidencia uma música da banda Mastruz com leite, como também evoca uma lembrança do primeiro encontro com o esposo.

*“Explodiu meu coração, feito bomba de São João! A mamãe me trouxe no lugar onde tudo começou com o papai. Se chama Parque do Povo e é lá o quartel general do Maior São João do Mundo.” (TAVARES, 2022).*

Neste outro exemplo, temos uma situação que lembra o ex-prefeito da cidade.

*“Neste mesmo ano já morava na casa da minha Tia Penha, na Av. Assis Chateaubriand no bairro da liberdade. A campanha do doutor Ronaldo pelos bairros também participei, bastante popular e tudo era assim mesmo, um terreno baldio central. Nos primeiros anos foi um pavilhão com Bandeirinhas de plástico, apresentação de quadrilhas, o som era de carro de som.”*

E evoca também, recordações dos amigos e vizinhos.

*“...Lembro de minha adolescência quando juntava os amigos pra ir andando pro pátio...”*

*“Tenho grandes lembranças com cheiros afetivos e memórias afetivas de quando o peçoal da minha rua enchia a rua com fogueiras e eu ficava na frente de casa dançando e soltando os beijos de moça, track track, chuveirinho e vários outros. Além disso a gente colocava do lado da fogueira uma grelha com a brasa e assava milho. Saudades disso!*

#### 4.5.5 Organização porque lembram a grandiosidade da festa

Essa categoria foi organizada segundo as falas dos participantes que relataram sobre a dimensão e grandiosidade da festa junina.

“As festas noturnas no sítio dos meus avós, no interior do Piauí, com muita música, decoração, comida típica e fogueira. E a primeira vez que passei as festividades juninas em Campina Grande-PB, pela atmosfera geral da cidade, as decorações, as comemorações, a vibe das pessoas, tudo a flor da pele é numa escala muito grande.”

“A pirâmide com o letreiro "O maior São João do Mundo", a escadaria lateral colorida, a imensa fogueira, a cachaçaria, as bandeirinhas cobrindo todo o pátio onde hoje se realizam os shows, as inúmeras barracas, os tabladros onde dançam as quadrilhas, as palhoças cheinhas de gente decoradas de palha, a Vila Nova da Rainha e o Sítio São João”

*“...Ainda me recordo da primeira vez que conheci tudo, e o que mais me chamou atenção e guardo na memória é a fogueira gigante exposta todo ano no parque do povo e a quantidade de bandeirola coloridas...”*

*"As minhas melhores lembranças da infância são da época de São João. Todos os anos, meu avô fazia fogueiras para as festas dos santos. A de Santo Antônio, que era sempre a primeira, ganhava uma fogueira gigante, de 1,5 m de altura"*

Sendo assim, fica evidente que os artefatos comemorativos implementados nas festas juninas. São utilizados com bastante quantidade, variedade e dimensão para fazer referência a grandiosidade da festa do “Maior São João do Mundo”. Sejam eles através do estímulo visual, auditivo, olfativo e gustativo.

#### 4.5.6 Organização por experiência

Esta etapa pretende categorizar as experiências de acordo conforme os sentimentos e ações envolvidos na interação das pessoas com os artefatos comemorativos.

Para o filósofo John Dewey, em que trata sobre a experiência em seu livro, Experiência e Educação (1938): do nascimento até a morte, vivemos em um mundo onde as pessoas se envolvem com artefatos para criar experiências. E essa interação entre

as condições externas e internas do indivíduo resulta em uma situação (MARGOLIN, 2014). Ou seja, uma experiência é uma história que surge do diálogo de uma pessoa com seu mundo por meio de uma ação, mediante aos artefatos, imagens, sons, cheiros, sabores, pensamentos e sentimentos intimamente ligados e armazenados na memória. Para o autor, depois que o indivíduo passa por uma situação, os mesmos se envolvem na construção de significados, onde as experiências podem se tornar positivas ou negativas (HASSENZAL, 2013).

Nesse sentido, essa categoria foi ordenada consoante a seguinte pergunta: “Que tipo de experiências esses artefatos comemorativos das festas juninas promovem?”

- **Experiências de encontros:** ações de beijar, reunir, encontrar, receber pessoas e presentear;

*“A melhor lembrança sem dúvidas foi o primeiro beijo com o meu namorado, há 7 anos atrás. Uma segunda lembrança, era o encontro dos amigos que ocorria na pirâmide e terminávamos dançando nas palhoças.*

*“Conhecendo o parque do povo com meus pais.”*

*“...Lembro de minha adolescência quando juntava os amigos pra ir andando pro pátio (de Caruaru kkkk) desviando das Fogueiras, mas ruas pra não chegar fedendo a fumaça na festa...”*

*“Família reunida no sítio pra colheita de milho e preparo de comida de milho, antecedia a festa à noite, mas já era uma festa em si.”*

*“...Sem contar com a presença dos meus amigos incríveis, que se não fossem eles esses momentos não seriam tão marcantes para mim.”*

*“Recordo-me de muito novo ser encantado pela magia que envolve o São João, as comidas de milho (pamonha, bolo, canjica etc.), de sentar ao redor da fogueira e das brincadeiras que embalavam a nossa noite...”*

*“O cheiro do PP não muda e é, sem dúvidas, a minha memória afetiva preferida. Além disso, é lá que todo mundo se reúne e celebra vida!”*

*“Família reunida no sítio com fogueira e comidas típicas, e receber as pessoas em casa para uma festa temática junina que organizo.”*

*“Por fim, tenho a lembrança de quando conheci, no São João de Campina Grande, minha atual namorada. Foi meu segundo São João e nos encontramos no parque do povo, onde ficamos pela primeira vez.”*

- **Experiência de compra:** ações de vestir, comprar e usar.

*“Lembro de quando era criança vestir roupa nova...”*

*“...A primeira vez que fui no Parque do Povo durante o São João. Ainda era criança. Desde os preparativos à chegada. Escolher, comprar, testa uma roupa para 'ir para o pp...”*

- **Experiência lúdica:** ações de brincar, soltar, estourar, ouvir, assistir, dançar e contemplar.

*“...brincar com os moleques na rua soltando fogos perto da fogueira e os adultos conversando e assando milho...”*

*“... eu ficava catando as bonecas no milho pra brincar...”*

*“O barulho dos fogos constantes durante a noite .... Enfim muitas lembranças boas dessa festa...”*

*“Tenho grandes lembranças com cheiros afetivos e memórias afetivas de quando o pessoal da minha rua enchia a rua com fogueiras e eu ficava na frente de casa dançando e soltando os beijos de moça, track track, chuveirinho e vários outros...”*

*“Primeira ida com amigos ao Parque do Povo, tinha 18 anos e fui assistir ao show de Zé Ramalho.”*

*“...acho que para mim essa época é história, alegria, é cor, vida, casa, e todas as minhas memórias são sempre coloridas como as bandeirolas, quentes e acolhedoras como a fogueira.”*

- **Experiência gastronômica:** ações de preparar, cozinhar, comer, beber e assar.

*“...Lembro de minha mãe ralando milho pra fazer pamonha...”*

*“Fogueira na frente de casa, com meus pais assando linguiça e milho na fogueira, enquanto eu brincava com meus primos e irmãos de soltar traque, chuveirinho, ratinho.”*

*“...O dia era longo e cansativo preparando comidas de milho. Mas a noite era longa, com direito a muito chuveiro, ratinho, bomba, cachaça e fumaça.”*

- **Experiência escolar:** ações de estudar, participar, aprender.

*“...lembro com muito carinho também das quadrilhas juninas da escola que estudei em Patos. Todas muito animadas e cheias de gente e cores!”*

*“Quando eu e minha irmã participávamos de quadrilha da escola e depois iríamos para o Parque do povo e também para o parque de diversão...”*

*“Adorava as comemorações juninas em escolas, com quadrilhas e toda a dedicação em vestir-se bem para as apresentações.”*

- **Experiência climática:** ações de sentir.

*“Um dia de chuva que estava tocando Alceu Valença e eu e meus amigos fizemos uma rodinha e dançamos na chuva chutando lama.”*

- **Experiência de Cooperação:** ações de ajudar, construir, catar, decorar, montar, pintar e entre outros.

*“Preparar a fogueira com o meu pai mesmo embaixo de chuva e no fim sempre dava certo comer junto da fogueira quentinha e depois soltar fogos!”*

*“...Uma segunda memória é o São João de rua. O de 2006 é especial. Ano de copa do mundo. Minha mãe fez passou o chapéu na casa dos vizinhos e a gente decorou o trecho da nossa rua com bandeirinhas verde e amarelas. Pintamos a calçada também. Foi um dia único e especial...”*

*“O Maior São João do Mundo”. Foi meio que uma coisa feita em cima da hora. Muitas pessoas ajudaram levando bandeirolas e objetos para ornamentar. Não havia empresa, nem equipes específicas da prefeitura. Era tudo feito pelo povo”.*

#### **4.5.7 Organização por sentimento evocado**

Este tópico foi organizado conforme os sentimentos positivos evocados na interação das pessoas com objetos. Segundo Damásio (2004), em seu texto “Em busca de Espinosa”, nós seres humanos reagimos emocionalmente a diferentes tipos de objetos e acontecimentos. E essa reação emocional aos artefatos que interagimos é acompanhada por um sentimento. Dessa forma, os artefatos comemorativos implementados nos períodos das festas juninas, não são emocionalmente neutros, eles possuem competência emocional de evocar sentimentos de toda ordem.

Com base no pensamento de Damasio, sobre as reações emocionais aos objetos do nosso entorno. A organização dos sentimentos deste tópico, foi inspirada na pergunta: “Quais sentimentos os artefatos comemorativos juninos evocam?”

- **Sentimentos de nostalgia:**

Em sua grande maioria, os artefatos comemorativos da festa junina evocam uma sensação de nostalgia. No caso dos festejos, esse sentimento está associado há momentos vivenciados em determinada época, período ou fases da vida. Havendo sempre uma retomada dos lugares vividos, das brincadeiras e das pessoas.

Remetem a uma época em que a tradição de preparar comidas típicas, realizar rituais, decorar as casas e reunir a família eram um hábito para as famílias da zona rural. E isso é evidenciado através dos signos das imagens temporais e atemporais da festa (MORIGI, 2001).

Esses signos, como trata Morigi (2001), colaboram na evocação do sentimento de nostalgia, sendo estas derivadas das modalidades auditivas, olfativas e gustativas. Sendo assim, as *imagens temporais*, remetem ao passado histórico, como as manifestações gráficas, monumentos, cenografias, indumentárias, culinária, mobiliários, utensílios domésticos, instrumentos musicais, o forró e entre outros. E as *imagens*

atemporais, que está ligado aos rituais, como os balões, as fogueiras, as bandeirolas, os fogos de artifícios e as simpatias.

Podemos identificar esse sentimento de nostalgia através das seguintes falas:

*“Agora que tô adulto, nostalgia com certeza. Mas sinto felicidade quando a festa tá chegando e satisfação de saber que a festa continua viva, apesar das mudanças que houveram com o tempo.”*

*“É sempre um sentimento nostálgico, por ser algo tradicional e ter sido criado seguindo os ritos de cortar as bandeiras pra enfeitar o terraço, descascar o milho pra ir moer no quintal de casa em bacias e caldeirões grandes, ver minha biza junto com as mulheres da casa cozinhando o dia todo, e quanto eu ficava no calor da cozinha sentindo aquele cheiro e esperando o caldeirão pra raspar o tacho...”*

*“... as festinhas que minha família fazia no sítio que nós morávamos na zona rural de Bom Sucesso, cidade do sertão paraibana. Recordo-me de muito novo ser encantado pela magia que envolve o São João, as comidas de milho (pamonha, bolo, canjica etc.), de sentar ao redor da fogueira e das brincadeiras que embalavam a nossa noite.”*

O estado de nostalgia promovido pelas festas juninas é evocado com bastante ênfase pelas lembranças da infância. Em grande maioria, são relatos que descrevem as tradições que eram realizadas durante a época.

*“Hoje coloquei algumas músicas de forró que antes só tocavam no toca-fitas. Quando chega próximo ao mês junino as lembranças da minha infância sempre vêm com muita força...”*

*“... saberei guardar num recanto escondido das minhas memórias os tempos da meninice, das quadrilhas tradicionais e dos jogos em torno do incandescente fogo, sob o balanço melodioso do forró autêntico.”*

Além das imagens, os sons promovidos pelos artefatos musicais também evocam esse sentimento nostálgico.

*“Quando escuto essa música, principalmente em junho, sinto uma emoção indescritível. Faz um bolo na goela e os olhos lacrimeja. Saudades, paz, família, infância e felicidades mil.”*

- **Sentimento de felicidade:**

Outro ponto importante que podemos destacar é a promoção do sentimento de felicidade que os artefatos comemorativos promovem. Sejam através das experiências lúdicas, da variedade de cores, das decorações e dos encontros com amigos e parentes que o festejo promove.

Podemos exemplificar, através das seguintes falas:

*“Considero um Natal fora de época, traz felicidade pra família”*

*“Alegria, de viver esses momentos com amigos; saudades dos momentos felizes vividos em festas passada e das pessoas; encanto, pelas decorações e riqueza das festas.”*

Essa sensação de felicidade pode ser comparada com a felicidade sentida em épocas comemorativas de Natal. Apesar do seu ato fundador ser em homenagem ao nascimento de Jesus. É um período que podemos encontrar também, as decorações e cenografias, o estreitamento das relações sociais, as trocas de presentes e as homenagens ao nascimento de uma divindade. Nesse caso, pode-se dizer que esta mesma sensação de felicidade pode de ser sentida também em épocas de São João. Evocados através das músicas ou comidas típicas que a festa promove, e estimulados pelas ações de dançar, cantar, comer, contemplar e cheirar.

*“Alegria, muita vontade de dançar e cantar e sempre vontade de comer milho assado.”*

*“... quando dá meia-noite em ponto, os fogos de artifício estouram e começa a tocar esse sucesso de Luiz Gonzaga. É um momento bem emocionante para mim.”*

A sensação de felicidade, pode ser evocada mediante a percepção dos artefatos lúdicos que a festa junina proporciona. Segue o exemplo:

*"A fogueira sempre grande e linda na porta das casas. O chão de terra. As bandeirinhas tremeluzindo no alto e colorindo as ruas. O cheiro de milho assando no fogo e o forró de Luiz Gonzaga na vitrola.*

- **Sentimento de pertencimento:**

Através dos artefatos comemorativos as pessoas se sentem representadas, orgulhosas, reconhecidas, inclusas e pertencentes a uma determinada cultura e contexto. No caso das tradições juninas de Campina Grande - PB, podemos destacar essa identificação através dos objetos, das imagens, dos sons, dos sabores e dos cheiros que fazem parte das lembranças compartilhadas da população.

Segundo Halbwachs (1990), o núcleo das tradições é a própria memória coletiva. Nesse sentido, é através da própria memória coletiva que favorecemos a evocação desse sentimento de pertencimento.

*"Provoca sentimento de alegria e de orgulho, principalmente para quem é do Nordeste por se tratar de uma festa tão típica e histórica."*

*"O São João é muito mais que uma festa, é um grande momento de celebração da cultura nordestina. Fico arrepiado com as músicas, as cores e a alegria que envolve essa festa."*

*"Me traz alegria, tradição, pertencimento, conexão com minhas raízes nordestinas."*

As festas juninas como podemos observar. Evoca essa sensação de sentir pertencido a um determinado contexto. Essa promoção é realizada pela celebração daquilo que é característico da comunidade. A músicas de forró, por exemplo, possui essa finalidade de manter viva as tradições.

*"São João de 1981. Aí sim, era uma festa típica da época junina. No início, o Maior São João do Mundo tinha mais originalidade. Os artistas eram característicos: Luiz Gonzaga, Dominginhos, Fagner, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Alcimar Monteiro, Zé Calixto, Flávio José e tantos outros."*

Existem pessoas que mesmo não fazendo parte do contexto das festas juninas. Ao conhecer o lugar e vivenciar essas tradições, se sentem pertencidas e identificadas com a situação.

*“...é impossível não sentir a energia que a tradição traz, hoje me sinto mais parai-bana e com certeza essa se tornou minha época do ano mais bonita. É sempre bom poder ter memórias gostosas marcadas por um local.”*

- **Sentimento de carinho:**

Esse sentimento é representado pelas atitudes de cuidado, acolhimento e bem-estar que os artefatos comemorativos proporcionam. Como também, das possibilidades de estreitamento e promoções das relações sociais. Isso pode ser identificado, por exemplo, no ato de trocar presentes nos dias dos namorados (Dia de Santo Antônio); na possibilidade de reunir a família; e na escolha dos padrinhos de fogueira.

A possibilidade de rever a família e reuni-la em volta da fogueira promove com bastante destaque essa sensação de dedicação e carinho. Podendo ser observadas nas falas, com ações de compromisso, cuidado e gentileza, como também, nas práticas de criar vínculos e afetos.

*“Quando morava com meus pais era uma sensação de encontro familiar e bater papo, hoje em dia não tem mais a magia de antigamente.”*

*“Família reunida no sítio pra colheita de milho e preparo de comida de milho, antecedia a festa à noite, mas já era uma festa em si...”*

*“ Outro momento marcante eram os batismos de fogueira. Guardo na memória com muito afeto esses compromissos. Quando escolhíamos nossos padrinhos de São João, dávamos as mãos e cantávamos ...”*

Um ponto importante na evocação do sentimento de carinho. São as lembranças que evidenciam o zelo no preparo das comidas e das fogueiras.

*“...Um das melhores lembranças são da minha vó, cantando milho para fazer as comidas típicas.”*

“Preparar a fogueira com o meu pai mesmo embaixo de chuva e no fim sempre dava certo comer junto da fogueira quentinha e depois soltar fogos!”

- **Sentimento de esperança:**

Outro sentimento bastante evidenciado nas falas dos participantes foi a sensação de esperança. Na sua grande maioria esse sentimento de aguardo e espera, tem relação com os pedidos e simpatias que são realizadas as divindades. Como também, se associam às expectativas das pessoas em reviver à festa.

No que se refere à fé e as divindades. Alguns rituais (atemporais) da festa, possuem um vínculo metafórico com as divindades juninas. Por exemplo, o costume de soltar balões, está associado com a realização de pedidos aos santos, e o ato de fazer simpatias, para conseguir um namorado ou casamento. Mas existe também, a sensação de expectativa com relação aos costumes praticados durante a época, como: a esperança de rever a família e amigos, ou o lugar onde nasceu; à espera de acender fogueiras em homenagem aos santos e reunir a família em volta; a expectativa de se apresentar ou competir nas quadrilhas juninas; ou até mesmo a expectativa de aguardar a hora (meia-noite) para contemplar a queimas de fogos em homenagem ao santo São João.

“Assistir/participar de quadrilhas juninas e acender fogueira nas datas religiosas.”

“... Meia noite a gente corria para as esquinas, onde dava para ver melhor o céu e os fogos do Açude Velho em homenagem a São João....”

“... Na escola teve quadrilha, meu sonho era ser o noivo...”

“...Como não moro na minha cidade natal, a época junina é sempre uma oportunidade de matar a saudade dos meus pais que vem até Campina Grande ...”

#### **4.5.8 Organização por estímulo sensorial**

Essa categoria foi organizada a partir dos seguintes questionamentos: Quais as imagens vêm a sua cabeça, quando se lembra das festas juninas? Festa Junina tem cheiro de quê? Festa Junina tem som de quê? Festa Junina tem sabor/gosto de quê?

Esses questionamentos foram realizados com objetivo de interpretar e organizar os estímulos evocados pelos participantes, de acordo com sua modalidade sensorial.

- **Estímulo visual:**

1. **Decoração:** bandeirolas, fogueiras, balões, decorações de palha e réplicas de objetos.
2. **Cenografia:** Cidade cenográfica, cenários
3. **Vestuário:** chapéu de palha, roupas floridas, tecidos estampados (xadrez e floral/chita), roupas de frio, botas.
4. **Instrumentos Musicais:** Sanfona, zabumba, triângulo, quadrilhas juninas.
5. **Comidas e Bebidas:** Mesas com comidas típicas e garrafas de cachaça.
6. **Objetos Naturais:** milho, madeira para a fogueira
7. **Fogos de Artíficos;**
8. **Cores:** cores variadas e vibrantes, bandeirolas coloridas, amarelo da comida de milho.
9. **Ilustrações:** Xilogravuras e personagens de milho.
10. **Locais e espaços:** o parque do povo, festa no arraial da Serra, fogueiras nas ruas, palco do parque do povo, a pirâmide do parque do povo, quintal de casa.
11. **Ações:** sorrir, dançar, brincar, tocar instrumentos, assistir quadrilhas ou contemplar.
12. **Pessoas:** núcleo-familiar, amigos, cantores e bandas de forró (Luiz Gonzaga, trios de forró), as quadrilhas juninas e o casal de noivos

- **Estímulo Olfativo**

“...Festa em família tem cheiro de comida de milho e fogueira/fumaça. Em eventos tem cheiro de comida de barraquinha de rua, cerveja e perfume amadeirado.”

1. **Alimentos:** comidas de milho (canjica e pamonha, mungunzá e pipoca); mandioca (tapioca).
2. **Bebidas:** cachaça e cerveja.

3. **Fumaça:** madeira queimada e pólvora dos fogos de artifícios.
4. **Perfumes:** amadeirado.
5. **Fenômenos naturais:** cheiro de terra molhada.

- **Estímulo Auditivo**

1. **Gênero musical:** forró, pé-de-serra.
2. **Sons do corpo humano:** batidas do coração.

*“Tem som de forro, mas também de batida de coração.”*

3. **Calçados:** solas dos calçados

*(“...som das chinelas no chão conforme a música...”, “... dos pés arrastando durante a dança de forró...”)*

4. **Instrumentos musicais:** sanfona, triângulo e zabumba.
5. **Timbre de voz de cantores:** Marinês, Flávio José, Luiz Gonzaga.
6. **Fogos de artifícios:** traques, bombas, chuveirinhos e etc.

*“...os fogos estourando, os traques estourando nas brincadeiras infantis.”*

- **Estímulo gustativo**

1. **Comidas:** de milho (canjica e pamonha); comidas diversas (torresmos, caldinho verde, doces com canela).
2. **Alimentos naturais:** milho-cozido ou assado, amendoim, mel, limão, canela
3. **Bebidas:** Alcoólicas (cachaças, cerveja, cana com mel e limão); não alcoólicas (chocolate quente e café).

*“Gosto de uma boa pamonha e canjica, de um milho assado, um chocolate quente pra espantar o frio.”*

## 5 CONCLUSÕES

No contexto das comemorações juninas, de modo geral, foram observados que os objetos simbólicos que compõem todo universo dessas práticas comemorativas funcionam como suportes de memória. Seja através das músicas, dos artefatos, das imagens, da culinária e entre outros. Nesse sentido podemos dizer que os artefatos comemorativos são constantemente convocados com a função explícita de estimular a nossa memória. Oferecendo informações sobre nossas histórias, tradições e identidades.

A festa junina integra, em torno de si, um conjunto de informações sensoriais na qual se ancora as tradições desses festejos. Signos esses transmitidos anos após anos, através da cultura material. Sejam elas manifestadas pelas imagens, pelos sons, pelos ritmos, pelos cheiros ou sabores; com a finalidade explícita de conservar e manter as suas raízes.

Nesse sentido, observamos que as comemorações juninas de Campina Grande – PB são reconhecidas como um importante dispositivo de comunicação da memória coletiva. Enriquecidas por um vasto campo de imagens, objetos, sons, gostos e cheiros que atuam como suporte de informação, principalmente porque se dedicam em manter, compartilhar e promover as tradições e identidades dos grupos, com uma grande predisposição para as informações sensoriais visuais, auditivas e olfativas. Segundo Massimi (2009), às comemorações e os festejos da vida cotidiana se utilizam com frequência das potências psíquicas sensoriais, principalmente pela arte da retórica, para transmitir conhecimento e implementar práticas no grupo, com a finalidade de evocar vivências e sentimentos coletivos. Isso fica evidente nos relatos encontrados na etapa exploratória, onde a música, a fotografia e os cheiros são utilizados como estratégia de evocação das lembranças sobre o festejo.

Constatamos que na maioria, esses artefatos comemorativos se tornaram símbolos (ou convenções) representativos da festa, carecendo serem estudados com maior profundidade, pelo design de informação, e em específico pelo campo do design sensorial; quando se utiliza dos sentidos para transmitir informação de valor e significado através dos signos temporais e/ou atemporais da festa.

Notamos, também, que os artefatos comemorativos juninos possuem uma carga emocional elevada. Isso ocorre em função da variedade de estímulos sensoriais que o festejo promove, como pelos aspectos subjetivos que esses objetos impulsionam. Evocando pessoas, lugares, épocas, músicas, experiências e sentimentos. Segundo Norman (2008), a forma que reagimos aos objetos têm pouca relação com a aparência e uso que desempenharam, mas está totalmente vinculado aos significados e associações atribuídos na sua interação. E essas associações têm correlação com as lembranças que elas permitem evocar.

Na observação in loco, no parque do povo, percebemos que o estímulo visual é a modalidade sensorial mais empregada no festejo. Seja através das decorações, das cenografias, dos stands das marcas, das manifestações gráficas e das ilustrações que referenciam a festa. No entanto, percebe-se que a amplitude de sua implementação, camufla a perda de identidade que essas comemorações vêm sofrendo na atualidade. O festejo, que eram antigamente intitulados como rústico e com característica popular, abrem espaço para espetacularização da festa, e com o uso excessivo de cenografias; com referências de cenários urbanos. Essa mesma problemática foi observada nas quadrilhas juninas, através da implementação de novos adereços, roupas glamourosas e coreografias estilizadas; superando a denominação de linguagem matuta e se aproximando ao estilo carnavalesco.

Essa constatação sobre a espetacularização da festa, pode ser observada no seguinte fala do participante em relação às suas lembranças: *“A pirâmide com o letreiro “O maior São João do Mundo”, a escadaria lateral colorida, a imensa fogueira, a caçaria, as bandeirinhas cobrindo todo o pátio onde hoje se realizam os shows, as inúmeras barracas, os tablados onde dançam as quadrilhas, as palhoças cheinhas de gente decoradas de palha, a Vila Nova da Rainha e o Sítio São João. A festa era menos cenográfica e muito mais popular”*.

Essa mesma situação, de perda de identidade, foi percebida na observação dos estímulos auditivos e olfativos em campo. Apesar do forró ser o ritmo oficial das festas de São João, nota-se que a música sertaneja vem conquistando esses espaços que antigamente pertenciam aos estilos musicais como: o pé-de-serra, xaxado, xote e

baião. Em relação à modalidade olfativa, verificamos uma carência de cheiros que remetem aos aromas tradicionais do festejo, favorecendo outros tipos de odores que não simbolizam os festejos juninos.

A respeito da vila Sítio São João, percebe-se que o ambiente simula de maneira significativa as raízes nordestinas. Suas referências de festa popular, com possibilidades de visitação e de estímulos variados que o local fornece. Permite que os participantes se sintam motivados em experienciar o lugar. Isso pode ser notado, através da simulação da casa de sítio, dos utensílios e mobiliários característicos da zona rural; das bodegas antigas, com variedades de artefatos e embalagens característicos da época; as igrejinhas antigas e seus objetos sacros; e dos processos artesanais de produzir farinha, rapadura e louças de barro.

A respeito dos métodos de observação in loco e dos questionários com as falas dos participantes. Observamos que as duas técnicas implementadas permitiram realizar uma comparação, dos estímulos que eram mais efetivos, no espaço do parque do povo, e quais os estímulos eram mais referenciados nas lembranças das pessoas. Notamos que a modalidade visual e auditiva, na observação em campo, se aproxima dos estímulos evocados nas lembranças dos indivíduos sobre a festa junina. Mas em relação à modalidade olfativa, percebemos uma grande diferença. Os aromas estimulados pela culinária da festa, como exemplo, o cheiro das comidas de milho (canjica e pamonha), eram os mais evidenciados nas memórias dos foliões. Contudo, na observação em campo, os aromas mais estimulados eram das massas, alimentos fritos (como pastel, coxinha, churros), crepes e sorvetes.

Observamos também que os artefatos comemorativos implementados no lugar, propõem sempre construir essa relação com a grandiosidade da festa. Dessa forma, percebemos o extenso número de cenários e cenografias utilizados no espaço, o uso considerável de decorações e cores, o dimensionamento da fogueira, como também a variedade gastronômica e os ambientes musicais. Com o intuito de referenciar o nome “O Maior São João do Mundo”, e os trinta em um dia de festa que a cidade oferece.

Através das falas dos participantes, percebemos que alguns artefatos eram citados como multissensoriais. Como, por exemplo, os fogos de artifícios e a fogueira junina; ambos favorecem na percepção dos sentidos visuais, olfativos e auditivos. Retomando a hipótese proposta pelo designer, Jinsop Lee. Que quanto mais os artefatos fossem percebidos por outras modalidades sensoriais, mais próximos eles estariam da experiência sensorial perfeita; em função desse envolvimento intenso dos outros sentidos.

Detectamos também o uso do design sinestésico em algumas das ilustrações e manifestações visuais disponíveis. Como exemplo da marca Boticário, que além de proporcionar o estímulo olfativo através dos seus perfumes, evocava os sons da festa junina, através do formato da sanfona no seu stand. Temos também o monumento da fogueira, que além de promover o estímulo visual, evocava o sentido olfativo; através da emissão de gelo seco no topo da fogueira, remetendo o odor da fumaça. E a mesa de comidas típicas na vila Sítio São João; apesar dos elementos utilizados serem apenas cenográficos, a sua finalidade era evocar os cheiros e os sabores dos alimentos da cultura das festas juninas. Para Lupton e Lipps (2018), os sentidos também se fundem e se misturam, desencadeando ou amplificando outras modalidades sensoriais.

Percebemos que a todo momento os artefatos juninos estavam em sinergia com as outras modalidades sensoriais. Esse fenômeno foi observado entre os sentidos olfativos e gustativos. Em ambos os casos, identificamos que as comidas típicas eram citadas com recorrência pelos participantes; sugerindo a possibilidade dos aromas evocarem também os sabores. Para Lindstrom (2007), o olfato e o paladar estão intimamente relacionados. E a maioria das descrições que temos do olfato estão associados com a comida. Nesse sentido, quando evocamos o cheiro relacionado a culinária da festa, estamos relembrando também os sabores.

Em relação aos sentimentos evocados pela cultura material afetiva dos festejos juninos. Identificamos uma variedade de sensações. Em sua grande maioria, esses artefatos comemorativos despertam o sentimento de nostalgia, porque recordam pessoas, artistas, lugares, épocas, sons, sabores e cheiros. Evocam um sentimento de

felicidade, principalmente em função das vivências lúdicas e divertidas que a festa possibilita. Promove o sentimento de pertencimento, porque os indivíduos se sentem representados, orgulhosos, reconhecidos e identificados com a cultura nordestina. São objetos que evocam sentimento de carinho, pela possibilidade de desenvolvimento de afeto nas relações sociais. E se sentem também esperançosos, em virtude da festa se associar as suas crenças e divindades, como também da expectativa de reviver o espírito junino todos os anos.

Propomos para pesquisas futuras. Um estudo aprofundado desses artefatos comemorativos de caráter isolado. Com objetivo de identificar, na interação das pessoas com esses objetos, quais as propriedades de informação sensorial são relevantes. Recomendamos também uma avaliação da experiência sensorial, afim comparar a vivência do festejo anterior com o atual. Propõe-se, também, um estudo do design sinestésico, considerando a grande possibilidade comunicacional entre as modalidades sensoriais; identificando técnicas de informação utilizadas para evocar outro sentido, seja ele através das formas, das cores, dos sons e dos cheiros. E sugerimos também, a aplicação desta mesma metodologia em outros tipos de contextos de festejos populares; ampliando os estudos do design de comemorações.

Esta dissertação propõe trazer considerações para o design além do visual. Levando em conta que a atividade do design de informação é multissensorial, conforme Lupton e Lipps (2018), design é entender o mundo dos sentidos, percebendo novas sensações para enriquecer e melhorar a vida cotidiana. Nesse sentido, quanto mais os designers se abrem para a prática e pesquisa de outras dimensões sensoriais, mais aumentam suas habilidades e ampliam o alcance e as influências do design.

Sendo assim, compreender aquilo que é percebido pelas pessoas é essencial para qualquer projeto de design. Os sentidos desempenham um papel vital na experiência humana, e nas emoções ligadas a ela, principalmente porque é através dessas informações sensoriais que interpretamos o mundo ao nosso redor. Nas práticas das comemorações juninas, como campo de observação para esta pesquisa, observa-se uma grande promoção de estímulos, seja através do cheiro de pólvora queimada, da lenha da fogueira ou do aroma das comidas; dos sons dos instrumentos, das músicas

de forró, dos ruídos dos fogos de artifícios; da cenografia da fogueira de São João, das bandeirolas, dos balões e de toda decoração que compõem o universo da festa, tudo isto promovendo com bastante efetividade às experiências sensoriais, e além disso, oferecendo vários insights que poderão contribuir em futuros projetos do design sensorial/emocional para o campo das comemorações.

Logo, as percepções das coisas chegam em grande medida em nossa consciência por meio dos sentidos, enquanto os sentidos filtram o mundo exterior através dos significados adquiridos, no contexto do quais estamos participando. Essas sensações funcionam não apenas como portadores de informação do meio externo, mas como protetores da nossa integridade, nos alertando sobre perigos, proporcionando relaxamento, evocando lembranças, promovendo a diversão, auxiliando no aprendizado e favorecendo no compartilhamento das tradições e identidades de um grupo, como se observa nas comemorações juninas. Mas do que fontes de conhecimento e significado, eles servem como avenida para as reações emocionais, cujos limites podem variar em termos culturais e individuais.

## REFERÊNCIAS

ACKERMAN, D. Uma história natural dos sentidos. Rio de Janeiro, Bertrand, 1996

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M, de. A necessária presença do outro, mas qual o outro? Reflexões acerca das relações entre história, memória e comemorações. In: História, memória e comemorações - ANPUH-PB/Rodrigo Ceballos; Josineide da Silva Bezerra (Orgs). Campina Grande: EdUFCG, 2012. p. 11- 25.

BARBOSA, A. C. de M. A. Cada lugar na sua coisa: um estudo sobre os suvenires do Alto do Moura através da dimensão semiótica do design e da cultura turística. Tese (Doutorado) Pós Graduação em Design, UFPE, Recife, 2019.

CARDOSO, R. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Design and order in everyday life in the idea of Design. V. Margolin and R. Buchanan, Eds. MIT Press, Cambridge, MA -1995 (118-126).

CSIKSZENTMIHALYI, M. ROCHBERG-HALTON, E. The meaning of things: domestic symbols and the self. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

DAMÁSIO, A. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, A. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMAZIO, V. Design, memória e emoção: uma investigação para o projeto de produtos memoráveis. Cadernos de Estudos Avançados em Design: EMOÇÃO (Collection of Advanced Studies in Design: Emotion), 2013.

DAMAZIO, V. M. Artefatos de memória da vida cotidiana: um olhar sobre as coisas que fazem bem lembrar. Rio de Janeiro: Programa de Pós graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 2005.

DISTRITO FEDERAL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei N.º 943-B, DE 2019. Reconhece as festas juninas como manifestação da cultura nacional. Disponível em <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1744573](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1744573)> Acesso em janeiro de 2023.

DUVIGNAUD, J. Festas e Civilizações. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1983.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Artmed editora. 2º ed. São Paulo. 2008.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In JANCSO, I & KANTOR, I (orgs). Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Ed. Hucitec./EDUSP, 2001. Volume II.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vertice, 1990.

HASSENZAHN, M. Designing moments of meaning and pleasure. Experience, design and happiness. International Journal of Design, 2013.

HAVERKAMP, M. Synesthetic design: handbook for a multisensory approach, 2009.

HOBSBAWN, E., RANGER, T. A invenção das tradições, 1997.

HOCKENBURY, D H. Descobrimos a psicologia. In: Descobrimos a psicologia. 2ª ed. 2003

INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Educação, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

JOÃO, M. I. Memória e comemoração. História Revista, v. 8, n. 1, p. 3, 2003

KAWASAKI, Y. Design gráfico sinestésico: a relação da visão com os demais sentidos na comunicação. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.

KRIPPENDORFF, K. Design centrado no usuário: uma necessidade cultural. In: Estudos em Design, V. 8, n. 3. Rio de Janeiro: Associação de Ensino de Design do Brasil, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos da metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMYR, D. Um desenho diferente da festa junina: pandemia mexe na tradição. Rádio Brasil de Fato. São Paulo. 2020. Disponível em < <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/29/um-desenho-diferente-da-festa-junina-pandemia-mexe-na-tradicao> > Acesso em dezembro 2023.

LANVERLY, A. R. Os inigualáveis cheiros do São João. Alagoas. Gazeta de Alagoas. 2021. Disponível em < <https://d.gazetadealagoas.com.br/opiniao/329355/os-inigualaveis-cheiros-do-sao-joao> > Acesso em setembro de 2022.

LIMA, E. C. de A. A Fábrica dos Sonhos: A Invenção da festa junina no espaço urbano. 2ª Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2008, 201p.

LINDSTROM, M. Brand Sense: build powerful brands through touch, taste, smell, sight, and sound. New York: Free Press, 2007.

LUPTON, E; LIPPS, A. The senses: design beyond vision. Nova York: Chronicle Books, 2018.

MALINOWSKI, B. Os argonautas do pacífico ocidental: introdução: objeto, método e alcance desta investigação, 1997.

MARGOLIN, V; MOREIRA, C. K. A política do artificial: ensaios e estudos sobre design. Civilização Brasileira, 2014.

MASSIMI, M. Imagens, dinamismo sensorial e elaborações retóricas no Brasil colonial. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology, v. 43, n. 2, p. 374-382, 2009.

MIGUEZ, P. A festa: inflexões e desafios Contemporâneos In: RUBIM, L. S. O.; MIRANDA, N. M. Estudos da festa. Salvador: Coleção CULT, n.11, p.33, EDUFBA, 2012.

MILLER, D. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORIGI, V.J. *Imagens Recortadas, Tradições Reinventadas: as narrativas da festa Junina em Campina Grande - Paraíba*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2001.

MORIGI, V.J. Festa Junina: hibridismo cultural. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 18, n. 2, 2002.

NEVES, J. D. *Sobre projetos para todos os sentidos: contribuições da arquitetura para o desenvolvimento de projetos dirigidos aos demais sentidos além da visão*. Dissertação (mestrado) Departamento de Artes & Design, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2011.

NOBREGA, Z. A festa do Maior São João do Mundo In: RUBIM, L. S. O.; MIRANDA, N. M. *Estudos da festa*. Salvador: Coleção CULT, n.11, p.33, EDUFBA, 2012.

NORMAN, D. A. *Design emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia*. Rocco, 2008.

ONO, M. M. *Design e cultura: sintonia essencial*. Curitiba: Edição da Autora, 2006.

RAMALHO, E. *Minhas melhores lembranças de infância são do São João*. Nossa Uol. 2020. Disponível em < <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/06/18/o-sao-joao-de-elba-ramalho-quando-toca-forro-o-coracao-acelerou.htm> > Acesso em janeiro de 2023.

RAYNAUD P. *La comemoración: ilusion ou artifice?* *Le Debat*, nº 78, jan.-fev. 1994, pp. 104-6.

Retalhos Histórico de Campina Grande (RTDH). *Memória: O Parque do Povo*. 2012. Disponível em < <http://cgretalhos.blogspot.com/2012/06/relembrando-grandes-temas-juninos-ix.html#comment-form> > Acesso em setembro de 2022.

Retalhos Histórico de Campina Grande (RTDH). *Memória: O Parque do Povo*. 2017. Disponível em < <http://cgretalhos.blogspot.com/2017/06/memoria-o-parque-do-povo.html#.Yy30FXbMLIU> > Acesso em setembro de 2022.

Retalhos Histórico de Campina Grande (RTDH). Maior São João do Mundo de 1987. 2016. Disponível em < <http://cgretalhos.blogspot.com/2016/06/video-o-maior-sao-joao-do-mundo-de-1987.html#comment-form> > Acesso em setembro de 2022.

ROMERO, F. Maior São João do Mundo: modernidade versus memória?. Paraíba-Online. 2017. Disponível em < <https://paraibaonline.com.br/colunistas/maior-sao-joao-do-mundo-modernidade-versus-memoria/> > Acesso em março de 2022.

SAITO, H. From Collective Memory to Commemoration. In Handbook of Cultural Sociology, London: Routledge, p. 629-638, 2010. Disponível em: < [https://ink.library.smu.edu.sg/soss\\_research/1897/](https://ink.library.smu.edu.sg/soss_research/1897/) > Acesso em dezembro de 2022.

SHEDROFF, N. Experience Design 1.1 book (design, writing, and production). New Riders, San, 2009.

TAVARES, R. Explodiu meu coração. Campina Grande. 21 de jun. 2022. Instagram: @ raizamadjetavares. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CfF13IZN7Dh/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CfF13IZN7Dh/?utm_source=ig_web_copy_link)> Acesso em setembro de 2022.

VELOSO, L. Minhas melhores lembranças de infância são do São João. Nossa Uol. 2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/06/22/para-lucas-veloso-sao-joao-de-2020-sera-mais-reflexivo-e-menos-festiv.htm>> Acesso em janeiro de 2023.